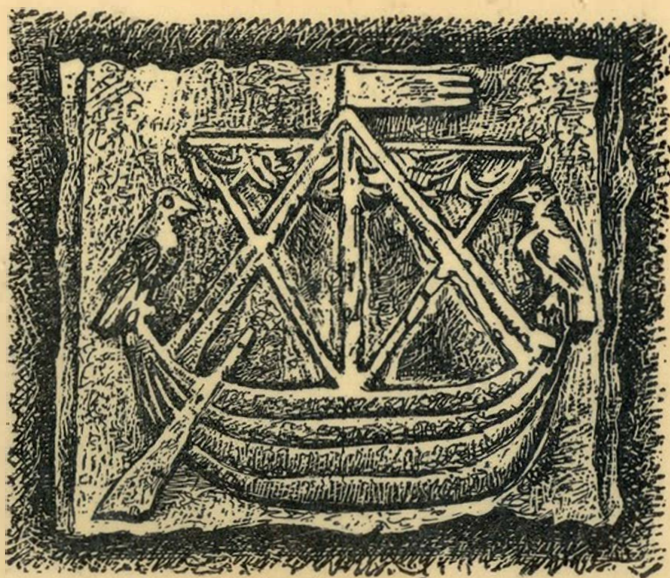


NORBERTO DE ARAÚJO

INVENTÁRIO *DE* LISBOA

Fascículo 1



Edição da
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

INVENTÁRIO
DE
LISBOA



2

Capa de MARTINS BARATA
Ilustrações de J. ESPINHO

LX: 719
ARA

DEPÓSITO LEGAL
N.º 807. 1944

O. C. 6'

A.

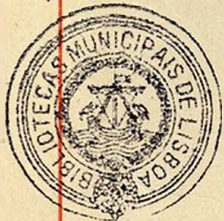
(M)

INVENTÁRIO DE LISBOA

por

NORBERTO DE ARAÚJO

A 52719



C. M. L.

1 9 4 4

3

908 (469.411.6)
719 (469.411.6)
725/728 (469.411.6)

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
ART AND HISTORY
OF THE
CITY OF BOSTON

INVENTÁRIO
DE LISBOA

SUMÁRIO

INVENTÁRIO DE LISBOA

SUMÁRIO

1 MONUMENTOS HISTÓRICOS

2 CERCAS E DEFESAS

3 PALÁCIOS NACIONAIS E MUNICIPAIS

4 PALÁCIOS PARTICULARES

5 CASAS HISTÓRICAS

6 CASAS PITORESCAS

7 IGREJAS PAROQUIAIS

8 NÃO PAROQUIAIS E ERMIDAS

9 EDIFÍCIOS CONVENTUAIS

10 EDIFÍCIOS PÚBLICOS

11 NAUS E BRAZÕES

12 PELOURINHOS E OBELISCOS

13 ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA

PATIOS E CURIOSIDADES 23

PARQUES E JARDINS 22

MUSEUS — ARTE OLISIPONENSE 21

ESTATUAS E MONUMENTOS 20

AZULEJOS E REGISTOS 19

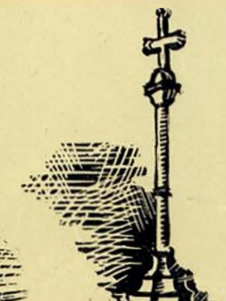
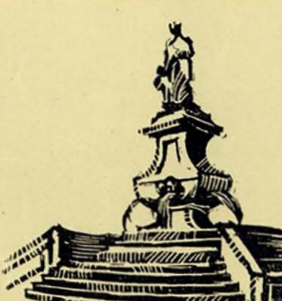
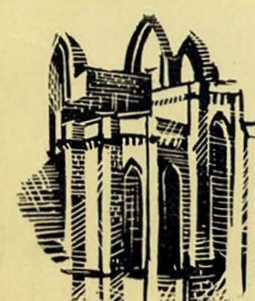
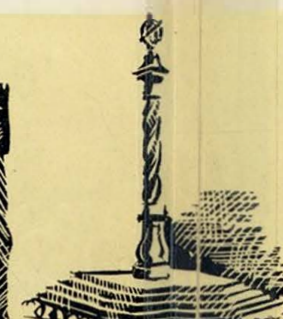
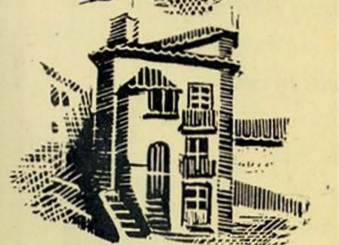
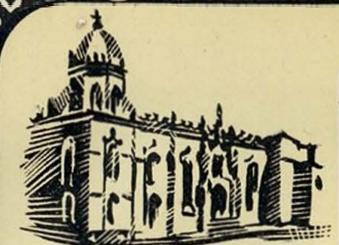
ARCOS E VIADUTOS 18

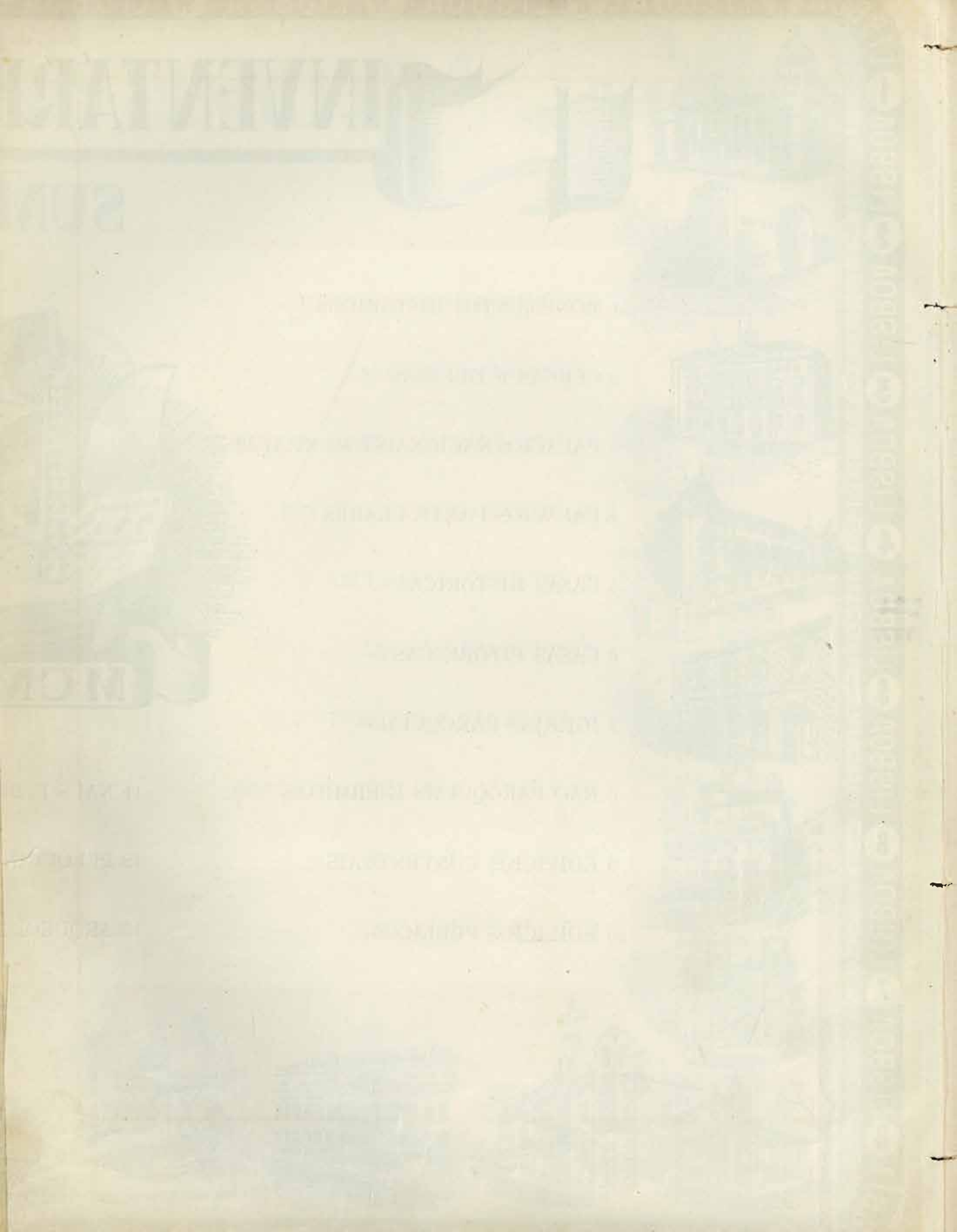
TÚMULOS E PANTEÕES 17

PÓRTICOS, PORTAIS E JANELAS 16

CRUZEIROS E PADRÕES 15

CHAFARIZES E BICAS 14





RAZÃO DO INVENTÁRIO

Entre tantas publicações, felizmente já editadas, à cerca de Lisboa, nenhuma existe que mostre ao arqueólogo, ao historiador, ao artista, numa palavra, aos estudiosos, em obra de conjunto, o que, em verdade, a Cidade contém digno de estudo ou de admiração.

Numa conferência pública realizada em 1939, no Salão Nobre dos Paços do Concelho, disse-se, e, em nosso entender, muito bem, que «a Nação é de todos, mas a cidade é de Lisboa, e à Câmara Municipal cumpre defender-lhe os bens de raiz, para o que deverá proceder ao seu inventário».

No meu espírito existia, desde que assumi as funções que ocupo na Câmara Municipal, o propósito de, com o necessário e jamais recusado auxílio da Presidência, pugnar pela defesa do património espiritual e cultural da Cidade, começando pela reunião, em Museu próprio, de tudo o que, com carácter olisiponense, pudesse juntar-se, e fac-similando ou reproduzindo o que não pudesse vir à nossa posse. E por isso as palavras acima transcritas, e outras então proferidas de igual sentido, não se perderam mais em meus ouvidos.

Uma catalogação bem orientada e ordenada, deveria constituir, sem dúvida, elemento apreciável para a defesa — no presente e no futuro — do património da Cidade, e por isso, dentro do pensamento da Câmara Municipal, logo que chegou a vez de, dentro das possibilidades orçamentais, se enfrentar a idêia, organizámos o plano da obra e estudamos a forma prática de a realizar.

Faltava quem a executasse.

Um nome estava naturalmente indicado, o de Norberto de Araújo, autor das palavras acima transcritas, pessoa competente, estudioso consagrado da Lisboa Velha e da Lisboa Nova.

Aceite a incumbência e aprovado, superiormente, o plano, julgou-se útil fazer preceder êste primeiro tomo de algumas palavras prévias para melhor compreensão do pensamento que norteia êste trabalho, certamente exaustivo.

Ei-las, despretenciosas, simples, limitadas à definição dos propósitos da obra.

O Inventário de Lisboa — que pela primeira vez se organiza — pretende ser a relação sumária de todos os monumentos, valores artísticos e documentais, espécies e principais exemplares de expressão olisiponense que se encontram dispersos pelas quarenta e três freguesias que constituem a Cidade.

Aspira a abranger tudo que oferece interêsse histórico ou arqueológico: monumentos nacionais e municipais, palácios, antigos paços, igrejas, ermidas, restos conventuais, edifícios públicos, quanto subsiste das defesas arqueológico-militares, túmulos, cruzeiros, chafarizes, obeliscos, monumentos consagratórios, elementos heráldicos, ruínas, portas, etc., inclusivé o que, embora propriedade particular, se entende pertencer ao património espiritual da Cidade.

Sem descer a minúcias ou a descrições monográficas, tôdas as espécies inventariadas são acompanhadas das respectivas notas respeitantes a idade, fundação, vicissitudes, transformações e particularidades históricas, devendo, assim o INVENTÁRIO — confiadamente o esperamos — satisfazer a intenção que o ditou, e ser de alguma utilidade.

Janeiro de 1944.

JAIME LOPES DIAS.

Director dos Serviços Centrais.

MONUMENTOS HISTÓRICOS

Século XII

- 1—CASTELO
- 2—SÉ

Século XVI

- 3—JERÓNIMOS
- 4—TÔRRE DE BELÉM

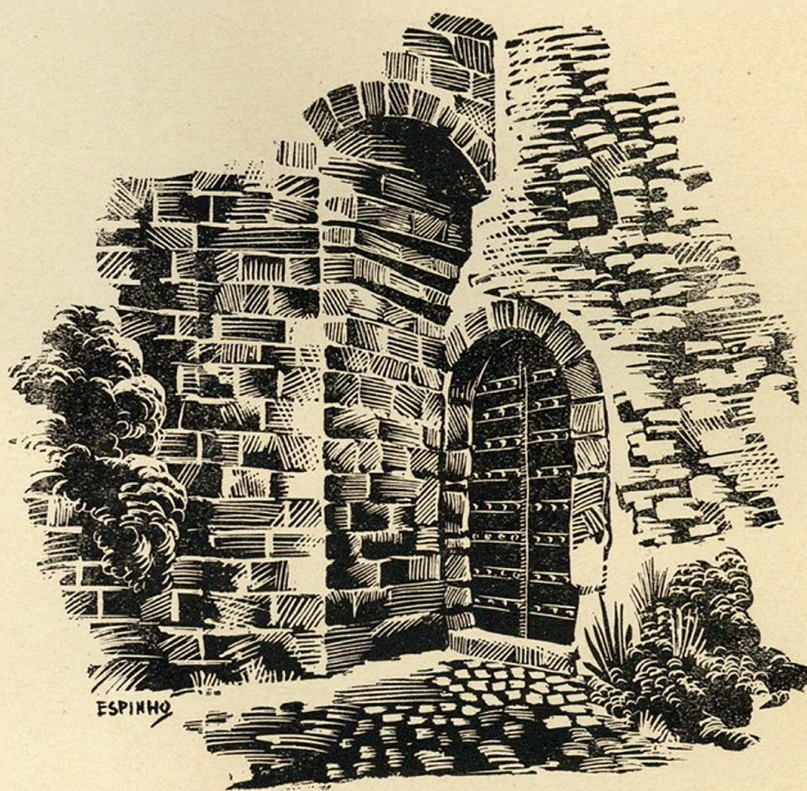
Século XVI-XVII

- 5—S. VICENTE

Século XVIII

- 6—BASÍLICA DA ESTRÊLA
- 7—AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

CASTELO DE S. JORGE



CASTELO DE S. JORGE

Século XII

Conquista	1147
Transformações.	Séc. XVII e XVIII
Reintegração.	1938-1941

[Freguesia do Castelo]

Breve notícia histórica

Durante o domínio romano Lisboa foi, sem dúvida, uma posição fortificada no alto da sua colina a cavaleiro do rio. Quando atingiu a categoria de município romano (48 A. C.) que a privilegiou como uma das mais importantes cidades da Lusitânia, Lisboa não podia deixar de ter uma organização militar defensiva. Godos e visigodos, todos os povos «bárbaros do Norte» que se seguiram aos romanos, manter-lhe-iam as fortificações; a carência de documentos não invalida a presunção. Quando no começo do século VIII a Lusitânia caiu em poder dos muçulmanos, Lisboa, sob o sentido militar defensivo dos novos dominadores, portadores de uma civilização adiantada que não deixava de tomar as suas precauções, viu com certeza crescer, ou pelo menos manter-se, o seu sistema fortificado. Depois das devastações levadas a cabo por Ordoño III, Rei de Leão, na segunda metade do século X, o qual chegou a conquistar a cidade, e logo a abandonou após o saque — os sarracenos reconstruíram as fortificações em termos de se precaverem contra outra investida. É desse período, na melhor das conjecturas, que data o Castelo de Lisboa, tal qual o encontrou D. Afonso Henriques, numa cidade praça forte alcandorada, limitada à sua cerca muralhada — a «Moura», depois a «Velha», por oposição à Cerca Nova, de D. Fernando, do século XIV —, e dentro da qual, ao alto, se continha a Cidadela ou Alcáçova, defendida por um envolvimento fortificado (todo o bairro actual do Castelo incluindo a zona monumental), que ainda hoje se desenha nitidamente. Na Cidadela se ergueram no século XIII, e se ampliaram nos séculos XIV, XV e XVI, paços e palácios, nomeadamente o Paço Real da Alcáçova que teria assentado onde foi a Alcáçova moura, se é que de seu princípio não ocupou a própria e formosa edificação sarracena, Paço reconstruído por D. Diniz, habitação régia até D. Manuel, ainda restaurado por D. Sebastião, e depois, no domínio filipino, votado ao abandono, desaparecendo pouco a pouco sob sucessivas construções militares de aquartelamentos e de presídios, desgraça que se acentuou depois do Terramoto.

Dentro da área que foi da Cidadela levantava-se, e levanta-se, no sector Noroeste, a fortaleza propriamente dita, último reduto solidamente muralhado e torreado, designado primitivamente por Castelo, e a partir do começo do século XVII por «Castelejo», denominação espanhola, que perdura nas referências eruditas.

Esta Fortaleza, que é o padrão militar arqueológico, por excelência, do Castelo de S. Jorge (denominação do século XIV, tempo de D. João I) recebeu durante oito séculos os insultos do tempo, dos sismos, dos próprios homens. A verdade é que já no século XVI o seu vértice Sudoeste servia de apoio, e se integrava no Paço Real de Alcáçova, acabando por se ocultar, durante o século XIX, nas construções de aquartelamentos.

Em 1938, Outubro, e por efeito de uma portaria de 29 de Agosto, começaram as grandes e penosas obras de reintegração de todo o monumento — considerado «nacional» desde 16 de Junho de 1910 —, obras que abrangeram não só o «Castelejo» ou fortaleza-reduto, como as áreas da primitiva Cidadela e Alcáçova (Praça de Armas, Parada, Praça Nova e casario envolvente), recompondo-se, quanto possível, a estrutura primitiva, tomando-se por base os elementos existentes, os revelados pelas escavações, demolições e apeamentos, e os estabelecidos pela ciência poliorcética.

Desaparecidas, desde o começo de 1939, as construções seiscentistas e posteriores de aquartelamentos, sede militar e presídios antigos, quer na área da Cidadela quer do «Castelejo»; arrazados edifícios adjacentes; desafogados os eirados militarizados; rebaixado, de alguns metros, até ao piso natural, o nível em redor da primitiva fortaleza; valorizados os elementos arqueológicos arquitectónicos, quer das fortificações quer do antigo Paço da Alcáçova; limpa toda a zona monumental de construções e entulhos; posto enfim o Castelo de Lisboa, fortificação e área histórica, a salvo, aumentando-lhe o volume pelo desafogo e a beleza pela reintegração — este monumento nacional, um dos mais importantes do país, cabeça de Lisboa, aparece, pode dizer-se, neste «Inventário» como uma espécie nova. Importa, pois, dentro dos escassos limites compreendidos na intenção deste trabalho, inventariar o existente, sem preocupações descritivas, mas com certo desenvolvimento que só a raras espécies monumentais será possível atribuir.

[A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais publicou em Setembro de 1942, no seu *Boletim* n.º 25-26, referente a Dezembro de 1941, bastante documentação gráfica, fotografias, plantas e traçados, o que corresponde a um valioso subsídio de ordem técnica, de arqueologia e arquitectura militar.]

INVENTÁRIO

Síntese

No monumento nacional, que é o Castelo de S. Jorge, há a discriminar:

O recinto da primitiva *Cidadela* ou *Alcáçova*, englobando as antigas áreas das, até 1938, chamadas Praça de Armas, Parada, Aquartelamentos e Praça Nova;

O *Castelejo*, ou Castelo propriamente dito, no vértice Noroeste do monumento;

A zona de servidão, ou *Passeio*, contornando o monumento pelos lado Poente e Norte.

Na área, integrada no monumento, que foi de primitiva *Cidadela* ou *Alcáçova*, assinalam-se:

A *muralha*, em parte primitiva, e os *muros* de anteparo, que contornam todo o recinto do monumento e o da freguesia civil;

Seis torres primitivas, nas quais se contam duas ocultas do exterior;

Três cubelos semicirculares, dois sobre o Chão da Feira e um na muralha de su-

porte da Esplanada (antiga Praça de Armas);

Sete portas, uma servindo a freguesia civil, outra dando acesso do exterior do bairro do Castelo ao «Passeio», três ligando a freguesia civil ao recinto monumental, e duas abrindo da antiga «Praça Nova» para o «Passeio»;

Restos de edificações do *Paço da Alcáçova* e da *Casa dos Alcaldes mores*;

Vestígios da *Capela de S. Miguel*, que existiu contígua ao Paço;

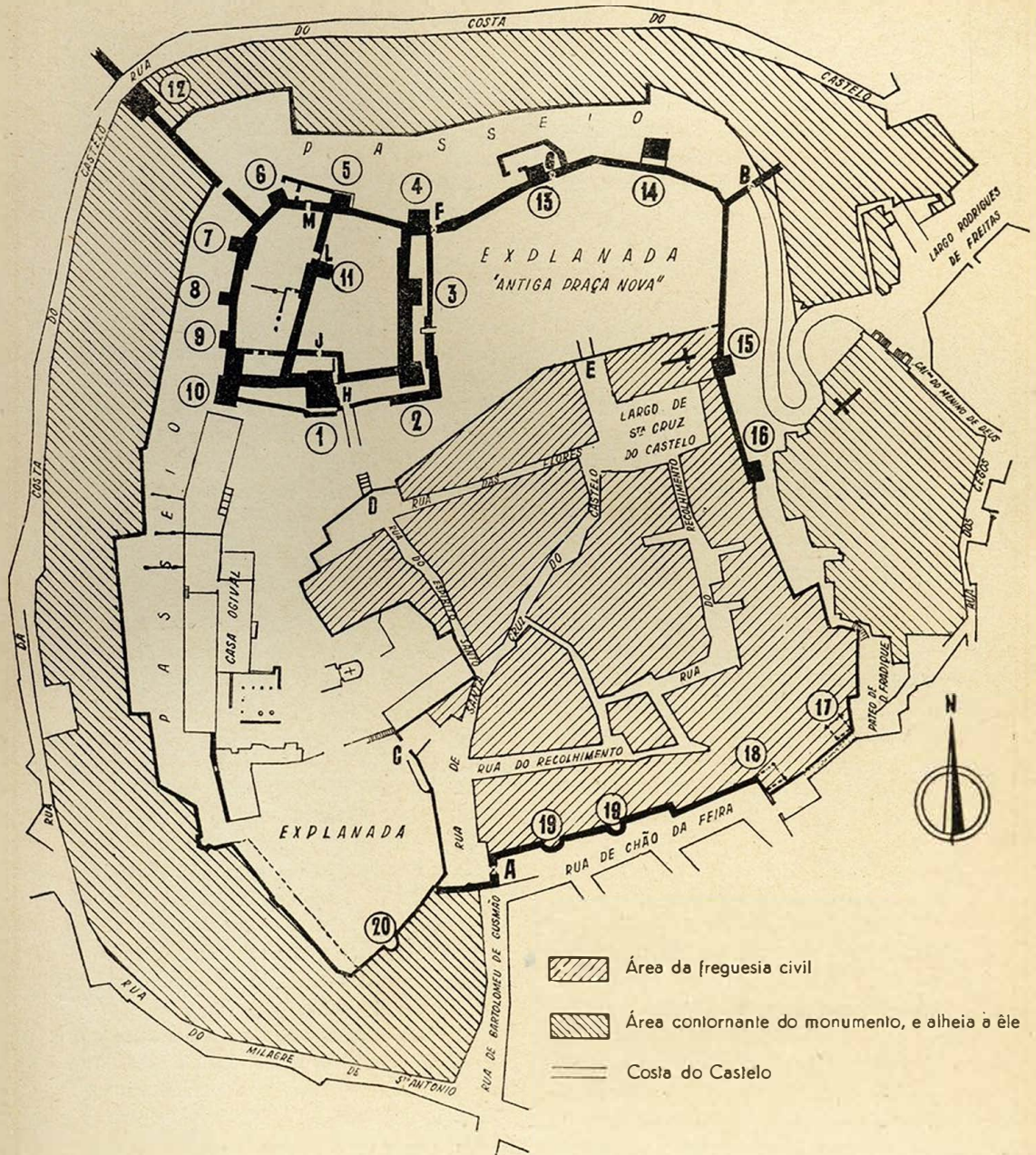
Museu de espécies arqueológicas e de elementos arquitectónicos.

No *Castelejo* ou *Fortaleza*, no vértice Noroeste, há a anotar:

Barbacã, em face das muralhas Sul e Nascente;

Muralhas, em quadrelas de envoltência, e seus adarves contornantes;

Planta esquemática do Castelo de S. Jorge



Nesta planta a parte central, a branco, corresponde a todo o recinto do Monumento, incluindo as actuais explanadas, a antiga Cidadela ou Alcáçova, o Castelejo, marcado a traço grosso negro, a muralha circundante marcada a traço mais fino, e a zona do «Passoio». Siga-se o texto, referenciado por números e por letras.

Onze *tôrres* de guarnição defensiva, incluindo uma central;

Tôrre, avançada, chamada de *S. Lourenço*;

Cinco portas, das quais três a Sul constituem três sucessivas entradas na Fortaleza, uma interior, de ligação dos dois pátios (antigos recintos de «quartéis») e uma, a Norte, com descida para o «Passeio».

No *Passeio* zona de servidão, assinalam-se:

Três restos, em arco, de construção demolida;

Uma *passagem* escavada na quadrela que liga o Castelejo à *Tôrre* de *S. Lourenço*;

O exterior das *Portas da Traição* e de *Martim Moniz*.

Desenvolvimento

Os estudos e obras de reintegração, levados a cabo de Outubro de 1938 a Junho de 1940, e continuados em 1941, puseram a descoberto elementos do primitivo Paço da Alcáçova e de outras construções, e de arquitectura militar da Fortaleza, cuja existência, aliás, se presumia. Foram rebaixados o nível adjacente do Castelejo, e os terraços interiores do mesmo. E demolidas as construções dos séculos XVII, XVIII e XIX nos dois recintos chamados até há pouco dos «Quartéis Velhos» e dos «Quartéis dos Mouros», ambos denominados agora «Praças de Armas do Castelejo», revelaram-se alguns elementos primitivos, que o restauro valorizou.

Contorno da Cidadela ou Alcáçova

A Cidadela ou Alcáçova de Lisboa abrangeu, primitivamente, toda a área da actual freguesia civil, aglomerado popular limitado, depois do Terramoto, pelos muros de vedação dos desaparecidos aquartelamentos, praças e parada militares. O monumento do Castelo continua isolado da freguesia, mas as muralhas envolvem esta pelos lados Sul e Nascente.

Em desenvolvimento dos contornos assinalam-se:

As *Portas*, que se discriminam, especificadamente (seguir pelo Mapa):

Porta de S. Jorge (A), designação do século XIV, que corresponde, salva a orientação, à primitiva «Porta da Alcáçova», situada no Chão da Feira (Rua do), e que é a única ainda a servir, com passagem franca, o aglomerado bairrista. Esta porta foi começada a reconstruir em 1831, mas só foi acabada no tempo de D. Maria II. É constituída por arco de volta redonda, em fiadas, adornada com materiais de már-

more que pertenceram a uma das capelas da igreja do Convento dos Loios, e sobre o fecho do arco conserva-se a inscrição «4 — 4.º — 1846 — D. Maria II», em três linhas, sendo o conjunto da porta, ao alto, rematado com pedra de armas reais; nas paredes exteriores, lateralmente, vêem-se duas inscrições com letras de bronze, que constituem dedicatórias ao Duque da Terceira, Ministro da Guerra, e ao Conde de Tomar, Ministro do Reino, e sobre a porta, do lado interior, corre uma varanda, hoje tornada impraticável;

Porta de Santo André (B), aberta em 1939, ao alto da rampa que nasce no Largo

Rodrigues de Freitas (antigo de Santo André), e conduz, em contra curva, ao extremo Nascente da zona de servidão ou «Passeio», com portão de ferro, normalmente fechado;

Porta do Sul (C), recente, principal do monumento, abrindo logo para a Esplanada, e correspondendo, salva a orientação, ao «Portão do Sul» do antigo aquartelamento militar, desaparecido em Agosto de 1939; fica situada à esquerda de um pequeno recinto do lado Poente da Rua de Santa Cruz, e é totalmente inexpressiva;

Porta ou *Portão, do Espírito Santo* (D), no tópo da Rua dêste nome, já na Rua das Cozinhas, de perfil ogival e arestas chanfradas, rematado o arco por *esfera armilar* de D. Manuel, e em cujos muros laterais se rasgam, de um lado onze seteiras, e do outro dezassete, vendo-se, embebida no muro exterior, do lado esquerdo, uma *pedra de armas* reais do tempo de D. Afonso III; esta porta, com portão de ferro, conduz à antiga «Praça Nova», terreiro a Nascente do Castelejo, e está normalmente fechada;

Portão de Santa Cruz (E), situado no largo de Santa Cruz, contíguo à frontaria da igreja paroquial, também de perfil ogival, e aberto no muro da «Praça Nova» recentemente avançado; é rematado por uma *pedra armoriada* real, seiscentista, que, até 1939, estava embebida na parede, e ladeado por quatro seteiras rasgadas no muro;

Porta do Norte (F), revelada pelas obras de reintegração, e que parece corresponder a uma primitiva «Porta do Norte»; é de arco de volta redonda, e situa-se contigualmente ao parapeito da Torre da Cisterna do Castelejo, na antiga «Praça Nova», abrindo, sem portões, para o «Passeio» exterior, ou zona de servidão;

Porta de Martim Moniz (G), a qual com as obras e o rebaixo do nível da «Praça Nova», onde se situa, perdeu o aspecto de

«bôca de mina», e mostra, do lado interior dêste terreiro, um perfil sensivelmente igual ao da Porta do Norte, merecendo contudo mais interesse o aspecto exterior, ao qual adiante se fará maior referência.

A *Muralha* envolvente do monumento — Cidadela ou Alcáçova — pelas quatro faces, mostra hoje ainda lanços de quadrela, com tórres, restauradas recentemente. Assinalam-se, em contôrno, a partir da inserção na Torre Nordeste do Castelejo, a «da Cisterna»:

Porta do Norte (F), já citada;

Lanço de muralha, primitiva, restaurada, servindo do lado interior, voltado à «Praça de Armas», por um adarve ou caminho de ronda;

Torre (13), aberta para o lado da «Praça Nova», sem ameias, e para cuja eirado se sobe por uns degraus, desde o adarve;

Porta de Martim Moniz (G) já citada, contígua imediatamente à Torre (13);

Lanço de muralha, primitiva, restaurado, em ângulo aberto, que remata na Torre (14), saliente da muralha para o exterior — «Passeio» — com eirado ameiado sobre seteiras, e para o qual se sobe por uma escada de dois lanços, que nasce do adarve e desemboca ao centro do eirado.

A muralha primitiva cessa nesta torre, e aqui começa — em vez do paramento velho que se desmoronou em 1755, e já não seria o primitivo, aliúdo êste, como se infere de documentos, pelos sismos do século XVI — um alto muro de anteparo, descrevendo um ângulo quási recto, em cujo vértice (Nordeste) se inseria a muralha da Cerca de D. Fernando. Na extremidade dêste muro oriental de anteparo situa-se a

Torre de Santa Cruz (15), sobre a qual se levanta a torre sineira da Igreja de Santa Cruz, já na área da freguesia civil, ôca, reedificada em 1776; segue-se um

Lanço recto de muralha primitiva (por restaurar), e logo

Torre (16), primitiva (por restaurar), com acesso, ao longo da quadrela, pela escada de um prédio no Largo de Santa Cruz;

Lanço de muralha, quási rectilíneo, sôbre quintais do Pátio de D. Fradique, em estado de bastante ruína, e em parte oculto por dependências do Palácio Belmonte.

Torre (17), oculta no interior do Palácio Belmonte, na qual se inseria a muralha da Cêrca Moura, e de onde a muralha, oculta, obliqua para Poente;

Torre (18), oculta no fundo do vestíbulo do mesmo palácio;

Lanço, ou *pano de muralha*, não primitiva, paredão alto sôbre a face norte da Rua do Chão da Feira, e nêle:

Dois cubelos (19), semicirculares, obra do século XVII;

Porta de S. Jorge (A), já citada;

Pano de muralha, que faz o fundo da Rua de Santa Cruz e parte do ângulo da Porta de S. Jorge com o muro de suporte da Esplanada do monumento do Castelo (antiga Praça de Armas);

Muralha de suporte da antiga Praça de Armas, obra do século XVII, e nêle:

Um *cubelo* (20) semicircular, idêntico aos da Rua do Chão da Feira. (No vértice curvo do ângulo que a muralha de suporte aqui desenha inseria-se, segundo se pode presumir, a muralha ocidental da Cêrca Moura, com a «Porta de Alfofa», da qual não restam vestígios);

Muro exterior da zona de servidão, contornando todo o «Passeio» pelo Poente e Norte até à «Porta de Santo André», ao cimo da rampa do Largo Rodrigues de Freitas.

Fica, dêste modo sumário, inventariado o envolvimento da primitiva Cidadela ou Alcáçova, o qual contorna, a Sul e a Nascente, parte do Monumento e a freguesia civil do Castelo.

« Castelejo » ou Fortaleza

O «Castelejo», situado no vértice Noroeste de tôda a área do monumento, é o fulcro arqueológico e principal elemento contemplativo do Castelo de S. Jorge. Irregularmente quadrangular, em planta, com o vértice Noroeste ligeiramente abatido, o «Castelejo», cuja face Sul — a mais larga — do extremo da Torre Sudoeste ao extremo da barbacã oriental, mede oitenta metros exactos, ocupa uma área aproximada de 6.000 metros quadrados.

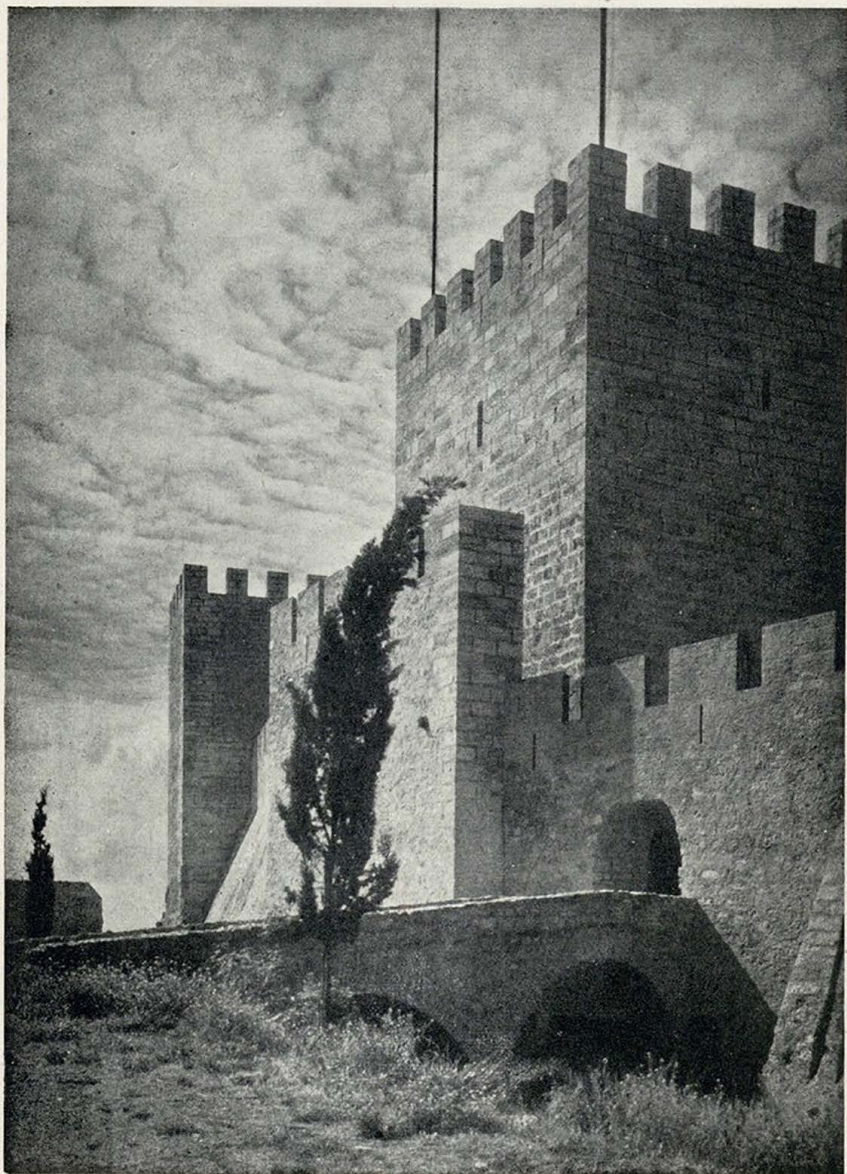
Assinalam-se designadamente:

A *barbacã*, ameçada e rasgada de seteiras, cujos elementos primitivos foram revelados pelos trabalhos de reintegração (1939), após as demolições e escavações preliminares, e a qual guarnece a Fortaleza pelas faces Sul e Nascente, e, nela, à altura do caminho de ronda invisível do exterior, uma *porta esguia*, rasgão, agora

impraticável, que se integrava no sistema defensivo do reduto;

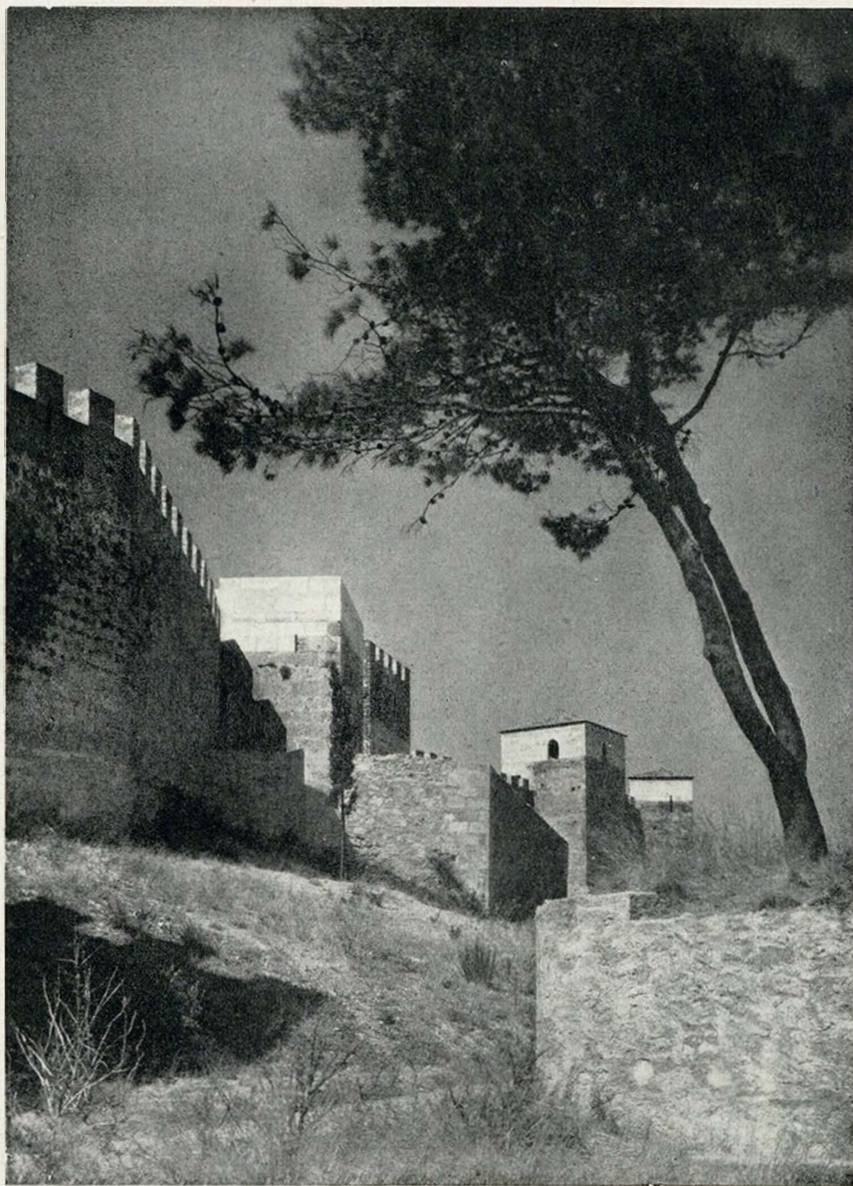
O *fôssô* ou *cava*, situado entre os muros da barbacã e as muralhas do Castelejo, de reintegração recente (1939), mas que remontaria pelo menos ao domínio sarraceno, e, seguramente, subsistente no século XIV;

A *ponte* de acesso à Fortaleza, assente sôbre dois arcos abatidos, a qual transpõe



Aspecto exterior, lado Sul, do Castelejo, correspondendo à entrada, a Nascente da Torre de Ulisses

(Fotografia de Mário Novais)



Aspecto exterior, do lado Poente, do Castelejo, sôbre o «Passeio» ou Explanada

(Fotografia de Mário Novais)

a cava exterior da mesma, e situada sensivelmente ao centro da face Sul;

As muralhas do Castelejo, em quatro faces, constituindo quadrelas ameiadas, servidas de adarves ou passeios de ronda, e ligando entre si dez *tôrres*, tôdas sensivelmente ao mesmo nível, cuja altura varia, em relação ao nível do terreno, de 22 até 34 metros;

Muro interior, na direcção levemente obliquada Norte-Sul, dividindo o Castelejo em dois pátios (praças de armas), antigos recintos dos «Quartéis», ameiado e com adarve, ao centro do qual se levanta, desde a reintegração, uma *tôrre*.

No Castelejo anotam-se as seguintes **Portas:**

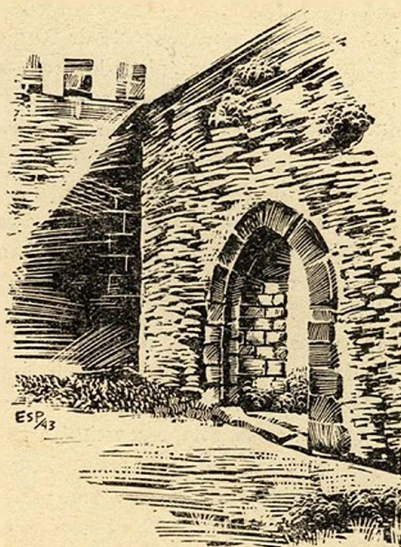
Porta de entrada (H), que mais é uma abertura de passagem franca do que uma porta de expressão militar defensiva, cavada, recentemente, no muro da barbacã, no extremo da ponte de acesso, situada na face Sul;

Porta principal (I), primitiva, cavada na muralha Sul, situada junto, pelo nascente, da «*Tôrre de Ulisses*» (1), com 2^m,2 de largura, e com abóbada de asa de cêsto; está guarnecida de portões de madeira, pesados, de tipo antigo, colocados em 1940;

Porta ogival (J), situada no muro Norte de um pequeno pátio ou átrio de acesso que nasce logo que se transpõe a «porta principal»; é primitiva também, com perfil de ogiva do lado do citado pátio pequeno e em arco de círculo do lado do pátio grande ou «praça de armas» interior;

Porta de ligação (L), aberta recentemente no muro divisório interior do Castelejo, de perfil ogival, reconstruída por elementos primitivos;

Porta da Traição (M), primitiva, reintegrada pelas obras do restauro, rectangular, situada no muro Norte do pátio interior



Porta ogival primitiva no Castelejo

Poente, e que, presentemente, dá passagem para o «Passeio» exterior ou zona de servidão; teria sido esta porta a também denominada «do Olival», porventura serventia secreta da fortaleza, ou de recurso, caindo sôbre a colina adjacente, em escarpa natural.

As *Tôrres* da guarnição envolvente do Castelejo são dez. Descriminam-se tal como se encontram depois das obras de reintegração, começando pela principal a meio da face Sul:

Tôrre de Ulisses (1), também designada em documentos antigos por «*Tôrre Albarrã*», «*Tôrre do Haver*», «*Tôrre do Tesouro*» e ainda «*Tôrre do Tombo*» (nela, segundo presunção firme, se guardou o arquivo ou tombo do reino, desde D. Fernando até o final do reinado de D. Manuel I). É ôca em dois terços da sua altura, mostra a saliência de 8 metros desde a muralha ou quadrela na qual se integra, tem dez me-

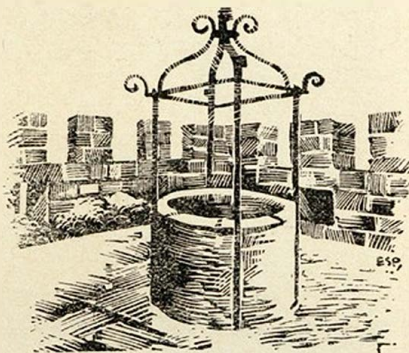
tros de face paralela à mesma muralha, sendo a sua altura sensivelmente de 20 metros sôbre o nível terraplanado; cava-se nela, à altura aproximada de seis metros, uma primeira casa ou compartimento térreo, alto, com abóbada reconstruída, de arcos de volta perfeita, cruzados; entra-se nesta dependências por uma porta há muito existente, aberta na face Sul da tôrre, e para a qual se sobe por uma escada exterior de dois lanços. Na abóbada arcezoada desta casa rasgou-se uma passagem de luz, que advém do pavimento da dependência imediatamente superior. Esta segunda dependência constitue uma sala, reconstituída pela reintegração, com teto de madeira, de travejamento de tipo antigo, medindo 4^m,80 de altura, por 7^m,50 × 6^m,50 de superfície; para esta sala, iluminada por três seteiras nas faces livres, o acesso é feito por uma porta retangular aberta na face Norte da tôrre, isto é: do lado interior do Castelejo, e situada no alto de uma escadaria que nasce do muro do adarve. O telhado de quatro águas desta sala, e que equivale ao seu eirado, é de «canudo» português; é neste eirado, ameiado, que se ergue o mastro da bandeira nacional ou da cidade, conforme as solenidades.

Tôrre do Observatório (2), cuja denominação deriva da circunstância de nela haver sido construído, cêrca de 1788, o Observatório Geodésico, se é que, já antes, 1779, não esteve nela instalado o primeiro observatório astronômico visto em Lisboa, estabelecido no Castelo pelo matemático José Anastácio da Cunha; está situada no ângulo Sul-Nascente, e, por ser a mais alta de tôdas em relação ao nível do mar — cêrca de 112 metros —, e ainda pelo que se pode deduzir de documentos antigos, parece ter sido esta a *Tôrre de Menagem* do Castelo de Lisboa. É macissa, com eirado descoberto e ameiado, penetrando-se nêle

por uma escadaria de dois lanços, cuja testa abre no pavimento uma reentrância angular;

Tôrre (3), situada no meio da face oriental, a dois metros acima do nível do adarve; o eirado é descoberto, ameiado em três faces, abertas de seteiras, com a área de 7^m,90 × 5^m,20;

Tôrre da Cisterna (4), assim denominada porque no seu eirado, descoberto, se mantém a guarda de pedra e armação de ferro de uma bôca de cisterna, que recolhia águas da chuva e delas ainda faz depósito; situa-se no vértice Nordeste, e é a que representa



Eirado da Tôrre da Cisterna

maior saliência destacada da muralha. Faz-se o ingresso no eirado por uma porta ogival, que remata uma escadaria de oito degraus. Nesta Tôrre se insere a muralha, já citada, da primitiva Cidadela ou Alcáçova, no amplo terreiro que corresponde à antiga «Praça Nova».

Tôrre (5), situada sensivelmente a centro da face Norte, no tópo do adarve do muro divisório do Castelejo; tem no alto, com cobertura de telha de canudo, uma sala, de travejamento de tipo antigo, decorada e iluminada por uma janela ogival em cada uma das suas três faces, e penetra-se nessa

sala por duas portas, sendo a principal, de perfil de ogiva, situada ao cimo de alguns degraus, que nascem do adarve.

Tôrre (6), situada no ponto onde a quadrela obliqua ligeiramente para Noroeste; é, como a antecedente, coberta de telha de canudo, de cinco águas, e contém também uma sala, irregular em planta, abrindo três troneiras, para o exterior; a porta ogival fica ao cimo de sete degraus que partem do adarve;

No centro da quadrela, que liga a torre 6 à torre 7, nasce um lanço de escadaria, antiga quadrela, ameiada, e que se estende em declive acentuado, até ao eirado da torre avançada «de S. Lourenço», situada fora do monumento, na Costa do Castelo.

Tôrres (7), (8) e (9), situadas na face Poente, acima do muro de ronda, ou adarve, e, tal como a Torre (3), possuem apenas três faces, ameiadas, fazendo-se o acesso aos eirados por degraus que nascem na face aberta.

Tôrre (10), situada precisamente no ângulo Sudoeste da fortaleza, dominando assim, em perspectiva, a Praça de D. Pedro IV; fizera parte da ala extrema do Paço da Alcáçova, que a esta Torre se apoiava, encobrindo-a talvez, e no século XVIII e XIX foi inteiramente absorvida pelo edifício do aquartelamento militar, sendo desobstruída e reintegrada em 1939. Foi sobre esta Torre, em ligação com dependências do Paço da Alcáçova, tornadas para tal disponíveis, que se situou o «Tombo» ou Arquivo do Reino, transferido nos meados do século XVI da Torre de Ulisses (1), já citada. A altura do eirado mostra esta Torre uma sala, com 4^m,10 de alto por 6^m,90 x 5^m,20 de superfície, cujo teto, de madeira, é da estrutura das salas das Tôrres (5) e (6), e de idêntica cobertura, mas apenas com uma única seteira, orientada a Sul;

faz-se nela o ingresso por uma porta, de volta redonda, que se situa no alto de alguns degraus que nascem do adarve;

Tôrre Central (11), sobre o muro divisório do Castelejo, do lado oriental; é sensivelmente idêntica, no eirado, às Tôrres (3), (6), (7), (8) e (9), com a face aberta de ingresso adjacente ao adarve;

Tôrre de S. Lourenço (12), situada à distância de cerca de vinte e três metros do monumento, sobre a Costa do Castelo, posição primitiva avançada da Fortaleza, à qual está ligada por um lanço de quadrela com parapeito, ameiado de um lado, e que nasce do vértice Noroeste do Castelejo; é bastante alta, de secção transversal, com 9^m de face e eirado ameiado descoberto. Nela se inseria a muralha da Cerca Nova ou de D. Fernando (século XIV); a denominação «de S. Lourenço» parece advir da paróquia deste orago (século XIII), ainda que a Torre seja primitiva, já do tempo do domínio sarraceno.

Há a notar ainda no conjunto do «Castelejo»:

Adarves ou muros de ronda, ameiados, acompanhando, pelo interior, as quadrelas, e muro divisório;

Parapeitos, *mirantes ajanelados*, na quadrela entre as Tôrres (1) e (10), e que se integravam no Paço da Alcáçova;

Os dois pátios, terraplenos interiores do «Castelejo», recentemente denominados «*praças de armas*» situam-se a Nascente e a Poente, rectangulares em planta, divididos pelo muro, com adarve, de dez metros de altura, que corre, um pouco obliquamente na direcção N. S., e comunicando-se pela porta (L) aberta no mesmo muro.

Assinalam-se:

Na «praça de armas». Nascente: o *envasamento* da Torre Central (11), e junto dela a *porta* de comunicação das duas «praças» (L); uma *escadaria* que conduz ao adarve

da muralha Nascente; as duas paredes, em ângulo, do exterior do pequeno pátio de acesso que nasce da porta principal (I), e nêle os dois vãos das seteiras e a porta, de arco de volta redonda;

Na «praça de armas» Poente:

Porta da Traição (M), no muro do tópo Norte, que abre para o exterior; restos de

muros de uma construção primitiva, vendo-se neles duas portas de vêrga abatida, junto dos quais nasce uma escadaria que conduz ao adarve do muro divisório, defronte da Torre Central (11); bôcas de uma *cisterna* primitiva, interiormente coberta de *abóbada* com nervuras de cantaria; *escadaria* que conduz ao adarve da muralha Poente.

Paço da Alcáçova e «Passeio»

A área adjacente ao «Castelejo», integrada tôda ela no monumento nacional que é o «Castelo de S. Jorge», é constituída por vários recintos, libertos de construções, e por alguns restos de edificações com expressão histórica e arquitectónica, recentemente revelados ou postos a descoberto.

Pode assinalar-se para efeito de inventário:

Vestígios do Paço da Alcáçova:

Um edifício, «*Casa Ogival*», apenas com pavimento térreo, que fazia parte do demolido corpo do quartel, servindo então, e até 1939, de depósito de viaturas; e nêle:

A *porta*, de perfil *ogival* de cantaria, reconstituída recentemente, e cinco janelas

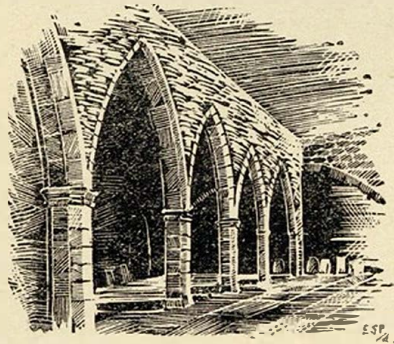
de volta redonda, intersectado por outro, com o qual cruza, de volta abatida;

Pequena *porta*, de perfil *ogival*, no tópo Norte da sala da arcaria, que conduz a um recinto fechado;

Porta de *presídio*, gradeada, *seiscentista*, que dá ingresso ao corredor das *prisões dos séculos XVII e XVIII*, cujas frestas abrem na face poente dêste edifício;

Pequeno museu, constituído por peças arqueológicas e pedaços de lavra arquitectónica, descobertos nas escavações, como sejam uma imagem, mutilada, em pedra colorida, encontrada quando da demolição de um prédio na rampa da Rua de Santa Cruz, lápides romanas, capitéis soltos, peças de cerâmica vidrada, a inscrição (1912) que memorava o feito do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão no seu ensaio de «passarola», a qual esteve colocada numa parede do eirado da Praça de Armas; outra inscrição, que esteve colocada, desde 1908, sôbre o arco, do lado interior, da Porta de Martim Moniz, e que resume a façanha lendária dêste cavaleiro, etc.;

Uma linda *janela manuelina*, sôbre êste edifício, e da qual estão de pé as colunas torcidas, com seus capitéis.



Arcaria interior da Casa Ogival

de varões, abertas nas duas faces da parede;

Arcaria interior, com cinco arcos ogivais, apoiados em pilares octogonais, e um

Mais se notam:

Um outro edifício, a Norte do anterior, que corresponde ao andar inferior das antigas casernas e cozinha militares, *casa* fortemente *abobadada*, cujas frestas gradeadas da face poente olham para o recinto do «Passeio»;

Um edifício, reconstruído recentemente (1942), antiga casa de habitação do comandante da unidade militar, e nêle, assinaladamente, *cinco arcos de volta redonda*, de aresta chanfrada, que constituem restos, postos a descoberto, *da casa do alcaide mor* do Castelo, a qual, por sua vez, havia sido dependência do Paço Real;

Várias *colunas* e *elementos arquitectónicos*, dispostos como em museu de ar livre, representando a planta de robustas edificações do Paço;

O chão da pequena *Capela de S. Miguel*, com a forma ainda de rotunda do altar, traçada em planta térrea, a qual se situava junto do Paço de que fazia parte;

Dois *cisternas*, com bocal de pedra, e uma delas com sua armação de ferro, situadas ao extremo Sul da antiga parada, e que remontam ao tempo da Alcáçova;

O recinto que foi da Praça de Armas, lageado na face sudoeste, constituindo uma *esplanada* de disfruto panorâmico sôbre o rio.

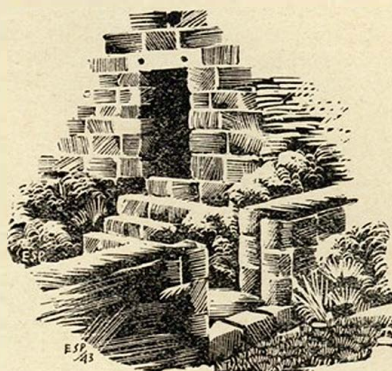
O *Passeio*, é uma esplanada circundatória, que envolve o monumento pelos lados *Poente* e *Norte*, com parapeito; nêle se notam:

Três lanços de construção antiga, hoje meramente decorativos, constituídos por *grandes arcos* de volta abatida, estando os da estrema por rematar;

A *passagem* escavada no muro da quadrela em declive que desce do Castelejo à Torre de S. Lourenço;

Cortina de muro ameiado, ou *través*, com escoantes ou caleiras, contornando pelo

exterior as Tôrres (5) e (6) do Castelejo, e além da qual, a altura superior, se rasga na face da muralha Norte do Castelejo a «Porta da Traição» (M);



Exterior da Porte da Traição

Cortina murada, ou *través*, contornando pelo exterior a Torre (13), e no fundo da qual, cavada na muralha da antiga «Praça Nova», e contigua pelo Nascente à mesma Torre, se abre a Porta de Martim Moniz (G);

Porta de Martim Moniz, que também foi chamada «do Olival» — o documento mais expressivo e eloqüente de todo o Castelo, pelo seu semblante arcaico e texto lendário — a qual, várias vezes restaurada, remonta pelo menos ao século XIII, e evoca o feito de Martim Moniz, conservado da lenda, ou facto histórico, em tradição firme; tem a porta, cuja altura foi elevada pelo recente rebaixamento do nível do terreno, largura de 2^m,5, com sua vêrga em arco de círculo formada por aduelas, e munida de novos batentes de madeira; nesta Porta há a assinalar:

A *lápida* com inscrição, embebida na parede sôbre o arco, mandada ali colocar em 1646 por D. João Roiz de Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo Melhor, décimo

quarto neto, por varonia, daquele heróico cavaleiro de D. Afonso Henriques, a qual diz :

ELREI DÕ AFONSO HENRIQUES MANDOV AQUI
COLOCAR ESTA STATVA E CABEÇA DE PEDRA
EM MEMORIA DA GLORIOSA MORTE QVE DÕ MARTI
MVNIS PROGENITOR DA FAMILIA DOS VASCON
CELOS RECEBEV NESTA PORTA QVANDO ATRA
VESANDOSE NELA FRANQVEOV AOS SEVS A EN
TRADA COM QVE SE GANHOV AOS MOUROS ESTA
CIDADE NO ANO DE 1147.

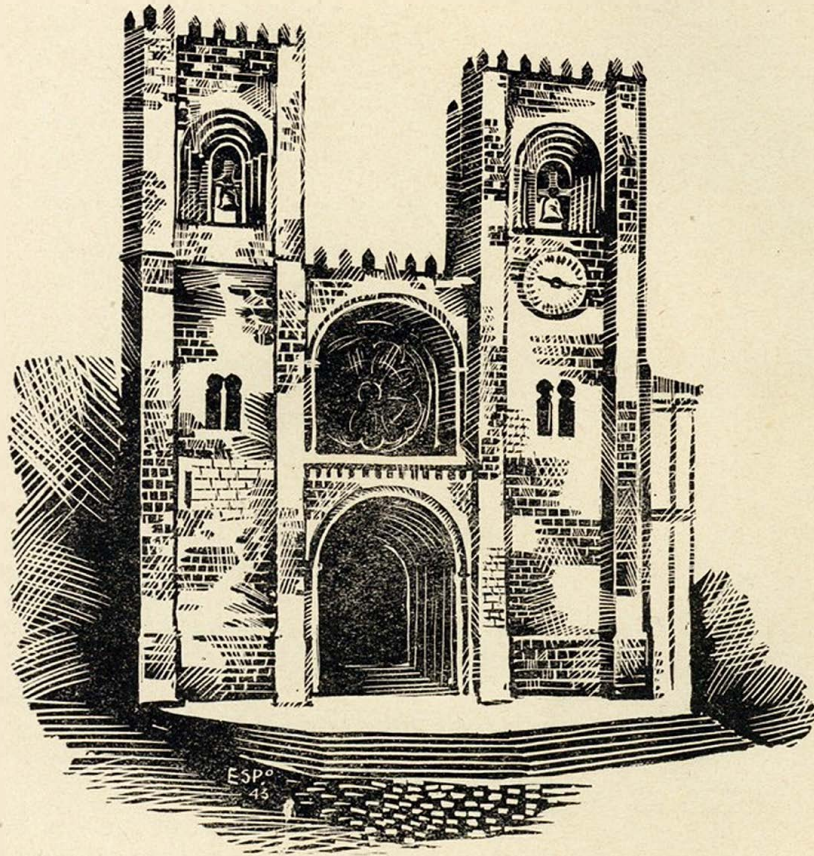
Superiormente à legenda, situa-se a *cabeça de uma estátua*, de mármore, representando Martim Moniz, dentro de um pequeno nicho, que ocupa apenas a terça parte da extensão da lápida, e sem qualquer ornato (a moldura, que guarnecia a inscrição e escultura, foi retirada em 1939, no intuito de dar mais semblante arcaico a esta Porta;

Exterior destacado da Tôrre (14), com o qual se dá terminada a ronda do «Passeio».



Fica dêste modo sumàriamente inventariado o monumento nacional do Castelo de S. Jorge, no seu conjunto de Cidadela ou Alcáçova, Castelejo ou Fortaleza, zona de servidão ou «Passeio». O monumento foi entregue à Câmara Municipal de Lisboa pelo Ministério das Obras Públicas, em 31 de Maio de 1942, sendo a sua guarda confiada à Legião Portuguesa.

SE PATRIARCAL



SÉ PATRIARCAL

Século XII

Fundação românica.	1147
Fundações góticas	Séc. XIII e XIV
Transformações e ampliações . . .	Séc. XVII e XVIII
Restauro	1777
Reintegração.	1899-1940

[Freguesia da Sé e de S. João da Praça]

Breve notícia histórica

A Igreja da Sé — orago de N. Senhora da Assunção — é o único monumento sacro, de fundamento românico, existente em Lisboa; com exclusão do Castelo e dos restos das muralhas da Cerca Moura, constitue também o mais antigo documento monumental da Cidade.

Passa, sem discrepância, por haver sido fundada pelo Rei D. Afonso Henriques no próprio ano da conquista de Lisboa (1147), começando logo, ou pouco depois, a construção, que se prolongou por toda a segunda metade do século XII, já no reinado de D. Sancho I.

No monumento nada existe, nem parece ter existido, que leve a aceitar a versão de que o templo foi erigido sobre o fundamento de uma mesquita.

Presume-se, aliás sem base documental, que o primeiro architecto houvesse sido um dos cavaleiros cruzados que tomaram parte no assédio à cidade sarracena, por ventura um «mestre» monge normando, companheiro do clérigo, cruzado inglês, Gilberto Hastings, que veio a ser (1150?) o primeiro bispo de Lisboa. Não há notícia da época da conclusão das obras do templo; não é, porém, arrojado supôr-se que, ainda no período inicial, estivesse já dado ao culto e em parte coberto, constituindo desde logo sede de uma freguesia, cuja invocação é de Santa Maria Maior.

Construído, de fundamento, no estilo românico do último período, embora com pormenores da sua época mais pura, o templo da Sé transitou gradualmente para o estilo ogival ainda no final do século XII e começo do século XIII (anexos do lado Norte), e acabou por se render ao gótico no final do século de duzentos e princípio do de trezentos (claustro e capela de Joanes) e, finalmente nos meados do século XIV (capela mor e deambulatório com as capelas absidais).

Talvez nos meados do século XVI (na transformação da capela-mor, arruinada por terramotos), e depois em todo o século XVII (naves, transepto, capelas) a Sé mais sofreu do que beneficiou com a intrusão do gosto clássico decorativo, com enxertos, rebocos, revestimentos, à base de estuque e de emolduramentos, em transformações determinadas não apenas pelas vicissitudes da idade mas muito principalmente pelas fantasias de embelezamento ordenadas e orientadas por prelados, pouco assistidos de bom gosto e de respeito pela monumentalidade artística e arqueológica. A actual sacristia, em anexo do lado Sul, é acrescentamento, e não deformação, da segunda metade do século XVII, talvez terceiro quartel, e o andar sobre ela pertence ao período de D. João V, na primeira metade do século XVIII.

O Terramoto arruinou bastante a Sé, e, nomeadamente, ruíram a torre sineira sobre o cruzeiro e parte da torre Sul, ardendo dependências e altares (entre êles o famoso de S. Vicente na capela-mor); obras de restauro, por natural extensão, impuseram-se em todo o templo (1777-1787?) no qual se manteve a estrutura de pseudo estilo clássico nas naves e capela-mor. A Sé continuou vilipendiada, não apenas em ruínas, que se mantiveram (claustro), mas no que se recompôs sobre a base dos desacertos anteriores.

No final do século passado começou a pensar-se, a sério, na reintegração da Sé no seu semblante austero primitivo. Foi criada em 1880 a Comissão dos Melhoramentos Nacionais, em 1898 o Conselho Superior dos mesmos monumentos, remodelado em 1901. A planta da Sé, levantada em 1882, demonstrava bem que o «monumento nacional» — classificação de 10 de Janeiro de 1907 e 16 de Junho de 1910 — era um caos. O engenheiro Augusto Fuschini, mais artista que arqueólogo da arquitectura, foi o primeiro impulsionador do restauro da Sé (1899-1911), seguindo-se na direcção das obras, quasi imediatamente à morte de A. Fuschini, o architecto António do Couto (Agosto de 1911 à actualidade), cuja cultura técnica firme e probidade, orientadas superiormente pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, lograram a conclusão das obras (1939-1940), na reintegração do monumento, no seu possível semblante românico e gótico, reaparecendo a Sé, quer no exterior quer no interior, nas suas nobres linhas architectónicas da fábrica primitiva (apenas a Capela-Mor e a Capela do Santíssimo se conservam no gosto seicentista do restauro).

A Igreja metropolitana de Lisboa foi erigida em bispado crê-se que no ano de 1150 (Gregório III e D. Afonso Henriques). Em 1394 (Bonifácio IX e D. João I) foi elevada a arcebispado. Em 1716 (Clemente IX e D. João V) foram criadas, para efeitos canónicos, duas cidades — Lisboa Oriental com a Sé arcebispal, e Lisboa Ocidental com um prelado com a dignidade de patriarca. Em Novembro de 1740 (Bento XIV e D. João V) foi, de novo unificada a arquidiocese, como patriarcado, abolindo-se o título de Sé, ligando-se o arcebispado ao patriarcado erecto na capela real junto ao Paço da Ribeira. Logo no ano seguinte, mas só tendo início em Novembro de 1742, criou-se a Basilica Patriarcal de Santa Maria ou Santa Maria Maior. Em 1834 (Gregório XVI e D. Maria II), abolida canonicamente a antiga Patriarcal, voltou a Igreja à categoria de Sé arquiépiscopal ou patriarcal, que hoje mantém. A freguesia da Sé data da fundação do templo, ou pelo menos da época da criação da diocese; em 1885 foi-lhe anexa a de S. João da Praça, que foi extinta.

Porque a Sé, como monumento nacional por excelência, se reveste de uma importância e significação excepcionais, e porque os livros descritivos ou críticos, e monografias publicadas até à data, ainda não abrangem o período de conclusão das obras de reintegração, dá-se neste «Inventário», e em relação a outros templos de Lisboa, um desenvolvimento maior, ainda que sumário e dentro do sistema de sínteses na especificação.

[Consultar a descrição pomenorizada, histórica, técnica e crítica, da Sé de Lisboa na «Lisboa Antiga» — Bairros Orientais —, de Júlio Castilho, 2.ª edição (municipal), 1936, revista e ampliada pelo autor com aditamentos e anotações do engenheiro Augusto Vieira da Silva (volumes V e VI)].

INVENTÁRIO

Síntese

Para efeitos objectivos, na intenção deste trabalho, na Sé de Lisboa assinalam-se vários sectores, cujo inventário se sujeita a uma sistematização prática.

Descriminam-se:

O **EXTERIOR**, acentuadamente românico com elementos góticos nas suas quatro faces:

Do **Poente** (fachada principal), e, nela, *corpo central*, com galilé e terraços, e *tôrres*, com janelas, frestas e coroaamento sineiro;

Do **Norte** (Rua Augusto Rosa), e, nela, *exterior da Capela de Bartolomeu Joanes, pórtico lateral* da igreja, com seu átrio, portais e janelas ogivais, exterior dos *anexos, muralha* envolvente, com seus botareus, janelões e rosácea, *muro* do recinto superior do claustro, com portal seiscentista;

Do **Sul** (Cruzes da Sé), e, nela, janelas e frestas, exterior do anexo e muralha envolvente;

Do **Nascente** (Beco do Quebra Costas) e, nela, as janelas correspondentes às capelas orientais do claustro e às habitações do desaparecido Paço dos Arcebispos.

O **INTERIOR**, e nêle assinaladamente:

O **Corpo da Igreja**, românico, e, nêle, as *naves*, com as abóbadas, pilares, arcos, trifório; *batistério*, *capela gótica de Bartolomeu Joanes*, *sacristia* seiscentista;

O **Transepto**, românico, e, nêle, os braços, cruzeiro, trifório, janelas e rosáceas; a *capela* do Santíssimo, seiscentista, o *camarim* do Patriarca, a *capela de S. Vicente*, no comêço do deambulatório;

A **Capela-Mor**, no gôsto clássico do setecentismo, e nela, as tribunas, os *túmulos reais*, o revestimento, o arco do cruzeiro;

O **Deambulatório**, de D. Afonso IV, gótico, e, nêle, as *abóbadas*, as *janelas* ou frestas da capela-mor gótica, as *capelas absidais*, os *túmulos*;

O **Claustro**, de D. Deniz, gótico da transição, e nêle, as *galerias*, as *arcarias*, as *capelas* das três alas, o «Museu das Obras»;

As **Dependências** superiores dos anexos, e nelas a *Casa do Capítulo*, o *Tesouro*.

Desenvolvimento

No monumento nacional, que é a Sé de Lisboa, sob o ponto de vista arquitectónico e de arqueologia artística, há a considerar em primeiro lugar o

Exterior

no qual avultam, em qualquer das suas quatro faces, elementos do primitivo românico, do romano-gótico de transição e do gótico fino.

Assinala-se:

A **FACHADA**, face principal do monumento orientada a Poente (reintegração concluída em 1941), flanqueada por duas

altas *tôrres*, aparentemente simétricas, de secção quadrada em planta, as quais la-deiam o corpo central. Descrimina-se:

O **corpo central**, ao fundo de um adro franqueado, simplificado em relação ao que

foi até há poucos anos, servido por alguns degraus de escadaria; e nêle:

A *galilé* ou nártex, cujo pavimento foi rebaixado na reintegração em cêrca de 1^m,30, e nela: o *arco de entrada*, sem moldura, apoiado em colunas simples com capitéis mutilados; o *portal* de acesso ao templo, com quatro arquivoltas românicas primitivas, sucessivamente reentrantes e acompanhando o desnível de pequena escadaria, de sete degraus, apoiados em capitéis assentes sôbre colonelos em parte reconstituídos, com portão de madeira chapeada, vendo-se na vêrga a legenda: IN OMNEM TERRAM EXVITSONUS, e no tímpano uma cruz românica; a *abóbada*, de construção primitiva, de volta inteira; uma *lápida*, na parede lateral direita, com inscrição latina em caracteres gótico-monacais, maiúsculos, emoldurada na própria pedra, a qual se refere à tomada de Lisboa no dia da festa de S. Crispim (reproduzida em «Lisboa Antiga», Bairros Orientais, de Júlio Castilho, vol. III da 2.^a edição, revisão e anotações de A. Vieira da Silva); outra *lápida*, na parede do lado esquerdo, também emoldurada, com inscrição latina que interpreta a inscrição gótico-monacal da parede fronteira, e ainda com quatro linhas, em português, que indicam que a tradução foi feita em 1654, ano também, presumível, da feitura da lápida, que substitue outra idêntica, muito mais antiga, desaparecida; uma outra inscrição, em pedra, na parede do lado direito, que diz, em maiúsculas: «Aos VI de Fevereiro de M DC VIII nasceu nesta freguesia da Sé o grande orador sagrado Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus. Faleceu na cidade da Baía aos XVIII de Julho de MDCXCVII»;

O *terraço*, situado superiormente à galilé, de guarda lisa, assente sôbre singela linha de mísulas, e nêle: o *arco* de abertura, semelhante ao da galilé; o muro de fundo,

que foi recuado nas obras de reintegração, e no qual se reconstruiu com elementos primitivos uma linda *rosácea*, iluminante do corpo da igreja, de tecido de cantaria, com vitrais; a *abóbada*, primitiva, de volta inteira;

O *terraço superior*, entre as sineiras, com guarda ameiada.

As *Tôrres*, apoiadas por batareus que desde 1940 atingem as guardas ameiadas dos eirados, já sem o adôrno de misulagem ou cachorrada, aparentemente simétricas, e que se discriminam:

Tôrre Sul, sôbre as Cruzes da Sé, desmoronada em parte pelo Terramoto de 1755, reconstruída em 1777, e nela: os dois *botareus* da face da frontaria (Poente), e mais dois botareus laterais (que a *Tôrre Norte* não apresenta) na face Sul; duas pequenas frestas seteiras; uma *janela românica* geminada, com três colonelos em profundidade, e que iluminam a chamada «casa da *tôrre*», situada sensivelmente ao nível do terraço central e cuja abóbada é posterior ao Terramoto; o mostrador do relógio, idêntico ao da face Sul, sob o peitoril da casa sineira; o *coroamento* sineiro, ou *casa da *tôrre**, de abóbada de arestas, e com quatro faces, nas quais se rasgam outros tantos janelões de quatro arquivoltas, aparentemente iguais, sendo românicos o da frente e os das faces Nascente e Sul, e ogival o da face Norte; um *relógio de sol* no botareu ocidental da face sôbre as Cruzes da Sé;

A *Tôrre Norte*, que resistiu ao Terramoto, e, nela, os mesmos elementos da *Tôrre Sul* — *frestas*, *janela românica*, *coroamento sineiro* —, mas com as seguintes divergências: são góticas, ainda que de perfil pouco acentuado, os janelões do coroamento sineiro; é primitiva a «casa da *tôrre*», ao nível do terraço central, com abóbada de cantaria de nervuras que se elevam de quatro carrancas nas engras; é um pouco

mais baixo de nível, em relação à Tôrre Sul, o pavimento da «casa sineira», cuja abóbada é de cúpula ogival com oito nervuras; não possui relógio; mostra no botareu Norte da fachada uma pedra de armas do cardeal D. Jorge da Costa, arcebispo de 1454 a 1500.

A FACE NORTE do monumento acompanha a Rua Augusto Rosa, e nela se assinala, em seqüência:

O exterior da *Capela de Bartolomeu Joanes*, imediatamente à Tôrre Norte, e nêle: uma *rosácea*, iluminante, com vitrais feitos em França, na parede da reentrância angular, presentemente liberta de um gradeamento e de um altar, em arco-sólio ogival, que abrigava até 1941 uma N. Senhora da Piedade, escultura de lioz de Teixeira Lopes; *dois janelões* ogivais, de lancetas;

O *pórtico lateral* do templo, defendido por cancelo de serralheria a meia altura, e nêle: o *arco* de abertura, de perfil ogival; o *átrio*, abobadado em artesões, irregular de superfície; o *portal*, que dá acesso directo à igreja, entaipado até o comêço do actual século, em estilo *românico*, de duas arquivoltas apoiado em colunelos; um *portal*, mais simples, também de estilo românico, que conduz à dependência — anexo do século XIII —, chamado, no andar superior, «Camarim do Patriarca»; *três janelas ogivais* da Capela de Bartolomeu Joanes, interceptadas, sendo uma cega;

A *muralha envolvente* de uma edificação, em núcleo, que engloba presentemente dois anexos, correspondentes a três tramos da nave (da porta lateral ao transepto), construídos, apoiados aos muros românicos primitivos do templo, nesta face Norte, nos séculos XII e XIII; e nela: o primeiro *botareu* contíguo ao pórtico lateral da igreja, com uma pequena *porta no cunhal* e que conduz a uma escada de caracol; *dois botareus*

imediatos de apoio desta edificação (exteriormente confundida na mole do monumento); seis *frestas ogivais*, três em cada plano dos dois andares interiores sobrepostos;

A *muralha* primitiva do braço Norte do transepto, entre um primeiro *botareu* ou gigante *saliente*, primitivo de maior espessura do que os anteriores citados, e outro, de menor dimensão, que é o último da fundação românica; e, nela: uma *rosácea* de tecido de cantaria, com vitrais, e, inferiormente a ela, uma arcaria de cinco voltas de estilo românico (Fuschini, 1904) tornadas cegas em 1939;

Pano de muralha, no qual se rasgam superiormente um *janelão ogival* de três lancetas, e, quâsi ao nível da rua, duas janelas quadradas, gradeadas, iluminantes da Capela do Santíssimo, e, logo, um *contraforte* de grande largura, do tempo da construção das capelas de D. Afonso IV.

Muro, de recente restauro, que se estende do citado contraforte até ao cunhal da esquina do Beco (escadinhas) do Quebra Costas, e nêle: *portal* de estilo *Renascença*, do último quartel do século XVII (obra do arcebispo D. Luís de Sousa), que dava acesso ao Paço dos Arcebispos; desaparecido pelo Terramoto, serviu depois as habitações superiores ao Claustro, e, desde o século passado aproveita aos serviços das «obras da Sé», e dá serventia à galeria superior do mesmo Claustro; oito janelas de aresta chanfrada, construídas recentemente.

A FACE SUL do monumento estende-se da Tôrre Sul ao cunhal do Beco do Quebra Costas. Discrimina-se, a partir da mesma Tôrre, a qual mostra do lado das Cruzes da Sé o mesmo aspecto da fronteira, entre dois gigantes, com *janelão sineiro*, fresta geminada e mostrador do relógio;

Muralha envolvente, primitiva, correspondente aos dois primeiros tramos das na-

ves, constituída, pois, por dois paramentos, e nela: no primeiro tramo, ao alto, uma *fresta românica geminada*, idêntica à da fachada na torre, e sob ela uma *janela românica*, também geminada, iluminante da nave; no segundo tramo uma *fresta românica*, idêntica à citada, e, sob ela, em sentido vertical, duas frestas iluminantes. [Neste sector mural abria-se, até 1939, uma porta lateral, obra posterior ao Terramoto].

Edificação anexa, correspondente a quatro tramos da nave, constituída pelo edificio da sacristia (século xvii), e pelo que se lhe sobrepõe, antiga Casa do Capitulo e Tesouro (século xviii), e nela: na parede do tópo ocidental dessa edificação, que forma ângulo com a muralha, duas janelas de sacada no andar superior, e, sob elas, um óculo enviesado, envidraçado; uma grande *Cruz de mármore*, embebida na parede; na face sobre as Cruzes da Sé, quatro janelas de sacada no andar superior, e quatro janelas rectangulares, gradeadas, iluminantes da sacristia;

Muralha primitiva, exterior do tópo do braço Sul do transepto, ameiada, ladeada por dois botareus, correspondentes aos ângulos do mesmo transepto, e nela: uma *rosácea*, de tecido de cantaria com vitrais, iluminante, simétrica à do lado correspondente Norte; sob ela, dois janelões românicos;

Muralha, ameiada, correspondente ao exterior da Sala ou Capela de S. Vicente,

e, nela, aberta recentemente, *janela gótica*, iluminante da citada Capela;

Muralha, alta, ameiada, contornante de duas capelas absidais e da ala Sul do Claustro, dividida por paramentos entre botareus de apoio, e nela: uma grande *janela ogival*, geminada, de sacada, reconstrução (Fuschini, 1904);

Janela ogival, primitiva, muito mutilada, que corresponde à última capela do lado oriental do Claustro, e que se situa no ponto onde a muralha ligeiramente oblíqua, para dar o ângulo das Cruzes da Sé e Quebra Costas.

A **FACE NASCENTE** do monumento é constituída pelo muro de fundo das capelas do Claustro, e constitue a alta parede lateral poente do Beco do Quebra Costas. Nela se assinalam:

Sete janelas antigas, que foram iluminantes das capelas do tópo oriental do Claustro, e que assim se discriminam, a começar do alto do Beco do Quebra Costas: a primeira, simples fresta, de estilo românico de transição, quadrada, tornada cega; a segunda, maior do que a antecedente, de perfil já ogival, cega também; a terceira, cega, no estilo românico da transição; a quarta, também de perfil ogival, emoldurada, com vidraças coloridas, a quinta, emoldurada de duas arquivoltas e colunelos, a sexta, sensivelmente idêntica à anterior, e a última, ogival, mais estreita, já no ângulo que faz a muralha.

Interior

No monumento da Sé, para efeitos de inventário, considera-se: a «Igreja», própria-mente dita, em forma de cruz latina, com suas naves, transepto, capelas e dependências de serviço religioso, o «Deambulatório» com as capelas chamadas afonsinas ou absidais, o «Claustro», com suas galerias e capelas.

No **CORPO DA IGREJA** descrevem-se:

As *Naves*, em românico reconstituído, a central com 18^m,70 de altura e 9^m,60 de largura, e as laterais com 9^m,20 de altura e 6^m,20 de largura (a Igreja tem de comprimento da porta principal ao arco do cruzeiro 41^m,40 e até ao fundo da capela-mor 59^m,20). E nelas:

As *abóbadas*: da nave central com seis tramos, de cantaria, em arcos de volta perfeita, as das naves laterais, em aresta, de tejolo revestido;

Os *pilares*, divisórios das naves, em duas filas de seis, com mais meio pilar (o do muro do portal de entrada); os pilares com base e capitéis, são de secção formada por dois rectângulos cruzados, constituindo blocos de oito colunas, quatro grossas e quatro estreitas (2^m,60 de face), com excepção dos dois da entrada do cruzeiro, mais reforçados, cujo bloco é formado por doze colunas das quais quatro mais grossas (3^m,54 de face);

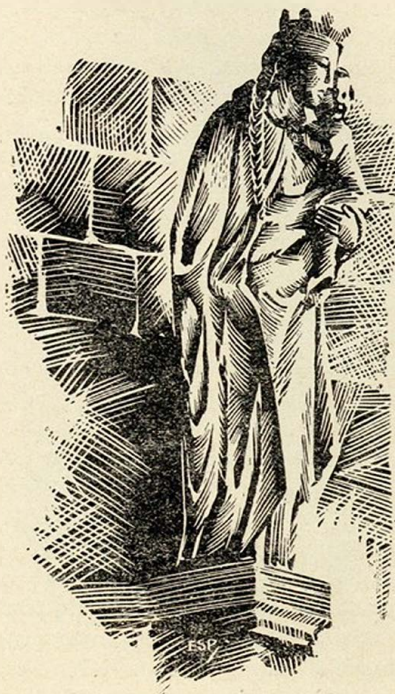
Os *arcos*, que ligam em sentido longitudinal os pilares, em duas filas, divisórias das naves, em número de seis cada fila;

As *paredes* laterais do corpo da igreja, em cantaria, rasgadas por algumas janelas ou frestas (por ocasião das obras de reintegração foram arrancados os silhares, em painéis, de azulejos setecentistas, e cedidos ao Seminário de Almada);

O *trifório*, bela arcaria, reconstituída no românico original por elementos revelados nas obras, e que contorna superiormente a nave central e o transepto, interrompido na intersecção do arco do cruzeiro, somando, no total, noventa e seis arcos;

O *batisério* (século XVII), cavado na espessura do muro do tópo da nave lateral Norte e nêle: a guarnição em mármore embutidos do *portal*, fechado com porta de

ferro dourado, o revestimento das paredes interiores, com *azulejos* do século XVIII, o *teto* abobadado, a pia batismal ao centro (neste local teria existido o primitivo batisério românico, no qual, em tradição verossímil, foi batizado Fernando de Bulhões, depois menino do côro da Sé, e que veio a ser Santo António de Lisboa);



A *estátua da Virgem* no transepto da Sé, sob o arco do cruzeiro

Dois *portas*, que conduzem às *tôres*, situadas no canto dos muros de fundo das naves laterais;

O *guarda-vento*, pobre, do século XVIII, retirado em 1939 e reposto em Junho de 1943;

A *Capela de Bartolomeu Joanes*, anexo, gótica, mandada construir por um rico mer-

gador de Lisboa daquele nome, falecido em 1324, e nela:

O *portal*, de perfil ogival fino, com cinco arquivoltas e outros tantos colunelos, e portão de ferro, situado no muro da nave lateral Norte, logo à entrada do templo;

A *abóbada*, ocupando a extensão correspondente aos dois primeiros tramos do corpo da Igreja, artezoadada;

O *túmulo* do fundador, com estátua jacente sobre arca de pedra, brazonada, em três faces, vendo-se ao lado, na parede, uma inscrição que diz do regulamento primitivo da Capela;

O *altar*, situado junto à parede ocidental da Capela, gótico, de três arcarias, e, nêlo um quadro de *pintura* do século XVI, alusivo ao «Martírio de S. Bartolomeu», e ainda mais sete telas (a «Anunciação», o «Nascimento», a «Adoração», a «Ceia» — três — e a «Descida da Cruz»), pintura da escola portuguesa chamada «de Grão Vasco» (estes quadros foram restaurados por Luciano Freire);

O *presépio*, obra admirável de Machado de Castro, assinada e datada, transferido para esta Capela de uma das capelas absidais;

A *Sacristia*, anexo do século XVII, situada do lado de fora, Sul, do muro primitivo do templo, ocupando a extensão correspondente a quatro tramos da nave, e cuja entrada se faz por uma porta situada na nave lateral do lado direito, contígua ao arco do transepto; e nela:

O *teto*, em quatro tramos de abóbada de aresta, com pinturas ornamentais alusivas à dignidade da Sé e às virtudes teológicas;

Um *lavabo* de mármore, com labores, na parede oriental;

Um *altar*, com placas de mármore de vários tons, e alçado do mesmo material, na parede do lado Poente, situando-se nesse altar o *cofre* de prata e madrepérola que

arrecada, segundo se crê, os presumíveis restos das relíquias de S. Vicente, recolhidas no entulho do altar daquela invocação, incendiado pelo Terramoto de 1755;

Um *credência* de mármore da Arrábida, colocada no centro da dependência;

Estátuas, em madeira, colocadas em nichos, representando Santa Isabel, Santo António e S. Dâmaso, na parede Sul, e Santa Engrácia e Santo Veríssimo, na parede do lado oposto, ladeando estas uma tapeçaria (oferecida à Sé por D. Maria I), a qual encobre o nicho onde se continha uma estátua, idêntica, de S. João de Deus (actualmente na Casa do Tesouro);

Três *lajes sepulcrais*, rasas, no pavimento do corpo da igreja: a correspondente ao túmulo, em cripta praticável, do Arcebispo (1636-1643) D. Rodrigo da Cunha, situada defronte da porta lateral da igreja, cuja inscrição de dezóito linhas, avivada recentemente, exalta a vida do notável prelado, e assinala que seus restos foram para ali trasladados em 1702; a do arcebispo (1585-1627) D. Miguel de Castro, situada logo à entrada do templo, em parte sob o reposto guarda-vento; outra ainda, junto da anterior, correspondente à jazida dos cônegos, que foram desta Sé, António de Barros, falecido em 1551, Pedro Rodrigues de Barros, em 1561, Paulo Cequeira de Barros, em 1621.

No **TRANSEPTO** discriminam-se:

Seis *pilares*, dos quais apenas três faces estão à vista, pois a outra face encrusta-se nos cunhais ou a topos dos muros, e cujas dimensões e construção são idênticas às dos dois grossos *pilares* terminais das filas das naves, na boca do cruzeiro;

A *abóbada*, de volta perfeita, em cantaria, como a da nave central;

O *cruzeiro*, com *lanternim* e *cúpula* interior artezoadada assente sobre as paredes

que se levantam dos quatro arcos, e sôbre quatro trompas românicas nascidas das engas, tomando assim o cruzeiro uma forma octogonal: uma *galeria* de circulação no interior da cúpula, com oito janelas românicas, e ainda mais uma, ao alto, românica também, voltado para o exterior do templo, do lado do Claustro (cúpula e lanternim é o que resta da base de uma tôrre sineira, quadrada, de dois andares, que o Terramoto de 1755 derruiu);

O *trifório*, já referido e continuado da nave central, circundando as asas do transepo;

Uma *rosácea* no muro do tópo Norte, reconstituição do comêço do século (Fuschini), com vitrais, feitos em França, por cartões de António Ramalho;

Outra *rosácea*, no muro oposto, do lado Sul, reintegração de 1939, cujos vitrais (Ricardo Leone) representam a Virgem rodeada de anjos;

Dois *janelões românicos*, sob a rosácea Sul, desentaidados pelas obras de reintegração, com vitrais que representam S. Vicente e Santo António;

Dois *janelões românicos*, sob a rosácea Norte, mas cegos;

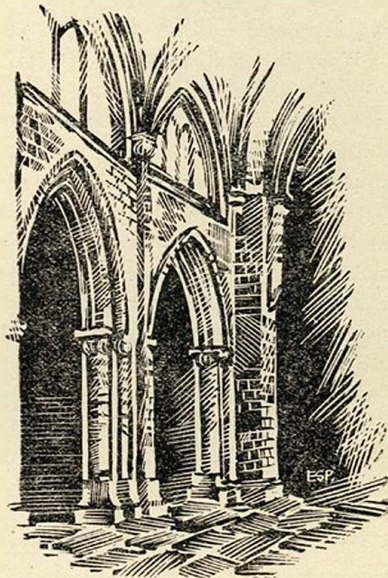
Uma *imagem* de grande dimensão em gesso, representando a Virgem Maria, escultura de Anjos Teixeira (1909), colocada, em 1940, no lado direito do arco do cruzeiro (esta escultura destinava-se ao monumento da Imaculada Conceição, a erigir na actual Avenida de Cinco de Outubro);

A *Capela do Santíssimo*, com acesso pela face oriental do braço Norte do transepto, ocupando o espaço de uma antiga sala gótica e ainda a primeira das capelas ogivais do deambulatório; e nela: o *portal*, seiscentista, de estilo Renascença;

O *interior*, caracterizado pelo predomínio de estuques dourados; o *altar*, que ocupa o tramo da referida capela ogival

do deambulatório, com banquetas de mármore; um quadro, a óleo, por trás do altar, emoldurado em contôrno irregular, representando *A Ceia* (Pedro Alexandrino?);

O *Camarim do Patriarca*, com acesso por uma porta, aberta recentemente, situada no braço Norte em frente do portal Renascença da Capela do Santíssimo (foi entaipada uma porta de comunicação com a



Aspecto exterior da Capela de S. Vicente

nave lateral), e ocupando o pavimento inferior dos anexos dos séculos XII e XIII; e nêle: o *altar de Sant'Ana*, do século XVII, obra de boa talha dourada e mármore de mosaico florentino, transferido, em 1936, de uma das capelas absidais;

A *Capela de S. Vicente*, situada já no comêço do deambulatório, contígua ao extremo do braço Sul do transepto, gótica, do século XIV (reintegrada), com dois portais ogivais, franqueados, e teto de madeira,

incaracterístico, (colocado recentemente), e com um altar, de cantaria, em estilo gótico, sôbre o qual foi colocada uma *imagem*, de madeira estucada, representando Santo António, e, ainda, sôbre uma mísula de pedra, uma imagem, de madeira, seiscentista, avivada de côres, que pertenceu à Igreja do Coleginho.

A **CAPELA-MOR** (não atingida pelas obras de reintegração começadas no actual século) foi, como é lógico, românica desde a fundação do monumento; D. Afonso IV, no segundo quartel do século XIV, tornou-a gótica, e, mais tarde — crê-se que no meiado do século XVI, e talvez por efeito de ruína que houvesse sofrido anteriormente, ou por capricho do prelado (arcebispo D. Fernando de Vasconcelos) — recebeu a estrutura que se conservou até ao Terramoto, e as obras de restauro (1777) sensivelmente mantiveram, no estilo pseudo-clássico. Anota-se:

O *arco* da Capela, à *bôca do Cruzeiro*, de grande dimensão, em estilo românico, reconstrução de 1939;

A *abóbada*, em madeira e estuque, sectionada em três tramos, com fundo em meia corôa, revestida de pinturas de figura e ornato, de técnica semelhante à da sacristia, representando os símbolos da Santíssima Trindade e anjos; nela se rasgam nove janelas iluminantes incaracterísticas;

As *paredes*, revestidas de mármore (século XVIII), formando painéis divididos por pilastras com capitéis de tipo jónico;

O *altar*, logo à *bôca* da Capela-Mor, isolado a meio, reconstituído (1940) em estilo gótico, sóbrio, em cantaria, assente sôbre cinco colunas e servido por base de três degraus;

Dois *tribunas*, um por cada lado correspondendo aos dois primeiros tramos da *abóbada*, salientes, de varanda dourada e dócel,

cada uma com seu órgão setecentista, presentemente áfonos;

Dois outras *tribunas*, uma por cada lado, situadas em correspondência aos dois primeiros tramos da meia corôa do fundo poligonal, com balaüstrada de cantaria;

Os *túmulos* de D. Afonso IV e de D. Beatriz, um de cada lado, alojados no vão do terceiro tramo da cobertura, reconstituídos em mármore, com sólida base e sarcófagos com legendas, depois do Terramoto, em substituição dos primitivos;

Um *retábulo*, no fundo da capela, representando N. Senhora da Assunção, pintura de cópia, obra de José Inácio de Sampaio (1825).

O **DEAMBULATÓRIO**, com as capelas absidais, um dos mais belos conjuntos góticos do país (D. Afonso IV), meados do século XIV, envolvendo a capela-mor, e nêle:

As duas *absidiolas*, de fundamento românico do qual restam vestígios marcados, os quais se podem considerar integrados no deambulatório, e que tiveram, quer na estrutura românica quer gótica, passagem para a capela-mor, na altura do primeiro tramo (é nestas absidiolas que se situam o corpo da Capela do Santíssimo, do lado esquerdo, e a Capela, reintegrada, de S. Vicente, lado direito);

A *abóbada*, em ogival fino, com arções, e em cujos fechos faltam, presentemente, quási todos os florões;

As sete *frestas* ou janelas *ogivais*, do exterior poligonal da capela-mor, com lancetas, reconstituídas quási tôdas da estrutura original gótica, mas cegas;

As oito **capelas absidais**, das nove primitivas (uma é ocupada pelo fundo — altar — da Capela do Santíssimo), reintegradas recentemente, com *arco* ogival de *bôca*, tôdas de colunas com capitéis estilizados di-

ferentes, *abóbada* de sete nervuras, três frestas góticas com lanceta, de vitral (Leone), e cada uma com seu *altar*, em cantaria, meramente decorativo; descreminam-se, nas *invocações antigas* e particularidades, a começar do lado esquerdo: De N. Senhora da Luz (1.^a), oculta, como dito, na recâmara da Capela do Santíssimo, e, à vista, a do Espírito Santo (2.^a), com portal de passagem para a ala Norte do claustro, a da Trindade, e também da Senhora da Penha de França e de Santo Aleixo (3.^a), a de Sant'Ana (4.^a), cujo rico altar seiscentista foi transferido para o Camarim do Patriarca; a correspondente a uma antigo cartório, ardido pelo Terramoto (5.^a), a de Santo Ildefonso (6.^a), também chamada «do Presépio» porque nela se conservava êste formoso espécime de cerâmica barrista, desde 1936 transferido para a Capela de Bartolomeu Joanes, a de S. Cosme e S. Damião, também dita de Santa Cecília (7.^a), a do Salvador ou da Senhora da Piedade (8.^a), que pertenceu à irmandade dos Calafates, e também com porta de passagem para a ala Sul do Claustro, a de S. Sebastião (9.^a e última) contígua já à Sala ou Capela de S. Vicente, na antiga absidíola;

Os *túmulos*, que se descreminam,, existentes nalgumas dessas capelas: na 4.^a, o de «Uma *princesa desconhecida*», com estátua jacente do século XIV, e que seria o de uma criança, a Infanta D. Beatriz, filha dos Reis de Aragão, e neta de D. Afonso IV, e um pequeno cofre, em pedra, obra do século XVI, contendo os restos do primeiro arcebispo de Lisboa, D. *João Aues*; na 7.^a, os formosos túmulos, em pedra lavrada, com estátua jacente e braços de armas, de D. *Lopo Fernandes Pacheco* (à esquerda), guerreiro, fidalgo e valido de D. Afonso IV, chanceler da Rainha D. Beatriz, pai daquele Diogo Pacheco, conselheiro do mesmo

rei e indigitado autor da morte de D. Inez de Castro, e de D. *Maria Vilalobos* (à direita), segunda mulher de D. Lopo, o que tudo se apura na longa inscrição, em pedra, embebida numa das paredes (nestas capelas absidais existiram várias lápidas com inscrições, colocadas presentemente e conservadas no «Museu das Obras» situado nas alas do Claustro).

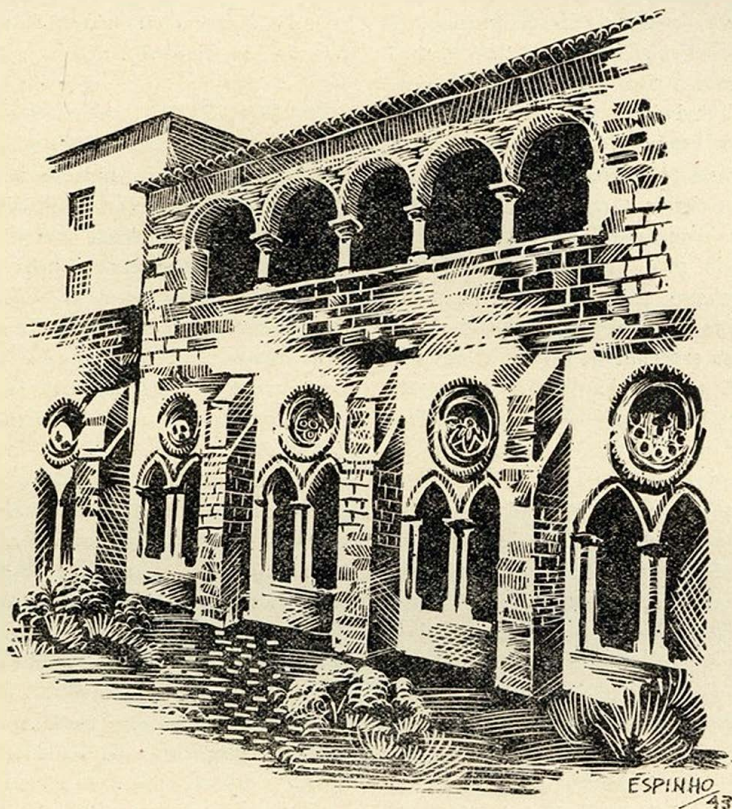
O **CLAUSTRO**, gótico, situado a nascente do templo, ocupando o espaço de uma primitiva cêrca muralhada, obra de D. Deniz (século XIV), constituído por três faces rectilíneas a Norte, Oriente e Sul, e por uma face irregular em meia corôa que corresponde ao *exterior das capelas* absidais — curioso conjunto de corpos salientes rasgados por janelões ogivais, sobreposto por terraço circular no qual assentam os arcobatantes do muro do deambulatório —; e nêle:

As *abóbadas* das três galerias inferiores, ou corredores, artesonadas, e com florões nos fechos, constituindo oito tramos na ala Norte, excluindo o angular, sete tramos na ala Nascente, e dois tramos apenas na ala Sul, pois o espaço que se continua até ao encontro do exterior da abside está descoberto;

As *arcadas* das três faces, apoiadas em *colunelos geminados* no sentido da profundidade, coroadas de óculos circulares que emolduram tecidos, todos diferentes, de cantaria, divididas por *botareus* salientes até a altura da abóbada, e cujos vãos abrem para o pátio interior, desafogado êste recentemente dos restos de construções que o peçaram durante os últimos três séculos; descreminam-se: na face Norte, sete arcadas geminadas e uma interrompida no encontro com o exterior da abside; na face oriental, seis arcadas, sendo as quatro centrais de três vãos ogivais, e as dos extremos de um

único vão; uma única arcada na face Sul, geminada, na seqüência do ângulo, pois as restantes não foram ainda restauradas, estando os arcos apenas lançados até à altura do peitoril, com parte dos colunelos já construída;

góticos: de S. João Evangelista (1.ª) e de S. Lourenço (2.ª), comunicantes, constituindo uma única sala, presentemente dependência da Irmandade do Santíssimo, vendo-se sobre a vêrga do arco da segunda uma legenda que diz da reedificação da ca-



Vãos geminados do Claustro na ala Norte

As salas ou antigas capelas das três alas, e que se discriminam nas antigas invocações e particularidades:

Na *ala Norte*: seis, que foram primitivamente ogivais, transformadas e deformadas no século XVII para efeitos de culto no estilo barroco da época, e das quais, em três, se encontraram recentemente vestígios

pela Irmandade de S. Lourenço em 1631; a de N. Senhora de Belém e de S. Nicolau (3.ª), também com legenda sobre o arco, e que se refere à reedificação em 1634, e, nela, interiormente um altar e várias imagens; a do Senhor Jesus da Boa Sentença (4.ª), reedificada na mesma época, com porta gradeada (como as antes citadas),

cuja grade, decorativa, dourada, em meia curva, apresenta motivos da Paixão, e nela, interiormente, pinturas no teto, quatro quadros, a óleo, seiscentistas, com cenas da Paixão, e um altar com imagens de Cristo Crucificado e o Senhor Morto; a de Santo António (5.^a), com legenda sôbre o arco que dá «feita em Fev.^o no anno de 1652», desguarnecida de alfaias, revestida de silhar de azulejos seiscentistas, e com uma reentrância, em arco, na parede oriental na qual se vê, embebida, uma lápida, com inscrição que diz da fundação da Capela por Manuel Malheiro, fidalgo de S. M.; a de N. Senhora da Atocha (6.^a), também «feita em Fev.^o no anno de 1652», desguarnecida, e na qual recentemente se construiu uma escada de caracol, em ferro, que conduz ao piso superior do claustro;

Na *ala oriental*: a começar pelo tópo Norte, e junto de um arco-sólio que contém uma inscrição em caracteres góticos, seis salas, antigas capelas, que haviam sido deformadas no século xvii, e recentemente reintegradas no estilo gótico primitivo, com portal ogival franqueado e abóbadas artonadas: a de Santo Aleixo (1.^a), com a data de 1646 (transformação) esculpida no pilar esquerdo, e nela quatro arco-sólios, com arcas tumulares, duas delas com estátua jacente, muito mutilada; a de S. Miguel e Almas (2.^a), presentemente depósito de materiais recolhidos depois das obras de restauro, grades e adornos, entre êles o *gradão românico* (século xiii), de preciosa serralheria portuguesa, desarmada, que esteve colocada na 7.^a capela absidal, depois no tópo Sul desta ala, e que figurou no Pavilhão de Lisboa da Exposição do Mundo Português; a da Senhora da Piedade ou da Terra Sôlta (3.^a) —, também chamada «da Misericórdia», por nela ter sido fundada (1385), pelo almirante Cogominho, almirante-mor de D. Deniz uma Irmandade da

Misericórdia, que precedeu a criada (1498) pela Rainha D. Leonor e por Frei Miguel Contreiras, a Confraria da Misericórdia de Lisboa, e que teve a sua primeira sede nesta capela ou na imediata — e nela, presentemente, algumas *imagens* e *esculturas*, entre elas, a de N. Senhora da Piedade, por Teixeira Lopes, que esteve até 1939 no exterior da Capela de Bartolomeu Joanes, a de N. Senhora da Assunção, do mesmo escultor, que até aquele ano se via no átrio do pórtico lateral da Sé, a de Santa Maria, «a Grande», ou de Bettencourt, em pedra pintada, com expressão bárbara, que ornou, até 1936, um dos desaparecidos altares do transepto, uma escultura, em pedra, de S. Sebastião, e ainda fragmentos de antigas imagens escultóricas (nesta capela, que foi completamente restaurada, parecendo nova, existiu, em ligação com a capela imediata, a partir do século xvii, um altar, rico em mármore florentinos, de tipo Renascença, calcinado por incêndio por ocasião do Terramoto de 1755, e cujos restos se mantiveram até à recente reintegração das capelas no estilo gótico primitivo); a Sala do Capítulo (4.^a), que, com o altar citado que existiu na capela precedente, constituiu a Capela dos Arcebispos, também chamada no século xvii, por extensão designativa, da Terra Sôlta, e que abrange o espaço correspondente a dois tramos da galeria, e, nela, o portal central, ladeado por dois janelões góticos geminados, e, interiormente, os *túmulos*, com estátua jacente, e braços esculpidos, de D. Margarida Albernáz, mulher do almirante Cogominho (século xiv), a primeira caixa tumular, armoriada, do arcebispo D. João Anes, além de outros túmulos sem identificação; a Sala (5.^a), suposta de cartório ou de arrecadação, na qual se conservam, presentemente, peças arquitectónicas das obras da Sé; a capela (6.^a), fundada por Estêvão Domingues e

Mor Martins (1305), certamente uma das primeiras, e nela dois arco-sólios, a inscrição primitiva relativa à fundação da capela, fragmentos, no pavimento, de mosaico vidrado, polícromo, que revestiu o chão, e a janela ogival, primitiva, aberta na muralha do lado das Cruzes da Sé. (Estas capelas da ala oriental do Claustro têm, com excepção da terceira, janelões ou frestas, algumas cegas, para o Beco do Quebra Costas, havendo a notar que um janelão da quarta capela — a maior — apresenta ainda no arco de volta redonda ornatos florentinos);

Na *ala Sul*, na qual existiram capelas, tumulares ou de invocação, de pouco fundo, cavadas na muralha: logo a seguir ao janelão geminado do tópo (reconstituição de 1904), um arco-sólio com dois túmulos; uma pequena capela de abóbada ogival; três arcos-sólios, em seqüência, com arcas tumulares.

O «*Museu das Obras da Sé*», ocupando, além das salas ogivais, as alas do claustro, e nêle: lápidas e inscrições, que ocuparam paredes e chãos de capelas de todo o monumento, e do próprio Claustro, pedras e arcas tumulares, além das já citadas, peças arqueológicas soltas, elementos arquitectónicos reunidos depois da conclusão das obras de restauro e reintegração, o que tudo só poderá ser inventariado em rol privativo do mesmo «*Museu*», de que se fará mais

larga referência, oportunamente, no capítulo «*Túmulos e peças tumulares*» dêste trabalho; assinala-se, nomeadamente: na ala oriental a «*cadeira de pedra*» em cujo espaldar se vêem gravadas as armas do reino, com a data de 1629, com um singular gradeamento de bicos na roda do assento (a esta peça é atribuída antiguidade, e a ela andaram ligadas tradições de administração de Justiça real, uma e outras sem fundamento sério).

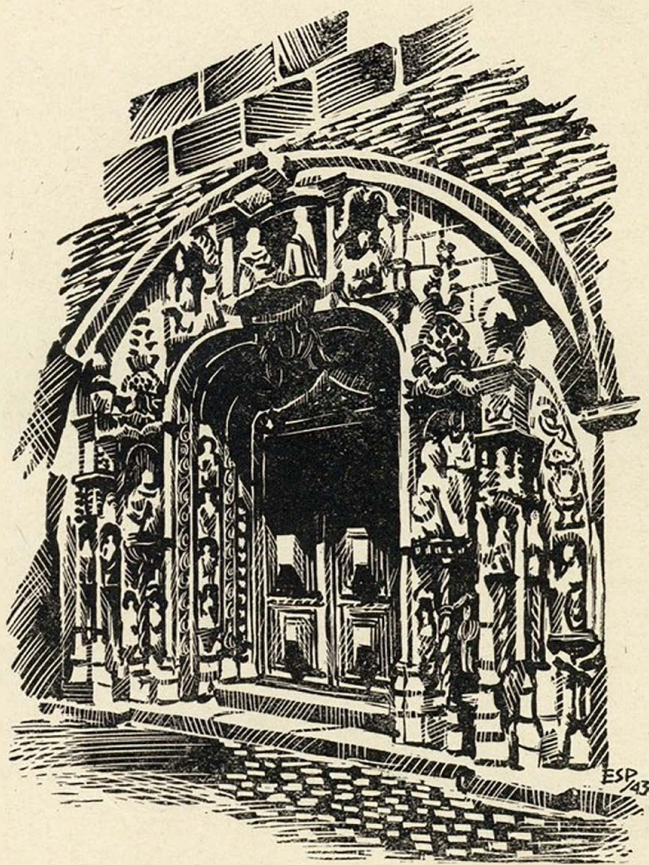
No Claustro da Sé há ainda a considerar:

A *galeria superior*, sobrepondo-se às três alas da galeria inferior gótica, e não existente no claustro primitivo, e nela: a *arcaria*, de volta inteira, em estilo *românico* (século xv? xvi?) acompanhando a Norte e quasi tóda a ala Nascente, e que se supõe que houvesse pertencido a outro edificio e ali adaptada.

As **DEPENDÊNCIAS** do templo, dignas de anotação, situam-se nos pavimentos superiores dos edificios anexos do lado Norte (séculos XII e XIII), abobadadas e com nervuras, e do lado Sul (séculos XVII e XVIII). Nalgumas delas se encontram instalados o Museu ou Tesouro da Sé, ao qual neste Inventário se fará referência mais destacada nos capítulos «*Museus*».

Fica assim, sumariamente, inventariado o monumento nacional que é a Sé Patriarcal, cujo restauro e reintegração foram dados por findos em 1941, parecendo, porém, que se projecta ainda reintegrar a Capela-Mor no estilo gótico de D. Afonso IV, e concluir o restauro do Claustro.

JERÓNIMOS



JERÓNIMOS

(SANTA MARIA DE BELÉM)

Século XVI

Fundação	1502
Ampliações e transformações	Séc. XVI
Restauros e transformações.	Séc. XIX e XX

[Freguesia de Belém]

Breve notícia histórica

O monumento dos Jerónimos, opulenta jóia quinhentista de arquitectura e de estatuária — émulo do Mosteiro da Batalha — representa na realização global uma projecção das glórias marítimas portuguesas. É certo que não foi concebido e projectado para celebrar essas glórias, pois a bula de Alexandre VI (1496) que aprovou a construção do Mosteiro é anterior à largada das naus de Vasco da Gama para a Índia (1497), e a doação, por escambo com os freires de Cristo, da pequena ermida quatrocentista, fundada pelo Infante D. Henrique, de N. Senhora do Restêlo, aos frades de S. Jerónimo, precedeu no ano de 1499 (Janeiro) a boa nova trazida pela «Berrio» (Julho) da chegada da frota a Calicut.

No fim do século o monumento não estava, porém, ainda lançado, o que só sucedeu em 1502, ano da primeira pedra. Contudo em 1501 já se arrecadavam para o Mosteiro os rendimentos da «vintena das especiarias, pedraria e minas» da Índia. A magnificência que o monumento veio a assumir foi, desta sorte, um reflexo das descobertas e conquistas no Oriente, logo seguidas das do Brasil, e o génio português, exaltado por esse acontecimento universalista, a cuja influência de inspiração os «mestres» architectos estrangeiros não se furtaram, não pôde ser de todo alheio à traça e aos elementos constructivos. Aquele acontecimento, em reflexo político, económico e social de um reinado, dominou toda a primeira parte do século XVI.

O primeiro architecto foi, seguramente, o insigne «mestre» Boytac, que se crê francês de nascimento, que já construíra a Igreja de Jesus em Setúbal, e trabalhara na Batalha e em Santa Cruz. A este sucedeu em 1517 João de Castilho, biscainho, não menos ilustre do que Boytac. No decorrer das obras trabalharam em colaboração com Castilho, ou sucederam-lhe nas empreitadas, Nicolau de Chanterene, francês, mais imaginário que architecto, e que lançou em Belém a arte da Renascença, Diogo Torralva no meado do século XVI, Jerónimo de Ruão, no penúltimo quartel do século, além de muitos outros, situados em plano secundário, aparelhadores ou artífices destacados, empreiteiros ou auxiliares de uma só zona, tais Felipe Henriques, Rodrigo Afonso, Diogo de Castilho, irmão de João, Pero Trilho, João Gonçalves, Domingos Guerra, Leonardo Vaz, Fernando da Formosa, Francisco Benavente e Rodrigo Pontezilha.

O monumento dos Jerónimos oferece três períodos de obras dentro de todo o século XVI, e não foi construído em seqüência e em ritmo uniforme, acusando períodos de trabalho de maior ou menor

intensidade; compreende-se, assim, uma sobreposição de artes e estilos, mesmo de maneiras, denunciando pausas, mas que se conjugam num todo harmónico, nunca dissonante. O manuelino é a característica dos Jerónimos, arte nascida do gótico que nêle é raiz e património, primeiro estremecimento lusiada para a libertação de sujeição a uma arte alheia, aliás de eterna beleza, atracção irresistível para uma renascença, que o manuelino por si próprio representa, no seu simbolismo, naturalismo e equilíbrio de temas.

Nos Jerónimos as obras do século XVII e XVIII são meramente decorativas, litúrgicas ou de circunstância; as do século XIX foram de recomposição ou restauro sumário, nem sempre acertadas; as últimas, de 1940, correspondem à necessidade de corrigir desmandos e reintegrar o templo e o conjunto do monumento na sua feição primitiva mais séria.

Quanto ao extenso corpo, a Poente, também em estilo manuelino — êle não é primitivo, pois, de começo, a actual galeria não seria mais do que uma elegante e sóbria arcaria ogival, de abóbada artozoada, espécie de galilé; foram os frades quem, muito mais tarde, entaiparam os arcos, compuseram envidraçamentos, e construíram sôbre a arcaria um segundo pavimento, para nêle instalarem setenta e duas celas, ao mesmo tempo que ligavam êsse corpo monasteiral à Igreja por meio de um corpo intermédio de passadiço, no qual existiu uma Sala dos Reis, mutilando para tal enxerto o pórtico ocidental e principal do templo.

Em 1833 foi instalado nesse corpo a Real Casa Pia, cujo provedor, em 1859, José Maria Eugénio de Almeida, fêz promover a regularização arquitectónica dêsse anexo, havendo dirigido as obras de 1860 a 1867, sucessivamente, os architectos Colson, francês, Valentim José Correia, Samuel Beumet, inglês; em 1868 os artistas Cinatti e Rambois traçaram um projecto de reedificação, que ostentava no meio dos vinte e quatro tramos de arcaria um alto corpo central, rematado por esguia torre com grimpã, o qual chegou quasi a conclusão, mas que em 18 de Dezembro de 1878 aluiu estrondosamente, já havia sido nesse mesmo ano demolido o passadiço da Sala dos Reis. Em 1882 propunha-se a construção de uma nova torre central de 60 metros de alto, projecto que não prosseguiu; em 1891-92 dirigia as obras de restauro o architecto Domingos Parente, depois Raimundo Valadas, e finalmente Rozendo Carvalheira. Foi êste architecto que fêz concluir um corpo central mais modesto, mas mesmo assim desproporcionado, o qual em 1940 foi reduzido de altura nos pináculos pela Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (architecto Baltazar de Castro).

Os Jerónimos entraram na classificação de «monumento nacional» por decretos de 10 de Janeiro de 1907 e 16 de Junho de 1910.

Ficam, dêste modo, «inventariadas» sumariamente as vicissitudes dos Jerónimos. Já estudado, descrito e monografado por vários autores, críticos e artistas, o monumento fica neste «Inventário» circunscrito à intenção da obra, que não comporta mais que uma síntese e um acanhado desenvolvimento.

A freguesia — paroquial — de N. Senhora de Belém foi criada, independente e desanexada da Ajuda, em 28 de Dezembro de 1838, e começou a funcionar em 22 de Março de 1881, fazendo parte do concelho de Belém, criado naquela data. Em 18 de Julho de 1885 foi extinto aquele concelho e a freguesia incorporada no concelho de Lisboa.

INVENTÁRIO

Síntese

Nos Jerónimos há a considerar designadamente:

- | | |
|---|--------------------------------------|
| ○ EXTERIOR, em três faces, e nêle: | ○ portal principal do Poente (1517); |
| ○ portal lateral do Sul (1502); | ○ portal da portaria (século XVII). |
| ○ vestibulo ou galilé do Poente (1941); | A torre. |

O INTERIOR, corpo da Igreja, e nêlo:

O *sub-côro*, suas capelas (meados do século xvii), e os túmulos de Vasco da Gama e Camões (século xix);

O *côro*, da mesma época, e nêlo o *cadeiral*, com painéis (século xvii) nos espaldares;

As *naves*, e nelas designadamente: a *abóbada*, os *pilares*, os baldaquinos e portas de confessionários da parede norte, e os janelões com vitrais da parede Sul;

O *transepto*, e, nêlo, a abóbada (fechada em 1522), as grandes *capelas laterais*; os túmulos e altares (século xvii e xviii), os *púlpitos*;

A *capela-mor* (em estilo clássico do terceiro quartel do século xvii) e nela: o *arco triunfal* manuelino, a *abóbada*, os *túmulos reais*, as *tábuas quinhentistas*, o *sacrário* (século xvii);

A *sacristia*, e, nela, a *abóbada*, o seu único *pilar* (renascença), os *arcazes*, os *quadros* (século xvii);

O CLAUSTRO, de traça primitiva, recheado de elementos e temas de Renascença, e nêlo:

As *galerias* inferior e superior;

As *abóbadas*;

Os *arcos* rasgados para a quadra central;

As *janelas* e *portas* dos lanços das galerias;

A *Casa do Capitulo* (século xvi e seguintes), e nela o túmulo de Herculano (século xix);

O *refeitório* primitivo.

O **ANEXO MONASTEIRAL** (actual Museu Etnológico), e nêlo:

O *exterior*, com corpo central (sécs. xix e xx) e as alas laterais em extensão.

Desenvolvimento

O monumento dos Jerónimos, em mancha rectangular, integra-se no princípio da horizontalidade, desenvolvendo-se em extensão paralela ao rio, sem altas linhas verticais, nem agudos coruchêus ou destacados pináculos.

O Exterior

é assinalado pela face Sul, que, pela sua situação dominando a Praça do Império, se pode considerar a principal, pela face Poente, quasi occulta, onde se situa o portal principal do templo, e pela face Nascente, constituída por corpos salientes da capela-mor, do transepto e capelas. Projecta-se também para Poente, em ligação indirecta com o templo, o edificio monasteiral (actual Museu Etnológico), alpendrada de fortes arcaturas, que foi uma primitiva galilé ou galeria de passagem privada, então de um único piso, sôbre a qual se ergueu mais tarde o andar superior.

Assinala-se quanto ao Exterior do templo:

FACE SUL, voltada ao rio sôbre a Praça do Império, e nela:

O *corpo exterior* da capela extrema Sul do transepto, nu de decoração, ilustrado apenas por uma rosácea iluminante e pelo

friso ou filete que cinge todo o corpo exterior do monumento.

O *Portal lateral* (João de Castilho, sôbre primeira traça de Boytac), composição ascensional exuberante, desenvolvimento que fôsse de um grande baldaquino, no qual, inferiormente, a *porta geminada*, de acesso ao templo, com seu mainel e tím-

pano, sob o arco cheio envolvente, corresponde a um nicho raso; e neste Portal, em estatuária:

Os *doze apóstolos*, nos nichos inferiores;

O *Infante D. Henrique*, sob o mainel que divide a porta;

N. *Senhora de Belém*, sobre mísula, no remate do arco que isola o tímpano, tendo por fundo, como se fôsse de altar, o vitral de uma *janela* enriquecida de guarnição;

Quatro sibilas coroadas (Eritreia, Europa, ?, ?), *quatro profetas* (Zacarias, Ezequiel, Elias e Jeremias), *quatro doutores da Igreja* (S. Jerónimo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e S. Jerónimo);

S. *Miguel*, arcanjo, destacado, ao alto e acima da cimalha, ao nível da grillhagem (remate de reconstrução do século XIX);

Em *baixos relevos*, a «Adoração do Crucificado» e a «Cura do Leão», fastos da vida de S. Jerónimo.

Dois janelões, ladeando aquele portal lateral, emoldurados profusamente, com fundos de vitral iluminantes da nave;

Em continuidade para Poente: *dois janelões*, entre botaréus, correspondentes às divisões dos tramos do sub-côro, sobrepostos verticalmente, e, logo no corpo extremo da torre, outros *dois janelões*, também sobrepostos verticalmente, sendo o superior trigeminado, com duas lancetas.

FACE POENTE, que enfrenta o tópo nascente do anexo monasteiral (Museu Etnológico), e nêle:

Vestíbulo ou átrio, espécie de galilé, construído em 1941-1942 (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais — arquitecto Baltazar de Castro), situado na passagem para a antiga portaria da Casa Pia, franqueado livremente; e nêle: *dois tramos de abóbada* artezoadas, com florões nos encontros das nervuras, quatro dos quais

são primitivos (esta passagem esteve, em tempos, coberta grosseiramente por um passadiço (ante-côro ou sala dos reis), derrubado no século XIX, no lugar onde agora se construiu um terraço com porta de passagem para o Côro); é neste vestibulo que se situa, à direita, encostando-se superiormente à abóbada, o

Portal principal da Igreja, voltado a Poente, já em estilo Renascença (Nicolau Chanterene, 1517), mais belo que o Portal Sul, constituído por uma arco policêntrico, sobrepujado do escudo real, que emoldura o rectângulo de ingresso, e pelo envolvimento geral da composição, por sua vez contornada superiormente por um arco pleno, singelo, de volta abatida, apoiado em colunas simples. Nesse envolvimento há a discriminar em estatuária:

O *Rei D. Manuel*, em atitude de adoração, e, atrás, de pé, S. *Jerónimo*, grupo situado num nicho superior docelado do lado esquerdo;

A *Rainha D. Maria*, de joelhos, vendo-se atrás, de pé, seu patrono, S. *João Baptista*, no nicho lateral oposto ao anterior;

Os *quatro evangelistas*, dois por cada lado, em nichos inferiores, sob as mísulas que sustentam os nichos reais;

Seis apóstolos, em nichos de baldaquino circundando os pináculos laterais (rematados estes, em anomalia, por plintos clássicos);

Figurinhas, de estatuária miniatural, circundando a emolduração decorativa do portal;

O *Infante Santo*, com seus atributos, no lado esquerdo do extremo da composição;

S. *Vicente*, sem a palma do mártirio, no lado direito extremo da composição;

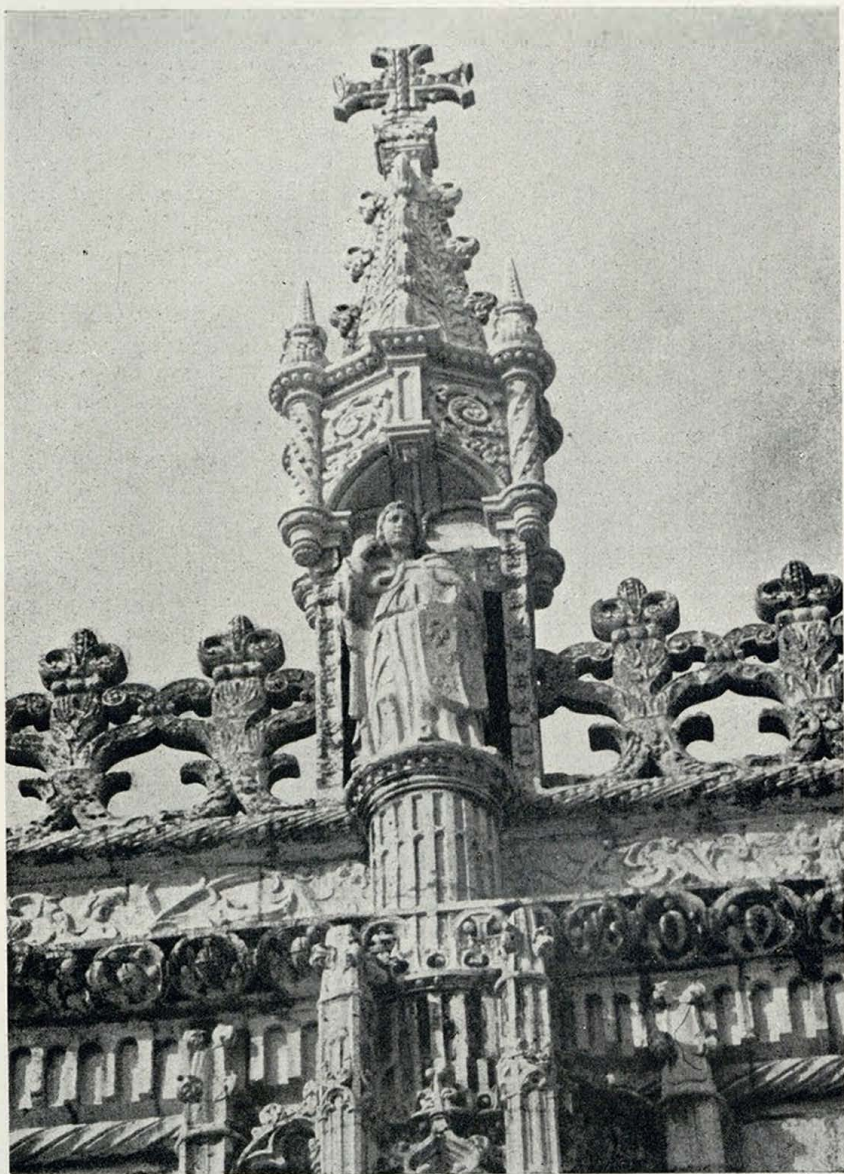
A *Anunciação*, o *Nascimento* e os *Reis Magos*, três grupos escultóricos, soltos da unidade da pedraria, colocados em nichos, fazendo sobreceu escultórico, sobre as curvas do portal.



IGREJA DOS JERÓNIMOS

Nossa Senhora de Belém no portal lateral (Sul) escultura quincentista

(Fotografia de Ferreira da Cunha)



IGREJA DOS JERÔNIMOS

Remate, acima da cornija, do portal lateral (Sul), composição que não parece ser primitiva. — A imagem representa o arcanjo S. Miguel

(Fotografia de Ferreira da Cunha)

A *Portaria*, no tópo do vestíbulo, antiga porta de acesso (até 1941) à Casa Pia de Lisboa, construção seiscentista neste lugar assente em 1625, e que fez parte exterior do corpo de dormitórios que abria defronte do portal principal da igreja, e, nela, um *escudo real*, quinhentista, anterior à feitura da composição, e dois bustos romanos, Hércules e César, saindo de medalhões, e que é tradição haverem sido encontrados, soterrados, quando se fixaram os alicerces do Mosteiro.

Nas paredes livres desta face Poente do templo, e fora e acima do vestíbulo: *dois janelões*, sobrepostos verticalmente, no vértice do corpo da torre, e idênticos ao correspondente do lado Sul, sendo, pois, o mais alto também tregeminado; *rosácea* iluminante do Côro; *porta* de acesso do terraço ao Côro; *duas janelas* iluminantes de salas contíguas ao Côro;

A *Torre*, erguida no ângulo sudoeste, rematado o seu corpo central sineiro por uma cúpula em rotunda, octogonal interiormente (que substituiu no século passado o elegante coruchéu piramidal da primitiva

traça), aberta de cinco ventanas emolduradas, adornada de oito pináculos e coroada por esfera armilar.

A **FACE NASCENTE**, constituída pelos corpos exteriores da capela-mor e do transepto, e nela, a começar do lado Norte:

Dois janelões, emoldurados, como todos os do monumento, iluminantes da Sala do Capítulo no Claustro;

Dois janelões, emoldurados, gradeados, e mais um, situado ao nível da rua, correspondendo à sacristia, e duas janelas, rectangulares, colocadas superiormente àqueles; — *Porta manuelina* de acesso à sacristia;

Corpo exterior, incaracterístico, rectangular, da *capela-mor*, rasgado por dez frestas triviais, iluminantes;

Dois janelões, emoldurados, com fundo de vidraça, correspondendo aos topos do transepto, situados nas reentrâncias que la-deiam o corpo exterior da capela-mor;

Um *outro janelão*, mais pobre de emolduração que os anteriores, correspondendo à face nascente da capela do extremo Sul do transepto.

Interior

O interior do templo dos Jerónimos é o mais belo de Lisboa, e certamente dos mais formosos, e impressionantes, não só do país como da Europa. Considera-se, geralmente, de três naves porque o corpo da igreja é seccionado por dois renques de pilares; em rigor, em relação à abóbada, a nave é única.

O **CORPO DA IGREJA** é constituído pelo Sub-côro, Côro, Naves, Transepto e Capela-Mor. Discrimina-se:

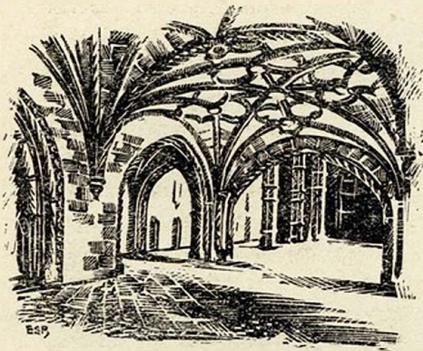
O **Sub-côro** ou ante-naves, abrindo para as naves por três arcos quebrados, sendo o central mais largo, de abóbada abatida, na variante do gótico Tudor (Torrilva), coberto em dois tramos por abóbada arte-

zoada de laçaria manuelina, excepto na parte central do segundo tramo, que é reconstrução. E nêle há a assinalar:

A *Capela dos Passos*, à esquerda, de revestimento e *ornamentação* rica de *talha* dourada (século xvii) que oculta a estrutura manuelina, vendo-se nela *quatro retábulos* seiscentistas alusivos a atributos da Paixão

de Cristo: a coluna, o sudário, os espinhos, o santo lenho;

O *batistério*, à direita, antiga Capela de S. Leonardo, de estrutura gótico-manuelina descoberta, e nela: um *altar manuelino*, na face nascente, a *pia batismal*, ao centro (1884), em taça de cantaria com motivos vegetais estilizados, alguns *relicários* e uma tela deteriorada, e medíocre, representando S. Jerónimo (esta capela tem no tópo janelão iluminante, mais pequeno do que se vê pelo exterior, porque é cego a meia altura);



Sub-côro com o arco central (gótico Tudor)

Capela abobadada, do lado esquerdo, aberta nas suas duas faces, e nela: *três portas* de confessionários, emolduradas, sendo apenas a do centro sobreposta por *baldaquino*, no qual se conserva uma imagem de S. Rafael, a qual, segundo tradição pouco verosímil, acompanhou a nau do mesmo nome na descoberta da Índia; *túmulo de Vasco da Gama* (pastiche manuelino de Costa Mota, tio, 1898) em cantaria, assente sôbre seis leões, com legendas, emblemas e estátua jacente;

Capela correspondente e similar, do lado oposto, e nela, em simetria com a do lado esquerdo, *túmulo de Luís de Camões*, da

mesma época, autoria e lavor (nesta capela situa-se um janelão idêntico ao do batistério);

As *NAVES* (o templo mede 92 metros de comprimento por 25 de largura), e nelas:

A *abóbada*, magnificente, polinervada;

Oito pilares de sustentação, octogonais, dois dêles firmados sôbre o côro, todos fragilizados por labores, encrespados de temas da Renascença, tendo seis dêles um metro de espessura, e dois, mais grossos, quadrilobados, que abrem para o cruzeiro, dois metros e vinte;

A parede Norte do corpo da Igreja, nua de altares, e, nela, sete *confessionários* de *portal manuelino*, e arcos trilobados, sobrepujados de outros tantos *baldaquinos* de decoração tôda diferenciada (no confessionário do centro encontra-se o túmulo do Dr. Sidónio Pais); quatro janelões, situados superiormente, emoldurados, com fundos de vidraça;

Dois janelões e uma janela central (esta em correspondência superior com a porta lateral), na parede Sul, com fundos de *vidral* (cartões de Abel Manta, execução de R. Leone — 1938), reproduzindo os laterais os assuntos do portal principal (D. Manuel, S. Jerónimo, D. Maria e S. João Baptista), e representando o central Nossa Senhora de Belém.

O *TRANSEPTO*, e nêle:

A *abóbada do Cruzeiro* (João de Castilho), cerrada em 1522, a 25 metros de altura, polinervada em cintas transversais, estejada em amparos mínimos, sem apoio de coluna ou pilar, e cujos encontros de nervuras são constituídos por florões patinados de bronze;

As duas *grandes capelas* dos extremos, de ampla bôca em arco manuelino, primitivamente ogivais (transformadas por Jerô-

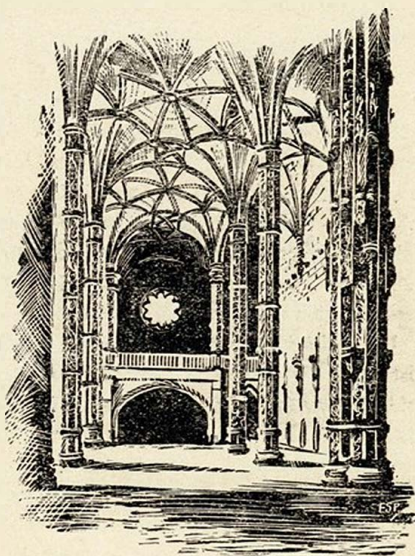
nimo de Ruão, 1587-1591), com capelas íntimas de arcatura no estilo clássico; descreminam-se: na da esquerda: *sarcófago* de mármore, assente sôbre elefantes, túmulo do Cardeal D. Henrique; quatro túmulos, dois de cada lado, em mármore simples, com legendas latinas, que conservam os ossos dos filhos de D. Manuel (alguns emparelhados), D. Afonso, que foi cardeal, D. Fernando, D. António, D. Duarte, D. Carlos e D. Luís; dois *altares* seiscentistas e dois mais modernos, com as invocações de N. Senhora do Restêlo, Beato João de Brito, Beato Nuno Álvares e Senhora da Fátima; na direita: sarcófago, idêntico ao do Cardeal D. Henrique, que contém os supostos ossos do Rei D. Sebastião, com epitáfio latino do Conde da Ericeira, que não deixa de anotar «si vera est fama»; quatro túmulos, dois de cada lado, também com legendas latinas, que conservam os ossos dos filhos de D. João III, emparelhados, D. Afonso e D. Felipe, D. João e D. Manuel, D. António e D. Deniz, D. Isabel e D. Beatriz (que morreram crianças); um *altar* moderno do Coração de Jesus;

Seis pequenas *capelas*, manuelinas no enquadramento dos arcos e tessitura, mas cujas guarnições de altares são seiscentistas, com elementos decorativos do século XVIII, e que se descreminam: do lado esquerdo do arco do cruzeiro: altar de S. Jerónimo, sem frontal, e cujo fundo aberto dá passagem ao púlpito do lado do Evangelho, no qual se vê uma *bela imagem* em terracota, esmaltada e policromada, representando aquele santo padroeiro do convento, e mais quatro imagens de santos da ordem dos Jeronimitas, e altar de Santa Maria de Belém com S. José; do lado direito: altar de Santa Paula, também sem frontal, com imagem desta santa e as de mais quatro santas da ordem dos Jerónimos, e altar de

N. Senhora do Monte Carmo; nos topos da ala direita do transepto: altares de Santo António e de N. Senhora da Conceição.

Dois *púlpitos*, um em cada ângulo da capela-mor, cujos envasamentos são povoados de evangelistas, um, e de apóstolos, outro, escultura e composição exuberante ao gosto da Renascença;

Três *portas*, emolduradas, de tessitura



Nave, na orientação Nascente-Poente

manuelina, situadas no braço esquerdo do transepto, uma abrindo para os claustros, outra, contígua, cega, e outra, restaurada, contígua ao ângulo superior, que dá acesso à ante-câmara da sacristia;

Arco triunfal do *Cruzeiro*, manuelino, primitivo, e não atingido pela transformação da capela-mor.

A CAPELA-MOR (terceiro quartel do século XVI, obra ordenada pela Rainha

D. Catarina, começada, talvez, por Diogo de Torralva e concluída em 1572 por Jerónimo de Ruão), transformada da primitiva estrutura manuelina no estilo clássico mais puro; e nela:

A *abóbada*, de berço, quadriculada em mármore, constituída por dois tramos rectilíneos, e um, de fundo, em meia coroa;

O *revestimento* das paredes, em mármore, policromos de Vila Viçosa e de Borba, ocupando os vãos entre *colunas* geminadas, com sobreposição de ordem jónica e coríntia;

O *altar-mor*, sem exuberâncias de moldura, e, nêlo, o ostentoso *sacrário*, folheado de prata lavrada (obra de João de Sousa, ourives), encomendado por D. Afonso VI depois da batalha do Ameixial (1663), mas só doado à Igreja por D. Pedro, depois rei, em 1675, conforme a inscrição gravada;

Um *políptico*, na parede do fundo, composto por cinco *tábuas* *quinhentistas*, atribuído a Cristóvão Lopes, representando as três colocadas superiormente outros tantos passos da «Paixão de Cristo», e as duas inferiores a «Adoração dos Reis Magos», com as quais se constituiria um tríptico, havendo desaparecido, no século XVII, o central (a Virgem com o menino nos braços) para dar lugar ao sacrário;

Quatro *sarcófagos* de mármore, em grandes nichos, dois de cada lado, assentes sobre elefantes, com epitáfios de André de Rezende, nos quais se contêm as cinzas de D. Manuel I e da Rainha D. Maria, do lado esquerdo, e as de D. João III e da Rainha D. Catarina, do lado direito.

A **SACRISTIA** (cujo acesso se faz por um corredor ou ante-câmara, que abre do braço esquerdo do transepto), bela quadra manuelina, e nela:

A *abóbada*, de nervagem irradiante, apoiada ao centro sobre uma coluna em arte renascença, recoberta de labores, e lateralmente sobre mísulas esperiladas;

Os *arcazes* (século XVII) e nêles *atorze pinturas* a óleo, representando cenas da vida de S. Jerónimo (século XVII);

Seis *quadros*, também seiscentistas, dando passos da Paixão de Cristo (autores desconhecidos).

O **CÔRO**, situado à entrada do templo sobre o sub-côro, obra do meado do século XVI (Diogo Torralva), ordenada por D. João III, constituído por dois *tramos abobadados*, o do fundo ocupando menos espaço, ou seja o livre entre as salas anexas das tórres primitivas, e o da frente já à largura da nave; e nêlo:

A *balaiustrada*, moderna (restauro de 1883), assente sobre os arcos do sub-côro, e na qual se fixam os dois primeiros pilares das naves;

O grande *crucifixo* quinhentista (Felipe de Brias), boa escultura em madeira, doada ao Mosteiro pelo Infante D. Luís (1551), e colocado sobre a balaiustrada;

O *cadeiral*, duplo, ocupando todo o espaço do fundo, carpintaria artística magnífica, com figuras em relêvo, obra já do Renascimento, e que se presume ser de Diogo de Carça (1550?);

Cinco *painéis*, *seiscentistas*, de cada lado, sobre os espaldares dos cadeirais, representando apóstolos, e mais dois, na parede do fundo, representando S. Jerónimo e Santo Agostinho;

Duas *portas* quinhentistas, cavadas na parede do fundo, uma de cada lado, e que dão acesso a salas, abobadadas existentes no interior das primitivas tórres;

A *rosácea* iluminante, e a porta que conduz ao terraço, antigamente ocupado pela Sala dos Reis, ou Ante-Côro.

O Claustro

O Claustro dos Jerónimos, que alguns autores estrangeiros dão como o mais belo do mundo, só pode ser inventariado em bloco, pela dispensa natural do descritivo. É um espécime de inspiração e alçado manuelinos, mas enriquecido pela arte da Renascença, exuberante de temas e de desenvolvimento ornamental. Constitue, por isso, e pelo carácter próprio dos architectos que se sucederam, uma sobreposição, cuja solução architectural João de Castilho encontrou tão hábil quanto original, sempre magnificente e harmoniosa.

São de Boytac a concepção e a traça, e só em parte construção sua; João de Castilho pode considerar-se o grande architecto desta quadra maravilhosa, que os empreiteiros, muitos de inspiração e compreensão superiores, ajudaram a erguer na primeira metade do século XVI. No meado deste século Diogo de Torralva concluiu duas alas da galeria superior.

O Claustro, rectangular, mas a que o corte aberto dos ângulos deu forma octogonal em planta, desenvolve-se em duas galerias sobrepostas, além de terraço, e o seu pátio, em quadra é presentemente ajardinado.

Assinala-se:

A GALERIA INFERIOR, e nela:

Os quatro arcos abatidos de cada face, rasgados para o pátio, divididos por pilares de secção quadrada, arcos que se desdobram em dois, oferecendo, assim, quatro vãos centrados por três mainéis, com composição rendilhada nos tímpanos ou espelhos; os arcos dos ângulos são de vão franqueado;

As Alas, de abóbada de cruzaria de ogiva rebaixada, e que se discriminam nas suas dependências e pormenores manuelinos das paredes:

Ala Nascente, a começar do lado Sul:

Janelão cego;

Porta da sacristia;

Reintrância de antiga capela, nua;

Sala do Capítulo, rectangular, lançada quando das primeiras obras do Claustro, mas só concluída no último quartel do século passado, (Manuel Raimundo Valadas, 1886) e, nela:

O duplo portal (recentemente franqueado nos vãos), obra para a qual trabalhou Rodrigo de Pontezilhas (1517), e no qual a

meia altura exterior dos dois pilares extremos se vêem as imagens escultóricas de S. Bernardo e S. Jerónimo;

A abóbada, do século passado, artezonada;

Uma tribuna, com balaustrada, em arco de volta abatida, rasgada, também no século passado, na parede do lado Sul;

O fundo poligonal, correspondendo a uma espécie de abside, formando três vãos de capelas, nuas e reentrantes, em cujas quatro colunas divisórias se situam outros tantos baldaquinos com as imagens escultóricas dos evangelistas;

Um Cristo Crucificado, bela escultura em mármore de Simões de Almeida, tio, colocada no altar central único;

O mausoléu de Alexandre Herculano (1886, Raimundo Valadas), ao centro da Sala, reduzido desde 1942 por efeito de obras de restauro e correcção à arca tumular de cantaria, com inscrições, e assente sobre seis leões de pedra, havendo desaparecido os pináculos e arcos duplos de imitação manuelina (Alexandre Herculano nasceu em 1816, morreu em 1877, e o seu

corpo deu entrada no mausoléu a 27 de Julho de 1888);

Cinco grandes *caixas tumulares*, em pedra (1941), que conservam os restos de Almeida Garrett (1799-1851), João de Deus (1830-1896), Guerra Junqueiro (1850-1923), Teófilo Braga (1843-1924), estando uma das caixas vazia;

Várias inscrições em *lápides*, nas paredes, contendo versos de Alexandre Herculano, e uma, na parede Sul, que recorda que as Côrtes Gerais decretavam as obras de conclusão da capela, em 1884, destinada a mausoléu do historiador.

Ala Norte, em seqüência:

Porta, tornada impraticável, de acesso à Casa Pia;

Reintrância de *antiga capela*, nua;

Janelão cego;

Ala Poente:

Porta do Refeitório, que foi dos frades, e depois da Casa Pia, longo rectângulo iluminado por cinco janelas orientadas a Poente; e nesta Sala:

A *abóbada*, polinervada abatida de primitiva traça;

Guarnição de silhares de *azulejos setecentistas*, policromos, com fundo amarelo e ornatos exuberantes, envolvendo nove *painéis centrais*, a côr de vinho, representando passos da vida de José do Egito;

Janela rectangular, num dos topos, emoldurando uma *tela* que representa S. Jerónimo (obra de Avelar Rebêlo?).

Em seqüência: Reintrância de *antiga capela*, nua;

Porta de acesso ao antigo edificio conventual (Casa Pia);

Janelão cego.

Ala Sul:

Janelão cego;

Doze antigos *confessionários*, cavados na parede (posteriores) correspondentes aos sete da nave, aos três do sub-côro, e a mais dois, ainda do sub-côro, ocultos no fundo da Capela dos Passos;

Bela *janela geminada*, correspondente ao lanço de escadaria, que conduz à galeria superior;

Porta da escadaria para a galeria superior.

A GALERIA SUPERIOR, e nela:

Os quatro arcos de cada ala, rasgados para o exterior, divididos por contrafortes redondos, rematados, acima da platibanda do terraço, por pináculos em espiral, arcos que se desdobram cada um em dois, acarelados, envolvidos pelo arco superior de volta abatida; os *arcos dos ângulos* são de vão franqueado como os do primeiro piso;

Varandim corrido, adeantado das arcarias, contornando as quatro faces da quadra;

As *alas*, abobadadas em arco pleno, constituindo uma magnífica segunda galeria, sôbre a qual superiormente corre o terraço descoberto.

Anexo monasteiral

O anexo monasteiral, já referido, em rigor não se integra no monumento nacional, por excelência, que é o conjunto quinhentista dos Jerónimos. Construído inicialmente, na galilé intermínua, no estilo gótico manuelino, pastichado, depois, no mesmo estilo, já sem nobreza nem poder de assimilação architectónica, este Anexo não pode, contudo, deixar de ser considerado como fazendo parte dos Jerónimos, até pela sua proporção extensiva visual. Está presentemente em obras parciais de restauração e de melhor conciliação de valores architectónicos.

Assinala-se:

O **Corpo Central**, concluído no princípio do actual século (Rozendo Carvalheira) reduzido de proporções no coroamento (1942), apoiado à frente por seis colunas rematadas em pináculos acima da platibanda, e nêle: o *portal* reentrante, o *terraço*, com balaüstrada, avançado de um janelão central, trigeminado e de dois laterais;

Os **corpos laterais**, em tramos divididos por botaréus rematados em cone espiralado

e, nêles: no pavimento inferior, vinte e duas *arcadas* (onze em cada ala), envidraçadas, de vãos geminados, e outros tantos *janelões*, em correspondência, no segundo pavimento;

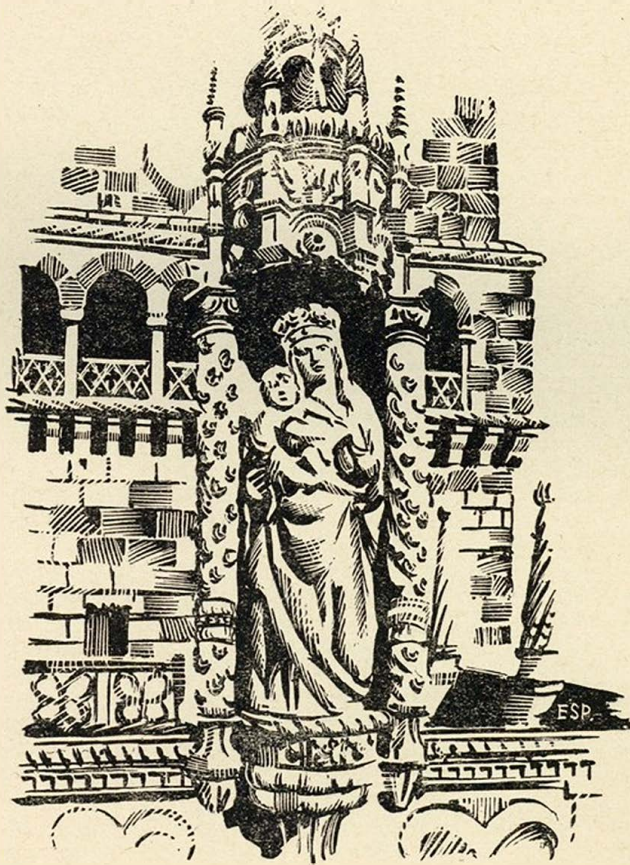
Quatro lôrres, duas em cada extremo Nascente e Poente dos corpos laterais, rasgadas de frestas e coroadas por esguias cúpulas piramidais.

Interiormente as *galerias* são *abobadadas*, com artezões de estilo ogival, no pavimento inferior.

Fica dêste modo inventariado, sumariamente, o monumento dos Jerónimos, constituído pelo Templo, com suas naves, transepto, capela-mor, e pelos claustros e galerias, anexos e dependências principais.

[Vide, na altura própria do «Inventário» os capitulos «Edifícios conventuais», «Ermidas e Capelas», «Túmulos» e «Cerâmica de azulejo»].

TÔRRE DE BÉLEM



TÔRRE DE BELÉM

Século XVI

Fundação	1515
Obras de restauro	1845

[Freguesia de Belém]

Breve notícia histórica

A Torre de Belém, o mais belo monumento fortificado de todo o país, ainda que reduzido hoje a um padrão de beleza, evocativo das glórias marítimo-militares, com reflexos dos descobrimentos e projecção da opulência quinhentista, data de 1515-1519-1521, anos respectivamente do começo da obra, da sua conclusão, e da investidura do seu primeiro alcaide-mor, Gaspar de Paiva.

Realização do reinado de D. Manuel não resta dúvida de que foi concepção de D. João II, destinada a defender a entrada do rio. O «Baluarte do Restêlo», também chamado «Castelo de S. Vicente a-par de Belém», ou, simplesmente, «Torre de S. Vicente», foi executada por Francisco de Arruda, designado em 1516 o «mestre do baluarte do Restelo», lavrante de pedraria, pertencente a uma família de artistas que trabalharam em Tomar, na Batalha, nos Jerónimos, e na construção de fortalezas em Çajim e Azamor.

Parece incontroverso que a primeira traça ou desenho da fortaleza não foi de Francisco de Arruda, mas do cronista, também debuxador. Garcia de Rezende, ainda no reinado de D. João II, e, (ou), de Boytac, o insigne «mestre» dos Jerónimos, já no reinado de D. Manuel. Francisco de Arruda foi, porém, o grande architecto realizador desta obra, cujos planos, se os havia, êle interpretou, ou transformou na «mais graciosa, a mais elegante, e a mais encantadora das jóias cinzeladas sob a inspiração das fantasias mouriscas» (Oliveira Merson — 1861).

A antiga fortaleza desenvolve-se, com inspiração nacional autónoma, nascida dos elementos construtivos gótico-romanos, a qual através das sugestões da Índia e da África mourisca, deram o manuelino, exuberante neste monumento, de originalidade, de simbolismo e de fantasias, singularmente reguladas pelo poder contemporizador de Francisco de Arruda. Esteve o «Baluarte do Restêlo» rodeado de água por todos os lados, até que o deslocamento do curso do Tejo o foi envolvendo de areias, prendendo-se à torre como uma nau de quinhentos encalhada, com a prôa mergulhada no rio. A Torre de Belém tem expressão nacional, na evocação dos descobrimentos e dos fastos marítimos que se lhes seguiram, mas constitue também, nas suas particularidades históricas, um documento olisiponense, de formoso semblante e impecável beleza.

A iconografia do monumento é vastíssima. A sua crónica é dilatada, viva de glórias mas também testemunho de tristes factos políticos: baluarte recamado da simbólica e da mística portuguesa do mar; prisão do Estado, do século XVII ao XIX. Conta algumas vicissitudes; no tempo de Filipe II a Torre de Belém esteve para ser arrazada, a conselho de um architecto napolitano, Vicencio Cazale,

que no lugar daquela jóia pretendia construir uma «grande fortaleza». Em 1780-82 foi a Torre de Belém ligada por um suporte de bateria ao forte do Bom Sucesso, e quando, mais tarde, este forte passou a ficar isolado, a Torre sofreu em parte desmantelamento. No período das invasões francesas, de 1807 a 1810, foram reduzidas as ameias e guaritas do baluarte a meia altura, e retirados os arcos do varandim e outros elementos decorativos. Em 1845, por efeito dos protestos de Almeida Garrett, e a esforços do Duque da Terceira, governador da Torre, foi o monumento reintegrado pelo engenheiro militar António de Azevedo e Cunha. Em 1865 foi nela colocado o farolim que só há poucos anos dali foi retirado, e em 1867 deu-se-lhe a vizinhança das instalações abarrucadas e negras da fábrica do gás, e a sentinela obesa do gasómetro.

O monumento, constituído pela torre propriamente dita, quadrangular, e por um baluarte hexagonal, que defende a torre por envolvimento e avança sobre o rio, forma uma peça de conjunto, na qual os elementos interdependem sem dispersão; desta sorte não comporta a anotação de espécie móveis ou sólidas. Objecto de vários estudos, monografias críticas e descrições, a Torre de Belém está desde há muito inventariada em pormenor; pela sua unidade não admite neste trabalho mais que uma síntese de inventário.

[A Torre de Belém está integrada no património nacional (Ministério das Finanças) mas a defesa artística compete à Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (Ministério das Obras Públicas)].

INVENTÁRIO

Síntese

Neste monumento, de maior beleza que imponência, há a considerar o **BALUARTE**, avançado desde os extremos da frente Sul da Torre, com seis faces, e com cerca de 41 metros de comprimento, e a **TORRE**, propriamente dita, vertical, com quatro faces regulares, e com cerca de 36^m.50 de altura.

Baluarte

No **BALUARTE** há que anotar:

O **Exterior**, e neste:

O **portal principal** de acesso ao monumento, contíguo pelo nascente ao envasamento da Torre, servido por *ponte levadiça*, ornado ao gosto da Renascença, com arco lavrado de volta redonda, sobrepujado de escudo régio e de esferas armilares;

A **muralha** envolvente, hexagonal, com cerca de um quarto da altura da Torre, e nela:

A *guarda ameiada* em escudos de Ordem de Cristo;

Seis guaritas (das oito que envolvem, decorativamente todo o monumento) no vértice das faces do polígono, com janela de vigia, apoio cónico, e cúpula golpeada de gomos, no estilo bizantino;

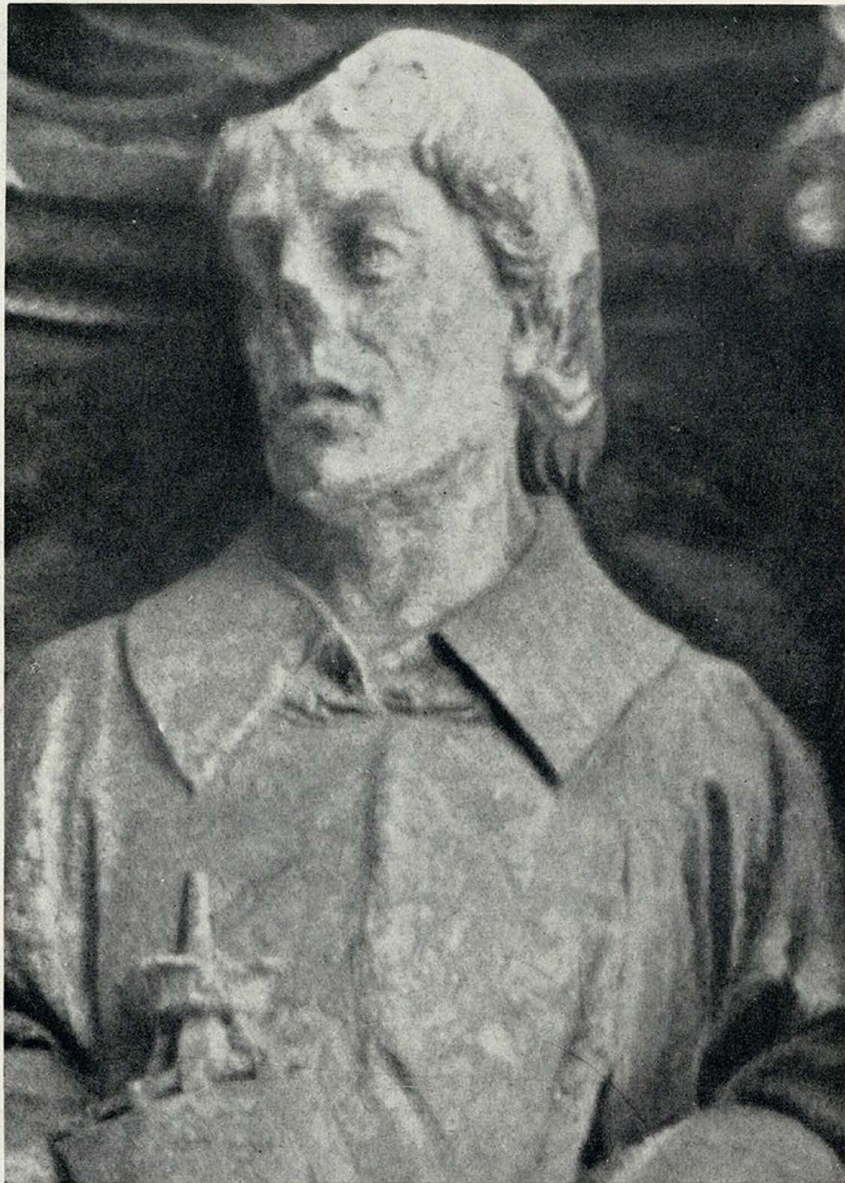
Dezasseite frestas rectangulares, ou canhoneiros, abertas na muralha um pouco acima do nível de água.



TÔRRE DE BELÉM

As imagens escultóricas da face Norte da Tôrre: S. Vicente, à esquerda da gravura, e S. Miguel, à direita

(Fotografia de Ferreira da Cunha)



S. VICENTE

Magnífica escultura, infelizmente mutilada, do pórtico principal, Poente, dos Jerónimos

(Fotografia do distinto amador Comandante António José Martins)

O Interior, e neste:

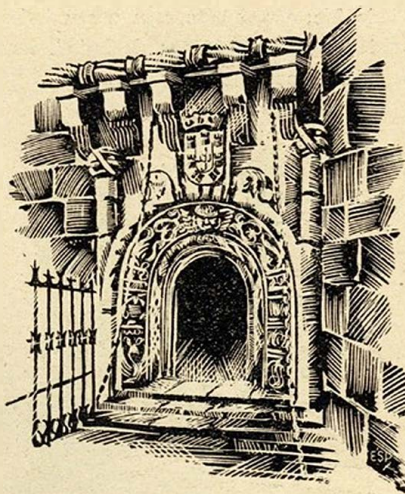
O *circuito abobadado*, de perfil românico, cujo acesso se situa logo adiante da curta escadaria, após a passagem do portal principal, e ao fundo do qual, em redor, se rasgam na pesada silharia as dezassete bôcas dos canhoneiros;

O *pátio nobre*, ou *claustro*, situado no primeiro pavimento do Baluarte, ao centro do circuito românico abobadado que o envolve; tem *seis arcos ogivais* e *quatro românicos*, estes nos topos;

Cinco subterrâneos, um sob o pátio e quatro sob o circuito, com piso abaixo do nível de água, antigos poiais e depois prisões.

A *esplanada superior* do Baluarte, descoberta cujas ameias e guaritas são as do exterior, e ao centro da qual corre, em retângulo, o parapeito de varanda arrendada, correspondente à guarda superior do Pátio de baixo, ao qual dá desfôgo de ar e luz; êste parapeito é guarnecido de colunas fusi-formes e redondas, remates naturais e decorativos dos pilares do mesmo pátio ou claustro;

Virgem do Restêlo, com o Menino, imagem de pedra com seu alto baldaquino, peça



Portal principal Renascença

que se situa no centro da face Sul do parapeito referido, e é o elemento decorativo e escultórico capitular da Esplanada.

A Tôrre

Na **TORRE** pode anotar-se, nomeadamente:

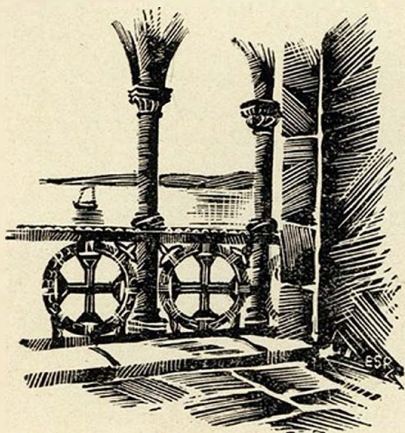
O Exterior, no qual se contém a maior beleza do monumento, e nêle:

A *face Sul*, na qual se situam: a porta de acesso à Tôrre, aberta para a Esplanada; o deslumbrante *balcão corrido* ou *varandim*, com arcaria de sete voltas redondas, apoiadas em oito capitéis manuelinos, e adornado por balaüstrada rendilhada, por sua vez assente sôbre uma ordem de mísulas em cachorrada, conjunto precioso, de paço real, sobrepujado por escudo real de D. Manuel, entre duas janelas de arcos torcidos, ladeados por esfera armilar;

A *face Norte*, na qual se situam: ao nível do chão, e correspondendo ao envasamento da Tôrre, um *portal*, por cima do qual corre o cordão ou calibre envolvente da base do monumento; em cada um dos vértices uma *guarita*, com sua cúpula, igual às da muralha do baluarte; sôbre estas dois *nichos* com *baldaquinos*, num dos quais se vê a imagem escultórica de S. Miguel e noutra a de S. Vicente, padroeiro da Tôrre e da cidade de Lisboa; uma *janela de perfil românico*, à altura do primeiro andar; um lindo *balcão*, saliente da parede, apoiado em cachorros, com dois arcos assentes sôbre três colunelos, com balaüstrada e cúpula, no mesmo perfil do grande varandim da

face principal: uma *janela geminada* sôbre aquele balcão;

As *faces Nascente e Poente*, idênticas à do lado Norte, também com o seu balcão arrendado, notando-se que do lado Poente não existe janela no primeiro andar.



Varandim voltado ao Sul

A *varanda de adarve* à altura do último andar, envolvente de tôda a tôrre, ameada com escudos da Ordem de Cristo;

A *varanda* do terraço superior do monumento, guarneçada de ameias, com guaritas nos vértices.

O *Interior* (da Tôrre), e nêle, partindo de um lanço de escadaria direita, ao qual se segue desde a primeira Sala, uma escada espiral de 161 degraus:

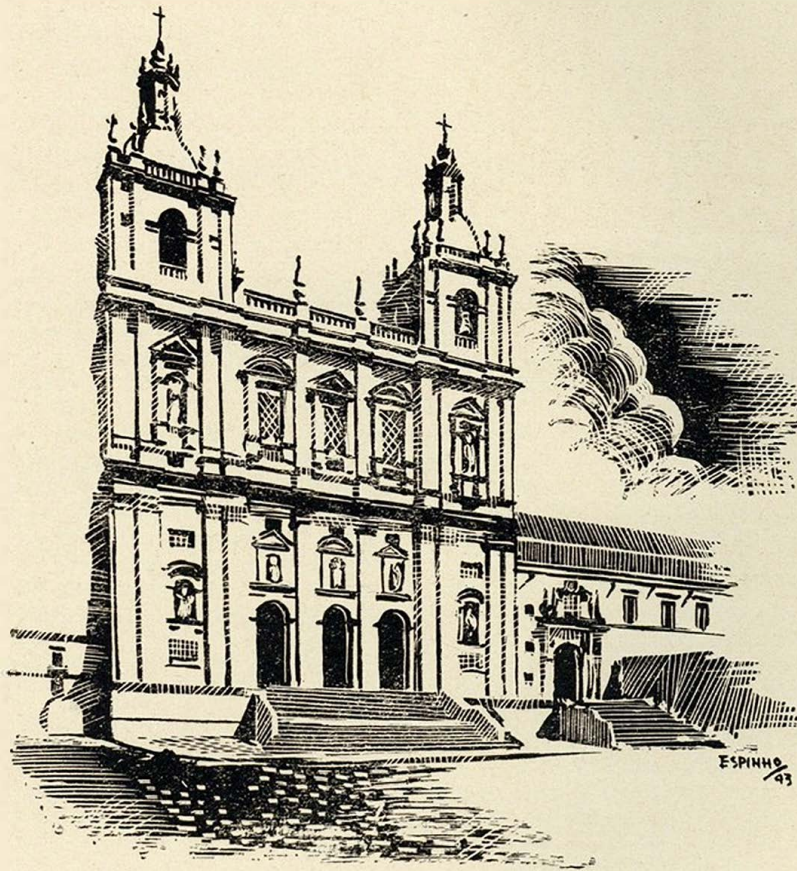
A *Sala das Provisões*, no primeiro pavimento, com acesso pela Esplanada do Baluarte, cujo teto é de superfícies gomas, recobertas de cal, notando-se nela uma bela *adufa rendilhada* de cantaria (janelas voltadas ao Norte e Nascente);

A *Sala dos Reis*, no segundo pavimento, com teto de abóbada elíptica, recoberta de cal, e arcos interiores de janela que conduzem ao varandim ou grande balcão da fachada principal e aos balcões laterais;

A *Sala Nobre*, no terceiro pavimento, de formosa abóbada de artesões, com emblemas régios nos florões ou bocetes que encontram as nervuras; nesta Sala, com uma janela ao Nascente e outra ao Norte, se encontra numa das paredes uma inscrição, em pedra, que diz: «4 de Abril de 1846 — reinando a S. D. Maria II — Sendo governador o Ministro da Guerra, Duque de Terceira — foi restituída a arquitectura desta torre — à sua forma primitiva — pelo capitão do C. de Engenheiro A. A. Cunha».

O *terraço superior*, esplanada dominante da Tôrre de Belém, com quatro guaritas nos vértices.

S. VICENTE



S. VICENTE

Século XVI - XVII

Fundação	1147
Reedificação integral	1590-1629
Restauros	Séc. XVIII e 1895

[Freguesia das Escolas Gerais]

Breve notícia histórica

A primitiva Igreja e o Mosteiro de S. Vicente de Fora foram fundação do primeiro Rei por voto prévio, como acção de graças pela vitória cristã no assédio à cidade sarracena. A primeira pedra foi lançada em 21 de Novembro de 1147. Foi a Igreja, com a casa monasteiral contigua, crescendo de fábrica no decorrer do século XII. Tanto quanto se pode deduzir da mais antiga «Vista» conhecida (a de Jorge Bráunio, 1582), era o edificio de acanhadas dimensões mas alteroso, com sua torre, austero na estrutura medieval, mais fortaleza que templo. Foi destinado aos religiosos da Ordem de Santo Agostinho, entregue, primeiramente, a frades estrangeiros, e pouco depois a cônegos regantes portugueses, vindos do Mosteiro do Banho (Vide «Edifícios Conventuais»).

Quanto ao edificio primitivo, embora sempre o Convento fôsse assistido da benemerência dos reis da primeira dinastia, nos meados do século XVI oferecia ruína; D. João III promoven-lhe obras de certa latitude, mas no tempo de D. Sebastião e no de D. Henrique, os quais ao templo e mosteiro também deram assistência — S. Vicente estava velho. D. Sebastião, que muito estremecia a Igreja e Casa fundada pelo primeiro Rei — a ponto de um seu testamento haver determinado que sua sepultura fôsse na capela-mor de S. Vicente — teria sonhado a reedificação total do Mosteiro; foi, porém, D. Felipe II de Espanha quem tomou a iniciativa da reedificação, sendo a primeira pedra lançada em 25 de Agosto de 1582.

Felipe Terzi, architecto italiano, em Portugal desde 1577 ao serviço de D. Sebastião, foi quem deu o risco para a grande obra, que iria aproveitar materiais destinados a uma Igreja de S. Sebastião, a erigir no Terreiro do Paço, cuja primeira pedra fôra lançada em 29 de Abril de 1571, mas cujos trabalhos pararam depois de Alcácer-Quibir (1578). S. Vicente, novo, contudo, não surgia, e só em 16 de Novembro de 1590 vinha de Madrid a ordem real para que «a obra se faça». Numa planta desse ano aparece já o nome do architecto português João Nunes Tinoco, que se repete noutra planta sem data. Não é arrojado admitir, contudo — como, aliás, anda escrito — que só nos dois últimos anos do século XVI ou mesmo principios do século XVII a reedificação tomasse vulto. Felipe Terzi morreu em 1597, succedendo-lhe no cargo de mestre das obras reais Leonardo Turriano. Este, João Tinoco, que na obra já trabalhava, e Baltazar Alvares — que projectara o templo de S. Sebastião, do Terreiro do Paço — foram, de facto, os architectos do novo edificio de S. Vicente, riscado por Terzi, e cujo plano inicial devia ter sido em parte alterado, até para se poderem nêle adaptar materiais, cantarias, aparelhos, antes destinados à Igreja de S. Sebastião.

A 18 de Maio de 1605 passou o Santíssimo da antiga Igreja para a Capela-Mor, a qual, com o Cruzeiro e o Còro dos Cônegos, era tudo quanto estava de pé. A inauguração do novo templo realizou-se a 28 de Agosto de 1629. Quanto ao Mosteiro as obras continuaram, arrastadamente pelo século XVII fora e primeira parte do século XVIII. O Terramoto, desmoronando o grande zimbório central, e destruindo, pelo menos, o braço Sul do transepto, obrigou a novas obras de restauro; em 1895 realizaram-se novamente trabalhos de vulto, com transformações e restauros.

S. Vicente é, pois, um monumento seiscentista, animado do espírito de clacissismo, mas ilustrado pela arte de uma renascença harmoniosa e elegante, que acusa a evolução assinalada, pelo gosto italiano, no final de quinhentos. Constitue, em Lisboa, um espécime de arquitectura, singularmente magestoso, e indiferente às outras artes.

A freguesia dita de S. Vicente, funcionou, logo desde 1147, na igreja conventual, e o seu patrono foi S. Miguel, invocação principal que se perdeu. Esteve, desde o início fora da jurisdição episcopal, e, talvez por isso, se chamou S. Vicente «de Fora», e não por estar fora dos muros da Cêrca Moura. Em fins de Janeiro de 1836 foram anexadas à paróquia de S. Vicente as de S. Tomé e do Salvador, já reunidas uma à outra desde 1806. A freguesia civil passou a chamar-se das Escolas Gerais desde 15 de Julho de 1916.

INVENTÁRIO

Síntese

A Igreja de S. Vicente assinala-se, principalmente como um monumento de arquitectura, sendo escassos, reduzidos a estatuária ornamental, os espécimes de escultura, e muito poucos os documentos de pintura. O Mosteiro é rico de cerâmica setecentista no Claustro, suas dependências e corredores dos antigos paços patriarcais e arquiepiscopais.

Trata-se neste capítulo apenas do templo, claustro e suas dependências, ainda que alheias à jurisdição eclesiástica, incluindo-se no Exterior a parte do edifício, em conjunto, que abrange o antigo Convento. Dêste se ocupará o «Inventário», oportunamente, no capítulo «Edifícios Conventuais».

No monumento assinala-se designadamente:

O Exterior, e neste a fachada principal, a fachada do antigo Mosteiro de Santo Agostinho, e as faces laterais do antigo edifício conventual;

O Interior, e nêle:

O corpo da igreja, com suas naves, capelas e particularidades architectónicas;

O transepto, com suas capelas colaterais e Capela, interior, de Santo António;

A capela-mor e o côro dos cônegos;

O claustro, e nêle a sala da portaria, a sacristia setecentista, e o panteão da Casa de Bragança.

Desenvolvimento

Considera-se, em primeiro lugar, o

Exterior

de assinalada imponência, e nêle as quatro faces do conjunto da mole dêste monumento de grande vastidão.

Anota-se:

A FACE POENTE, e nela:

A Fachada da Igreja, sôbre o Largo de S. Vicente, tôda em calcáreo alvo, dividida em dois corpos horizontais sobrepostos, assentando o entablamento do primeiro sôbre dez pilastras dóricas, e sendo o segundo, cortado também por outras tantas pilastras, rematado ao centro pela balaüstrada do terraço entre tôrres, e nos extremos pelas duas tôrres; e nela:

O *adro*, servido por grande escadaria central e ainda por escadaria lateral que nasce do «Arco Grande de Cima»;

Os *três portões*, simétricos, do corpo central, que dão acesso ao átrio ou galilé, e cuja gradaria foi renovada em 1826;

Os sete *nichos*, emoldurados e coroados de áticas, contendo *imagens escultóricas*, em pedra, e que se discriminam: no corpo inferior, Santo Agostinho sôbre o portão central, S. Sebastião e S. Vicente, respectivamente sôbre os portões da direita e da esquerda; S. Domingos de Gusmão e Santo António, em plano mais baixo, nos corpos laterais; no corpo superior, S. Norberto e S. Bruno, em correspondência vertical com os nichos laterais do primeiro corpo horizontal;

Três *janelões* iluminantes, emoldurados e coroados de áticas, no centro do segundo corpo, em correspondência vertical com os portões;

As duas *tôrres*, ou torreões sineiros, com quatro ventanas, coroadas de cúpula e grimpas, ligadas no nível fronteiro por platabanda de balaüstrades, e elevando-se acima de um «terraço das tôrres»;

A Fachada do Mosteiro, contígua pelo Sul à da Igreja, num único corpo de um só andar, rematado por terraço, e nela:

O *portal seiscentista*, peça architectónica de conjunto, ladeado por duas pilastras que

rematam em acrotérios, por sua vez guarnecendo uma *janela*, de sacada de varões, e coroados pelas armas do Reino;

Quatro *janelas*, idênticas à sobranceira ao portal, e que se prolongam em simetria para Sul, nesta face principal do edifício do Convento;

O *corpo exterior*, no vértice Sudoeste, ângulo do edifício, com duas ordens de duas janelas, correspondentes a outros tantos andares;

Uma *porta* (1694) emoldurada, rematada por cruz, no muro do lado Sul do Largo de S. Vicente perpendicular à fachada do edifício conventual, correspondente à do antigo pomar (arrendado) que faz parte integrante do monumento.

As **FACES** Norte, Nascente e Sul, e, discriminadamente:

A Face Norte, lateral da Igreja, constituída por sete tramos divididos por pilastras, que ladeiam a serventia denominada «Arco Grande de Cima», e termina junto do *Arco* ou *passadiço*, construído em 1807 (sensivelmente no mesmo local onde se erguia o Arco, antes «Postigo de S. Vicente» da Cêrca Fernandina), Arco que faz actualmente parte do Liceu Gil Vicente, guarnecido com duas janelas, verticalmente sobrepostas, em cada uma das suas faces (voltadas a Poente e a Nascente), e que faz a comunicação do edifício conventual (Liceu) para a Cêrca antiga do Convento;

A Face Norte, imediata ao Arco, já sôbre o Campo de Santa Clara, correspondente a uma ala do antigo edifício conventual (Liceu), com quatro janelas de sacada, duas a duas sobrepostas;

A Face Nascente, sôbre o Pátio de S. Vicente (que abre de um portal pobre, de 1673, no Campo de Santa Clara), e nela os *corpos extremos*, destacados, coroados de pináculos, com três ordens de duas janelas, sendo as dos andares superiores de sacada,

e o grande *corpo central*, com duas ordens de quinze janelas, e mais uma, inferior, com oito janelas iluminantes;

A *Face Sul* composta por três corpos destacados, coroados de pináculos, sendo os dois extremos, nos ângulos, ornados de

duas ordens de duas janelas de sacada, e o central, mais estreito, apenas de uma em cada andar, e situando-se, ainda, em cada um dos dois corpos lisos, intermédios, catorze janelas de peito (antigas celas) no andar superior, e oito no andar inferior.

Interior

O interior da Igreja de S. Vicente é dos mais vastos dos templos de Lisboa. O corpo da igreja mede 73 metros de comprimento por 28 de largura no cruzeiro. Entra-se no templo por um átrio ou galilé, além dos três portões.

Assinala-se, ainda fora do corpo da Igreja:

O *átrio* ou galilé, rectangular, e nêle: três *portas* de acesso ao templo, sendo a do centro guarnecida de colunas caneladas, com insígnias emblemáticas de S. Vicente (nau) e de S. Sebastião (setas enlaçadas) na vêrga, e coroada por pedra de armas do Reino (século xvii); uma porta lateral, à direita, comunicante ao cartório; um grande *nicho*, à esquerda, contendo uma estátua, em pedra, representando Santo Onofre.

No **CORPO DA IGREJA**, e seu prolongamento, há a notar, designadamente:

A *Nave* única (ou nave principal, se se quiser contar como naves laterais as passagens que marginam as três capelas e dois altares em cada lado), e nela:

A *abóbada*, central, em arco de bérço, relevada de caixotões de cantaria branca e cinzenta, com fundo de estuque côr de rosa (que se confunde com pedra), assente sobre *cornija* circundante, praticável de passagem, e apoiada em quatro pares de *pilastras* decorativas que ladeiam os *arcos* (três por cada lado) correspondentes às capelas, havendo sido abertos posteriormente à construção primitiva, no espaço entre as pilastras geminadas, *vãos* (dois por cada lado)

correspondentes a pequenos *altares* que intervalam as capelas;

As *capelas*, três por cada lado (intervaladas de *altares*), correspondendo aos grandes arcos, defendidas da nave central por *teias* de mármore policromo com *balaustrada*, e cujas abóbadas, à semelhança das do centro da nave, são constituídas por três quadrelas ou caixotões de cantaria, com fundo de estuque; discriminam-se nas invocações mais tradicionalistas, pois S. Vicente é um templo no qual as invocações de altares mais têm variado:

Pelo lado *esquerdo*: capela de Santa Úrsula (imagem antiga) com altar de madeira, de talha pobre, e ornatos, com camarim, idêntica, sensivelmente a tôdas as da nave, com excepção da central do lado direito (Senhora do Pilar); altar, actual, de Tanta Teresinha (antigo de Santa Catarina); capela do Senhor dos Passos; altar de Santa Catarina, com uma imagem da padroeira, e, presentemente, com um bom quadro, moldura, que representa o casamento místico de Santa Catarina de Alexandria; capela do Santíssimo, e nela, um bom *portal* em ferro trabalhado, adornado com motivos eucarísticos, desdobrante em quatro faces, obra do final do século xvii ou princípios do xviii; um retábulo, «A Ceia», no fundo do altar; duas imagens, em dois de três nichos, sobre a banqueta, sendo uma delas a

de S. Tude, talvez a mais antiga escultura em madeira da igreja. Pelo lado direito: capela de S. Miguel, invocação antiga que se mantém; altar antigo de Santa Bárbara, depois de Santa Rita; *capela de N. Senhora do Pilar*, a mais assinalada e rica de todo o templo, em boa talha dourada na guarnição do altar, emoldurada por colunas duplas, de banquetas de mosaicos florentinos e frontal de mármore, chão de mosaicos, e cujos envasamentos das pilastras que lhe correspondem no arco da nave são os únicos da igreja revestidos também de mosaicos florentinos; altar de S. Brás, no qual se vêem as imagens antigas deste santo, e a de Santo Agostinho, que teve honras, esquecidas, de orago; capela do Senhor dos Aflitos, na qual, em três nichos, se vêem imagens, em madeira, de Nossa Senhora da Pureza, do Senhor da Ressurreição e de S. João Evangelista;

O *Côro*, no fundo da nave, assente sobre a abóbada do átrio de entrada, guardado com varanda de balaüstrada de mármore;

Duas imagens, em madeira, dentro de nichos, uma, sobre o portal do cartório, à direita, representando um cônego regente de Santo Agostinho (na qual se tem pretendido ver uma interpretação de Santo António, quando cônego regente do Convento), e outra, na sobreporta oposta, do lado esquerdo, que conduz ao pobríssimo, batistério, e que representa S. Francisco Xavier.

O *Transepto*, de braços curtos, abobadados como a nave, cortado em volta nas paredes por pilastras agregadas, idênticas às do corpo da igreja; e nêlo:

O *cruzeiro*, cuja cúpula, em madeira, substitue pobremente o zimbório alto deruído pelo Terramoto; é esta cúpula dividida em dezasseis tramos, em círculo, e fe-

chada por clarabóia, rasgada de oito frestas, e pintada a claro escuro;

A *Capela de N. Senhora da Conceição da Enfermaria* (invocação tradicional primitiva), construída em 1698, situada no tópo da asa esquerda, revestida de mármore e mosaicos florentinos, no frontal, banquetas e colunas, coroada, no altar, por composição escultórica de serafins numa alegoria a Santíssima Trindade; nesta capela, adiante do camarim, se vêem uma imagem da padroeira, de roca, e que está longe de ser aquela que a tradição refere ter estado no arraial de Afonso Henriques, e as de Sant'Ana e S. Joaquim;

A *Capela de invocação antiga de Santo Agostinho*, colateral oposta, idêntica nos ornatos e composição à de N. Senhora da Enfermaria, mas tóda em madeira, construção imitativa da segunda metade do século XVIII, pois a capela primitiva foi atingida pelo desmoronamento do zimbório do cruzeiro; neste altar, cuja actual invocação é do Coração de Jesus, estão colocadas, além de imagens modernas (uma do Beato João de Brito, inferior) as antigas de Santa Bárbara e Santa Judite;

Um *altar*, pobre, no tópo do lado esquerdo do transepto, de S. Tomé, cuja paróquia está integrada na de S. Vicente;

As duas *teias*, em mármore de balaüstrés, separando o transepto do corpo da igreja e capela-mor;

A *Capela de Santo António*, interior, situada ao lado direito da capela-mor, com porta de ingresso, pela asa do transepto (foi até 1895, independente da igreja com porta de acesso pelo piso inferior da escadaria do Mosteiro, que hoje serve o Liceu Gil Vicente), e nela:

Uma *lápide* com inscrição de caracteres góticos, circundada de legenda em romano,

que alude à *sepultura*, encontrada em 1525, de *Teresa Taveira*, mulher de Martim de Bulhões, mãe de *Santo António* (o qual foi cónego regrante de Santo Agostinho neste Mosteiro, 1210-1214);

Outra *lápide*, meramente informativa, cuja inscrição diz apenas: «aqui estão os ossos da mãe de Santo António»;

Uma terceira *lápide do Cavaleiro da Palma*, cuja inscrição corresponde à de uma sepultura do «cavaleiro Henrique, alemão», e à lenda, a que se refere Camões nos «Lusiadas», da palma que floresceu nessa sepultura e cujo cacho sarava os enfermos; (é este o fundamento da designação de «Rua da Palma», arruamento que pertenceu aos cónegos regrantes, perto da Mouraria, no qual habitavam de preferência, em velhos tempos, comerciantes alemães);

Dois *altares*, o de Santo António e o de S. Francisco de Assis.

A *Capela-mor* (primeira construção da reedificação do templo), cuja abóbada é idêntica à da nave e transepto, e nela:

O *altar-mor*, com duas faces e rasgado, coroado por uma alta charola ou grande *baldaquino* de quatro colunas rematadas por doceis, obra da segunda metade do século XVIII, traça de Francisco Vanegas, espanhol, e a cuja composição escultórica, em madeira, não foi extranho Machado de Castro; e, nêle:

O envolvimento das bases das colunas, constituído por oito grandes *estátuas em madeira*, representando, as da esquerda, S. Vicente, Santa Mónica, Santo Agostinho e S. José, e, as da direita, S. Sebastião, S. Frutuoso, S. Teotónio e a Virgem Maria (as esculturas de S. Vicente e S. Sebastião são de Manuel Vieira, e as restantes de Alexandre Gomes e António dos Santos); duas enormes *estátuas em madeira*, colocadas sobre o arco das portas, rasgadas, que dão

passagem para o côro dos cónegos (esculturas de Manuel Vieira);

Dois *nichos* nas paredes laterais (no lugar onde existiram até 1895 as tribunas real e patriarcal), contendo estátuas em madeira representando S. Boaventura, à esquerda, e Santo António, à direita.

O *Côro dos Cónegos*, situado no posterior da capela-mor, cuja abóbada nêle se continua; assinala-se nêle:

O *grande órgão*, dos mais notáveis do país (ainda funciona, embora com registos deteriorados), assente sobre robusta pianha, todo êle revestido de boa talha dourada (primeira metade do século XVIII);

O *cadeival*, de três faces em duas ordens, com sessenta e seis assentos, em pau santo lavrado, com relêvos nos espaldares;

Dez *quadros*, a óleo sobre tela, nas paredes laterais (obra do Padre Manuel José, discípulo de André Gonçalves, segundo quartel do século XVII), e que se descreminam: do lado esquerdo, ao alto, «Martírio de S. Sebastião» e «O Mártir perante o tirano», e, em baixo, «S. Teotónio e os pobres», «S. Teotónio curando D. Afonso Henriques» e «A Morte do Santo»; do lado direito, ao alto, «Condenação de S. Vicente» e «Martírio do Santo», e, em baixo, «Baptismo de Santo Agostinho convertido por Santo Ambrósio», os «Cónegos regrantes perante o seu patrono», e «Santo Agostinho ditando as suas obras» (identificam-se pela primeira vez estes quadros, cujos assuntos estão estreitamente ligados à história do Mosteiro, e cujo autor muito bem os conhecia, por haver sido cónego de Santo Agostinho, em Coimbra);

Uma *tribuna*, a meia altura da parede, com varanda dourada, saliente, do lado direito, impraticável presentemente, e outra, do lado oposto, rasa, comunicante à «Casa dos foles».

O Claustro

● *Claustro de S. Vicente (séculos XVII-XVIII), rectangular — denominado no plural por ter dois pátios simétricos correspondentes a dois corpos, dos quais o do lado Poente, primeiro à entrada, assenta onde existiu a primitiva claustra afonsina — é o maior recinto claustral dos edifícios conventuais de Lisboa.*

Assinala-se:

O revestimento das paredes, em *silhares de azulejos* da primeira metade do século XVIII, ocupando as quatro alas principais e as duas intermediárias, grandes painos de cerâmica, alguns truncados ou mutilados, representando passos das fábulas de La Fontaine, cenas de caça, de jardim, do mar e palacianos (tipo francês);

A *cobertura* de abobadilha de quatro nervuras, em tramos sucessivos e o pavimento, que foi coberto de lajes sepulcrais, e no qual se vêem ainda algumas inscrições muito sumidas;

A *Sala da Portaria*, monasteiral, mais tarde arquivo eclesiástico, e depois (1895) Capela particular do Patriarca, a qual abre no lanço Sul do tópo ocidental do Claustro, também com acesso pelo vestibulo, e nela:

O *teto*, magnífico espécime de arte, representando «Santo Agostinho e o triunfo da Igreja», *pintura* a óleo (1710) de Vincenzo Baccarelli, restaurada (1796) por Manuel da Costa, depois de liberto de uma camada de cal aposta em 1773;

Dois *painéis de azulejo*, representando um a Tomada de Lisboa, e outro a Tomada de Santarém por D. Afonso Henriques (primeira metade do século XVIII);

Outros dois *painéis de azulejo*, com cenas alegóricas à construção do Convento e à vida monasteiral dos cônegos regrantes (mesma época e factura);

Cinco *painéis* de azulejo, representando os reis D. Afonso Henriques, D. Sebastião, D. João IV, D. Pedro II e D. João V, soberanos mais ligados à história da construção, reparo e último período da reedificação do mosteiro;

A *teia*, das mais ricas de Lisboa, de mosaicos policromos, com balaüstrada torneada em pau santo.

A *Sacristia* (começo do século XVIII) situada no istmo que divide os dois corpos do claustro, e nela:

O *portal*, voltado a Norte, ladeado por duas colunas de mármore, semi-caneladas, com coroamento de espaldar, no qual avulta a corôa real, ladeada por duas figuras alegóricas;

O rico *revestimento* completo das paredes, em mármore, de embutidos de mosaicos policromos, com placas e quadrelas; as paredes são ornadas ainda por três nichos, por cada lado, contendo bustos, em madeira, de prelados, e rasgadas por cinco janelas rectangulares, gradeadas, por cada lado (incluindo as duas das câmaras por trás do altar), as quais recebem segunda luz do claustro;

O *teto*, em madeira, recoberto de pintura ornamental perspectival (Jerónimo da Silva?);

O *altar*, pobre, no tópo, e no qual, na parede do fundo, assenta o retábulo N. Senhora da Assunção, obra de André Gonçalves;

Um *busto* de D. João V, em mármore, resaindo de um medalhão, colocado na sobreporta interior;

Os *arcazes*, em redor da sala, de pau santo com bronzes dourados, e sôbre os quais assentam, desde há poucos meses, os caixões (transferidos da sala «panteão dos patriarcas», contígua à capela-mor) dos patriarcas D. Carlos da Cunha Meneses (1818-1824) (em caixa-ossário), D. Patrício da Silva (1824-1840), D. Fr. Francisco de S. Luís (1840-1845), D. Guilherme de Carvalho (1845-1847), D. Manuel Bento Rodrigues (1857-1869), D. José Neto (1883-1907), D. António Mendes Belo (1907-1928). (O túmulo de D. Inácio de Morais Cardoso (1869-1883), continua no sub-chão da passagem do Côro dos Cónegos da Igreja para a sala de panteão primitivo);

Duas *câmaras*, e uma de ligação, situadas por trás do fundo da parede do altar, igualmente revestidas de mosaicos e embutidos.

O **Panteão da Casa de Bragança**, situado para além do tópo nascente do Claustro, com entrada por portão do lanço Norte, mandado construir em 1858 por D. Fernando II, regente do reino por morte de D. Maria II, obra de José da Costa Sequeira, restaurado em 1932-1933; e nêle:

O *túmulo de D. João IV*, monumental, num nicho do tópo da direita, construído em mármore policromos e jaspe, e encimado pelas armas reais;

Os *túmulos*, a par, de D. Carlos I e do *Príncipe D. Luis Filipe*, ao centro da sala,

em mármore de Vila Viçosa, Estremoz e Sintra (arquitecto Raúl Lino (1932-1933), com bustos em baixo relêvo (Canto da Maia), situando-se à cabeceira uma estátua «A Dor» (escultura de Francisco Franco);

O *túmulo de D. Manuel II*, de factura idêntica aos citados anteriormente, também ao centro da sala, isolado, em mármore;

Quarenta e quatro *caixotões* arrumados, em pares, em vinte e duas prateleiras, contendo os restos dos soberanos (onze) da *Casa de Bragança* (com excepção de D. Maria I e de D. Miguel), de nove rainhas e regentes, e de vinte e quatro príncipes e infantes;

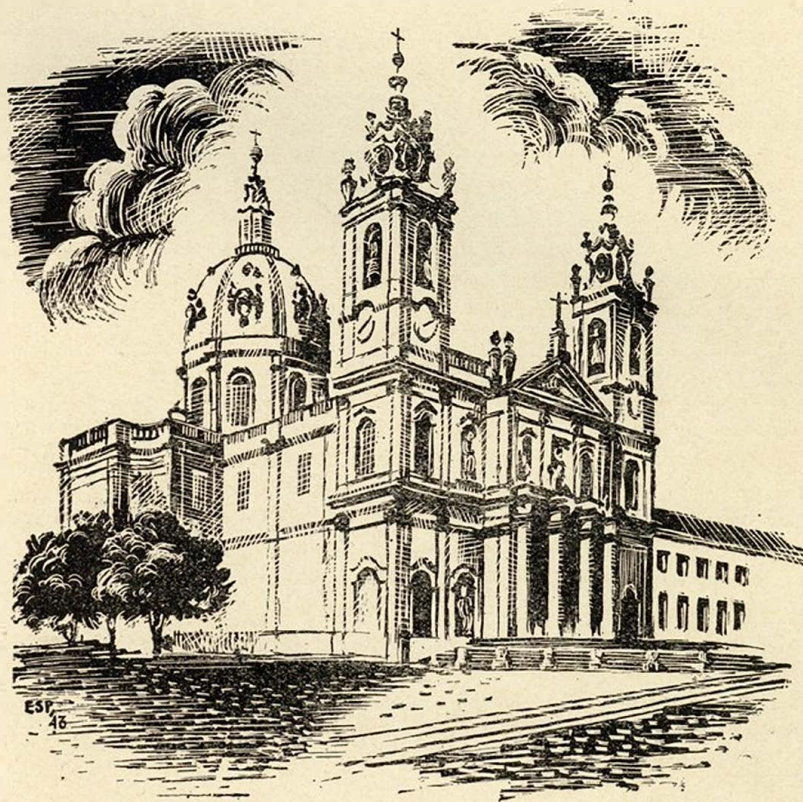
Três *lâpidas*, com inscrições, correspondentes aos caixões, ocultos na parede do corredor de acesso ao panteão, que conservam os ossos do Duque de Saldanha, Duque e Duquesa da Terceira;

A antiga e pequena **Capela da Encarnação**, situada no tópo Nascente do Claustro, e nela os túmulos, em mármore, com inscrições, de dois filhos bastardos de D. João V, D. António e D. José de Bragança («Meninos de Palhavã»; seu irmão, D. Gaspar, repousa na Sé de Braga, onde foi arcebispo).

Azulejos — S. Vicente constitue um museu de azulejos setecentistas, não apenas no Claustro, mas também nas escadarias e dependências dos antigos paços e no terraço superior (Vide a seu tempo capítulo «Cerâmica de Azulejos»).

Fica dêste modo inventariado, sumariamente, o monumento de S. Vicente de Fora, com excepção da parte conventual, ainda ocupada pelo Liceu Gil Vicente.

BASÍLICA DA ESTRÊLA



BASÍLICA DA ESTRÊLA

Século XVIII

Fundação 1776-1789

[Freguesia da Lapa]

Breve notícia histórica

A Basílica do Coração de Jesus, mais conhecida por Basílica da Estrêla, avulta entre as construções sacras de Lisboa como monumento arquitectónico por excelência, o mais notável do século XVIII. Deve-se à iniciativa da Rainha D. Maria I em cumprimento de um voto feito em 1760 para o caso de dar à luz um filho varão, o que sucedeu em 21 de Agosto de 1761 (príncipe D. José, falecido em 1788, antes da conclusão da Basílica, mas sendo já nascido (1767) o príncipe D. João, depois rei).

O primeiro architecto desta Basílica foi Mateus Vicente de Oliveira, falecido em 1786, tomando então a direcção das obras, alterando em parte o plano inicial, do qual o próprio autor se desgostara, o architecto Reinaldo Manuel; pertenciam estes artistas à chamada «Escola de Mafra»: a Basílica da Estrêla é, com efeito, o último eco da influência de Ludovice e do neo-classicismo.

Os terrenos estavam integrados na Casa do Infantado, representada pelo Infante D. Pedro, tio da Rainha, e seu marido (D. Pedro III), e a despeito dos bens daquela Casa serem, por lei, inalienáveis, foram dados às carmelitas (às quais o Convento e Basílica se destinavam), por escritura (1779), um pouco antes do começo das obras.

A primeira pedra foi lançada em 1776, começando as obras em Outubro de 1779, realizando-se a inauguração em 24 de Outubro de 1789, embora a Basílica só ficasse concluída no ano seguinte. As carmelitas descalças de Santo Alberto, vindas de Santa Teresa de Carnide, haviam entrado em clausura já em 1781. (Vide «Edifícios Conventuais».)

Não há neste «monumento nacional» (decretos de 10 de Janeiro de 1907 e 16 de Junho de 1910) grandes vicissitudes ou amplos restauros a assinalar, embora no século passado e no actual tenha recebido obras sumárias.

Muitos foram os artistas que trabalharam na Basílica da Estrêla, e que se citam no desenvolvimento do Inventário, nomeadamente Machado de Castro, senão directamente, pelo menos como inspirador e criador de modelos.

O edificio do Convento foi, em Julho de 1885, entregue à Fazenda Nacional para instalação dos serviços geodésicos, actualmente Instituto Geográfico e Cadastral. A Basílica é, desde Julho de 1886, sede da paróquia da Lapa, criada em 1770, e instalada então na Igreja de N. Senhora da Lapa.

INVENTÁRIO

Síntese

A Basílica da Estrêla, ou do Coração de Jesus, assinala-se por um conjunto de valores, dispersos harmõnicamente pela mole de pedra, quer no exterior quer no interior. Constitue um espécime arquitectónico destacado; a escultura, porém, não deixa de ter representação condigna em todo o monumento, quer na estatuária quer na composição de coroaamentos e emolduração. A pintura está pouco e mal representada, a não ser numa ou noutra espécie, que forçou, pela originalidade, a monotonia do gôsto copista, repassado de alegorias místicas. A cerâmica de azulejos representa-se apenas nalgumas dependências secundárias.

Anota-se, designadamente:

O **EXTERIOR**, apenas com as faces Norte e Nascente desafogadas de edificações, e nêle:

A **Fachada principal**, ou frontaria orientada a Norte, e nela, a colunata do corpo central; a *decoreação escultórica* da sobreporta, do tímpano e do povoamento dos nichos nos dois entablamentos; o coroaamento alteroso das *tôrres sineiras*;

O **Zimbório**, acima do terraço das tôrres sôbre o cruzeiro da Basílica, cintado, rasgados de janelões, coroado de *cúpula* grandiosa rematada por *lanternim*.

O **INTERIOR**, sumptuoso, em forma de cruz latina, com abóbadas uniformes de

mármore policromos conjugados em quadrelas, e nêle:

A **Nave**, com suas capelas laterais, tôdas com fundo de retábulo;

O **Transepto**, e nêle as *capelas* colaterais, a *capela*, interior, dos *Passos*, dependência destoante da arquitectura formal da Basílica, os quadros a óleo que revestem as paredes;

A **Capela-Mor**, idêntica na estrutura, coroaamento de altar e escultura às asas do transepto, e, nela, o túmulo da Rainha D. Maria I;

A **Sacristia**, e outras dependências anexas à Capela-Mor e aos vestibulos, e, nelas, particularidades de escultura, pintura e cerâmica.

Desenvolvimento

A Basílica do Coração de Jesus, ou da Estrêla, pode ser considerado uma miniatura da Basílica de Mafra, à parte as extensões conventuais, as proporções e o desenvolvimento das tôrres sineiras que se observam nesta última; notam-se analogias no trabalho dos artistas, em certos perfis e no semblante exterior.

Há a considerar em primeiro lugar o

Exterior

no qual avulta o gôsto da chamada «Escola de Mafra», nomeadamente no corpo central.

Assinala-se designadamente:

A **FACHADA**, principal, ao alto de um largo *adro* de dois planos servidos por escadarias, circundados por vinte e dois marcos de pedra lavrada, desenvolvida em dois planos no sentido horizontal, seccionada em três corpos, dos quais os laterais levemente recuados; e nela:

O **Corpo Central**, e nêles:

Quatro colunas, monolíticas, de ordem composita, separando os três portões, rematados em arco, que dão ingresso ao átrio;

Quatro estátuas, de mármore, em remate das colunas, à altura do segundo entablamento, representando a Fé, a Adoração, a Liberalidade, a Gratidão, cuja técnica escultórica se pode filiar na «Escola de Mafra», e devidas, como outras do exterior do monumento, a Alexandre Gomes, João José Elvini, José Patrício e José Joaquim Leitão, auxiliares de Joaquim Machado de Castro, que pode ser considerado o «escultor» da Basílica da Estrêla;

A composição escultórica, sôbre o portão do centro, representando o Espírito Santo, *baixo relêvo* com três figuras atribuído a Machado de Castro, realização directa de José Joaquim Leitão e José Patrício; situa-se à altura do côro e é ladeada por duas janelas iluminantes, de vidraça;

O *frontão*, entre duplos fogareus, rematando o segundo entablamento, com baixo relêvo alegórico no tímpano.

Os **Corpos laterais**, simétricos, apenas com variante na base, e nêles:

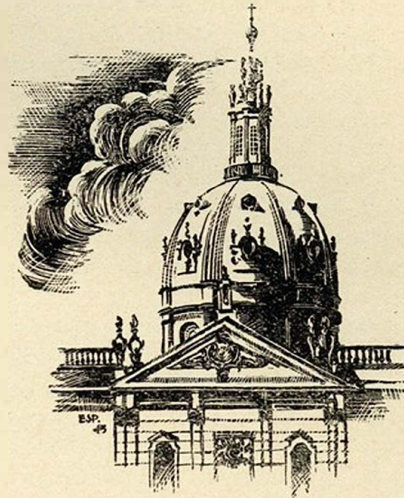
Duas estátuas, de mármore, no primeiro plano, em nichos, cada uma ladeando a colunata, e representando Santa Teresa de Ávila e Santa Maria Madalena de Piazzzi, obra dos artistas citados;

Duas estátuas, de mármore, sobrepondo-se àquelas no segundo entablamento, re-

presentando Santo Elias e S. João de Deus (mesmos artistas);

A *base* do corpo *Nascente*, correspondente à prumada da tôrre, aberta por três arcos franqueados, e servida por um portão, do mesmo desenho dos arcos, de acesso ao átrio, e ladeada exteriormente por cortina de pedra;

A *base* do corpo *Pocnte*, correspondente à prumada da tôrre ocidental idêntica em traça à citada anteriormente, com portão de grades a Norte, e três arcos que dão acesso ao átrio, ao vestibulo do cartório, e à escadaria para o terraço das tôrres;



O zimbório que domina o Ocidente da cidade

As três *faces* exteriores dos dois corpos sineiros, com outras tantas janelas iluminantes à altura do primeiro entablamento, logo sobrepostas, acima da cornija e ao nível do terraço entre tôrres, de mostradores de relógio (seis ao todo);

O coroamento das *tôrres*, adornado de *sineiras* de quatro ventanas, sobrepujados de *coruchêus*, ornados de fogareus, rasga-

dos por óculos iluminantes, e rematando em *grimpá*, com esfera e cruz de bronze;

A **FACHADA** lateral, do lado Nascente, correspondendo em linha irregular ao exterior da nave e do transepto, sem interesse de maior, e, nela, janelas gradeadas, iluminantes, no andar superior, e, ainda, no exterior do anexo conventual, a Sul, de dois andares — presentemente «Depósito Geral de Material Sanitário» — um portal setecentista, emoldurado, em arco.

O **ZIMBÓRIO**, sôbre o Cruzeiro, a Sul do monumento, coroaamento lógico da fábrica religiosa, e nêle:

O *corpo inferior*, mas acima do terraço das tórres, de secção octogonal, cortado verticalmente, entre pilastras, por oito janelões iluminantes;

A *cinla* contornante, na base da cúpula, correspondendo à *galeria* circundante praticável interiormente;

A *cúpula*, octogonal, rasgadas por oito óculos emoldurados, nos respectivos tramos, coroada por um *lanternim*, com cortina circulatória, e rematado por *grimpá*, envolvida por fogareus, e encimada por esfera e cruz de bronze.

Interior

A Basílica da Estrêla distingue-se no seu INTERIOR por sumptuosidade decorativa, valorizada por materiais nobres e por uma singular distribuição de luz. Caracteriza-o a ausência de obra de talha ou de marcenaria artística.

Assinala-se:

O **Átrio**, em corredor, ao fundo dos portões da frontaria, e nêle:

A *abóbada*, em três tramos de volta redonda, abatidos em aresta na junção com as paredes de apoio;

Três *portas de acesso* ao templo, sendo a do centro mais larga e alta, guarnecida de colunas;

Dois estátuas, em nichos, nas paredes do fundo, representando a Virgem Maria e S. José, do mesmo tipo e material das esculturas da fachada, obra atribuída directamente a Machado de Castro, mas cuja realização antes deve pertencer aos seus auxiliares.

O **CORPO DA IGREJA**, e nêle:

A **Nave**, nua de bancadas — como a da Igreja de S. Vicente —, e nela, designadamente:

A *abóbada*, em arco de cesto, dividida em três tramos, por quadrelas regulares de mármore cinzentos e rosa, regulados por linhas de flores;

O *guarda-vento*, em mogno do Brasil, artisticamente trabalhado;

O *côro*, assente superiormente ao átrio, com uma varanda central e duas laterais mais pequenas, resguardadas de meia grade;

As seis *capelas*, três por cada lado, idênticas na emolduração dos *arcos*, na *leia* semi-circular em *mármore* de balaústres, no mármore do frontal e da banquetta, constituída por sete peças de *bronze* dourado e lavrado, e cada uma com seu *retábulo* de pintura de fundo; discriminam-se: pelo lado esquerdo: altar de Santa Teresa, com imagem, e retábulo representando «S. João Evangelista escrevendo o Evangelho», altar de N. Senhora do Monte Carmo, com imagem, e retábulo «Dedicação da Basílica por D. Maria I a Santa Teresa», altar da actual invocação da Mater Dolorosa, com imagem vestida, e as de Santa Filomena e de Santo Onofre, representando o retábulo a «Dúvida de S. Tomé»; pela direita: altar de Santo António, com retábulo «Santo António em êxtase, perante a visão de S. Francisco»,

altar de N. Senhora da Conceição, com imagem, e retábulo «O sonho de S. José, e a visão da Virgem», altar de N. Senhora da Lapa, com imagens de Santa Luzia e de Santo Expedito, e com retábulo, representando «A devoção do Coração de Maria, com figuração dos anjos, Custódio, Rafael, Miguel e Gabriel»; (os primeiros cinco retábulos são obra de Pompeu Botoni, feita em Roma, 1871, e o último é pintura central da princesa D. Maria Benedicta, irmã de D. Maria I, com a colaboração (os quatro anjos) de sua irmã a princesa D. Mariana).

O **TRANSEPTO**, mais belo e ostentoso do que a nave, e nêle:

O **Cruzeiro** sôbre o qual se levanta a grande altura a *cúpula* do zimbório, e, nela, o fôrro, com oito tramos de mármore, cinzentos e rosa, amoldados à tonalidade das abóbadas, correndo em volta a *galeria* circulatória;

As *abóbadas* dos braços curtos do transepto, num único tramo, idêntico ao da nave;

A **Capela do Santíssimo**, no tópo da asa esquerda, e nela: a *teia* de mármore, com balaustrades; o grande *altar*, ladeado por altas colunas, apoiando o coroaamento de bela *composição escultórica*, representando o símbolo da Eucaristia ladeado por serafins, obra de Machado de Castro, executada por seus auxiliares; o *retábulo* do fundo do altar, representando «A Ceia», a melhor obra de Pompeu Botoni na Basílica, e a única que se libertou do processo alegórico;

A **capela colateral** correspondente à do lado direito, de estrutura arquitectónica e escultórica idêntica à da capela do Santíssimo, mas sem altar, no lugar do qual se rasga um *arco* de volta abatida, sobreposto por larga *janela* envidraçada, de molduração doirada, e que constitue a entrada do antigo «Côro das Freiras», convertido, depois de 1834, em *Capela do Senhor dos Passos*;

Quatro *quadros*, a óleo, dois em cada asa, representando, os da esquerda, «Os discípulos de Emauz» e «Santo Eliseu», e, os da direita, a «Virgem com Santa Isabel» e a «Virgem com Sant'Ana», pintura talvez de Eleutério de Barros, autor, sem dúvida, do segundo dos quadros citados;

Dois *varandas*, com balaustrada, uma em cada parede das asas do transepto, ao lado do arco da Capela-Mor, correspondendo a salas de andar superior contíguas à mesma Capela-Mor;

Alguns *altares*, sem expressão arquitectónica ou artística, advindos das dependências do extinto Convento, e, ainda, do lado direito do arco do Cruzeiro, um moderno e inestético *altar* da invocação do Beato Nuno Álvares (vai ser retirado);

A citada **Capela interior do Senhor dos Passos**, antigo Côro das Freiras, que é das primeiras construções da Basílica, numa estrutura totalmente diversa da do corpo regular do templo, e nela:

Pinturas de ornato, em fresco, nas paredes do arco de ingresso e na cobertura da passagem, e, sôbre tela, nos alisares do lado interior;

Um quadro, semi-circular, *pintura a óleo* representando «Nossa Senhora do Monte Carmo cobrindo com seu manto as religiosas carmelitas», colocado no lado interior, sôbre o arco de entrada e sob o «Côro de Cima».

O *teto* desta Capela, com pintura central representando «A Descida do Espírito Santo sôbre os Apóstolos», pintura atribuída a Pedro Alexandrino;

Seis quadros, ao alto das paredes, representando passos da Vida de Cristo, um *quadro grande* «Cristo crucificado velado pelas três Marias», um *quadro* alegórico a Nossa Senhora, e um outro *quadro*, representando S. Jerónimo, que parece factura do século passado;

O *altar do Senhor dos Passos*, situado ao centro desta dependência sacra, peça composta de mármore, com *mosaicos florentinos* do tipo de Renascença, sobrepujado por um medalhão, guarnecido de talha dourada, e sustentado por dois serafins em escultura, representando em pintura a «Devoção do Coração de Jesus»;

A *ante-capela*, com teto de ornatos e medalhões representando uma «Visão de Santa Teresa», e, nela, ainda, seis telas sobre a vida de Santa Teresa, um Santo Antônio, um «Martírio de S. Sebastião» e um quadro (não pertencente à Capela) alegórico a uma cena de fé;

O fundo da ante-capela, constituído por um *altar*, a tóda a largura, de madeira dourada, no tipo conventual;

Silhares de azulejos policromos, do final do século XVIII, tipo de «D. Maria I», mais palacianos do que religiosos, com decorações de cestos e flôres (estilo francês, Luís XVI), revestindo as paredes da Capela dos Passos;

Dois *painéis*, monocromos, tipo de registo, representando Santo Elias e N. Senhora do Monte Carmo, situados aos lados do arco de entrada desta Capela.

A **CAPELA-MOR**, com abóbada e altar idênticos aos das asas do transepto, e da mesma dimensão e estrutura, e nela:

O **grande altar-mor**, com *retábulo* de fundo, alegórico, obra de Botoni (Roma, 1781), representando «A consagração da devoção do Coração de Jesus nos quatro continentes do orbe», grande composição, com figuras, entre as quais a do Pontífice Pia VI;

Quatro quadros, nas paredes laterais do fundo da Capela, representando S. Gregório, S. Jerônimo, Santo Agostinho e Santo Ambrósio;

O **túmulo** monumental de D. Maria I (falecida no Brasil em 1816), todo em már-

more, com sarcófago alto e inscrição, obra de Faustino José Rodrigues, e colocado do lado esquerdo da Capela;

Duas *tribunas*, uma por cada lado, rasgadas para as salas contíguas do segundo andar.

Entre as várias dependências da Basílica, fora do corpo da Igreja, assinalam-se: **A Sacristia**, e nela:

O *teto*, com painel central e sete laterais, *pintura* atribuída a Pedro Alexandrino, que representa os «Evangelistas e os Profetas, com as tábuas da lei»;

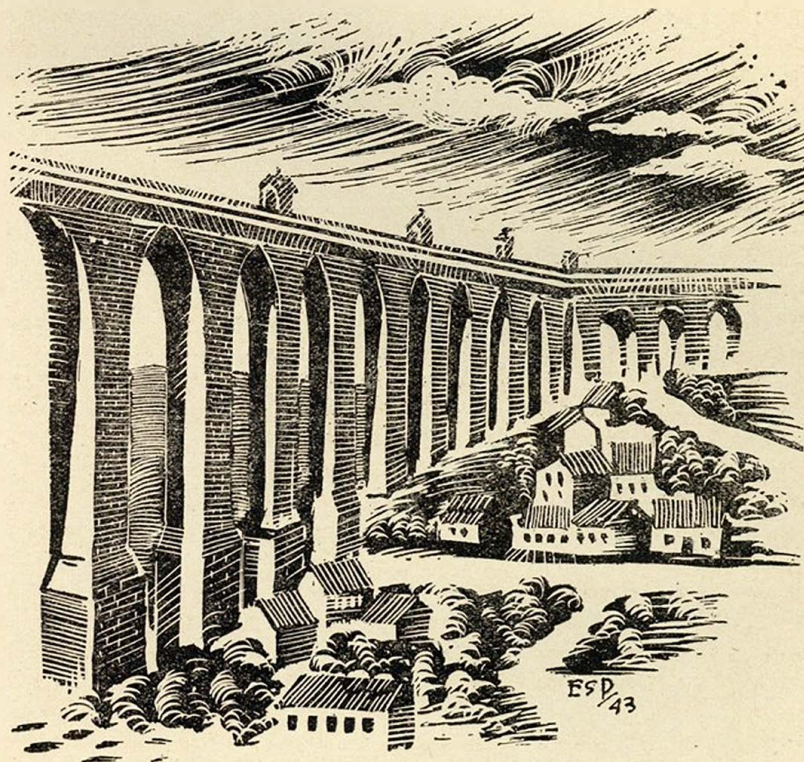
O *túmulo* de Frei Inácio de S. Cactano (falecido em 1788), mais belo do que o da Rainha, na Capela-mor, todo em mármore com grande sarcófago negro (a pedra está ferida, ao longo, pelo veio), e por alguns atribuído a Machado de Castro, dada a sua semelhança arquitetónica com aquele outro, de S. Francisco de Paula, no qual repousa a Rainha D. Maria Ana Vitória, mãe de D. Maria I, obra daquele insigne escultor;

Uma **Sala do Presépio**, sobre a sacristia, com tribunas para a Capela-Mor, e cujo teto tem também pinturas alegóricas, e, nela, o belo *Presépio*, atribuído, por informação de Volkmar Machado, a António Ferreira, mas cuja autoria, por documento, revelado últimamente, e da própria pena de Machado de Castro, deve ser obra deste escultor;

O **Cartório do Prior**, situado à direita do pequeno vestíbulo de entrada, no princípio do corredor, e nele um *silhar* historiado *de azulejos*, com cenas da vida de Santa Teresa (século XVIII), e um quadro a óleo representando Santa Teresa com N. Senhora do Monte Carmo.

(Os claustros e as dependências do antigo Convento, hoje integradas no Instituto Geográfico e Cadastral, serão inventariadas em «Edifícios Conventuais».)

AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES



AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES

Século XVIII

Fundação 1731-1748

[Freguesias de S. Sebastião da Pedreira, de Santa Isabel,
de S. Mamede, e outras do percurso]

Breve notícia histórica

O Aqueduto das Águas Livres — o mais imponente do país, e, no seu género, talvez «a obra mais magnífica da Europa antiga e moderna», no dizer de um crítico estrangeiro — é construção setecentista anterior ao Terramoto, ao qual resistiu pela solidez da construção.

O Aqueduto resolveu para o seu tempo o problema da «sêde de água» de que a cidade padecia. Razão de orgulho monumental e pitoresco de Lisboa, a cuja história municipal de todo o século XVIII ficou ligado, deve-se a sua iniciativa a Cláudio Gorgel do Amaral, procurador da cidade, representante da burguesia no Senado, mas é indiscutível que o Rei D. João V foi um tenaz impulsor da empresa, directo animador da obra junto da Câmara, podendo o seu nome, na história do monumento, figurar ao lado do de Cláudio Gorgel.

São as seguintes as principais etapas cronológicas da realização do monumento:

O lançamento oficial da idéia, que aliás não era nova, data de 1728; em 2 de Dezembro o Rei mandou, por decreto, que o Senado indicasse os meios para se iniciarem os trabalhos. Em 16 de Setembro de 1729 foram aprovados os impostos cujos rendimentos custeariam a obra (300.000 cruzados anuais, arrancados ao vinho, azeite, carne, sal e palha). Em 12 de Maio de 1731 foi ordenado o começo da obra. Em 16 de Agosto de 1732 começaram efectivamente os trabalhos de campo, de princípio muito arrastados; em 1737 Cláudio Gorgel do Amaral foi nomeado superintendente das obras, e data de então uma maior actividade na execução dos trabalhos. Em Maio de 1744 fechou-se o Arco Grande sobre a ribeira de Alcântara (Rabicha), e em 30 de Outubro desse ano a água correu, pela primeira vez, num improvisado tanque das Amoreiras. O ano dado como o do «ingresso triunfal» das águas livres em Lisboa é o de 1748, conforme a inscrição do Arco Grande das Amoreiras. As obras de galerias e ramais deviam ainda prolongar-se por todo o século XVIII.

O custo total da obra computa-se em 5.227 contos, dos 6.460 arrecadados de 1733 a 1799, produto dos impostos.

Cumpre assinalar quais os realizadores desta obra magnificante. O primeiro director da construção foi (1732) o architecto romano António Canevari, cujos serviços foram dispensados sete meses

depois, porque o seu plano não satisfazia. Foram nomeados (1733) architectos José da Silva Pais e o insigne Manuel da Maia, e logo Custódio José Vieira, pertencendo aos dois últimos o risco da obra (Manuel da Maia desde a primeira nascente até ao Monte das Três Cruzes, já nas faldas de Campolide, e Custódio Vieira desde aí até ao final, sendo dêle, pois, o plano dos Arcos Grandes sôbre Alcântara). Sob o ponto de vista técnico também superintenderam nas obras, certamente depois de rematada a parte principal da construção, Rodrigo Franco, Carlos Mardel até 1763, Miguel Ângelo Blasco, Reinaldo Manuel dos Santos até 1791, e depois Francisco António Ferreira. O cargo de architecto da obra das Aguas Livres subsistia na primeira parte do século XIX.

[O abastecimento de águas, com distribuição aos domicílios, começou a ser estudado em 1850. Em 1858 foi constituída uma Companhia, extinta em 1863, que construiu vários silêes e reservatórios.

Em 1887 foi organizada a Companhia das Aguas de Lisboa, que propôs «fazer o levantamento das águas orientais», e realizou a importante obra do «Canal do Alviela» (1871-1875-1890); as águas do Alviela chegaram ao Reservatório dos Barbadinhos em 3 de Outubro de 1880].

INVENTÁRIO

Na obra de conjunto do Aqueduto das Aguas Livres há a assinalar:

A Extensão:

Desde o Olival do Santíssimo, em Caneças, até à Casa das Águas, nas Amoreiras, 18.605 metros;

Com os ramais do trajecto, 48.036 metros;

Total com as galerias de distribuição dentro da cidade, 59.838 metros; galerias subterrâneas da origem até à Casa das Águas, 4.650 metros;

As galerias superiores, a nível, passam por 109 arcos de cantaria, tendo o cano abobadado 137 clarabóias.

O Monumento, pròpriamente dito, sôbre a Ribeira de Alcântara, começado a construir-se em 1739, na extensão de 941 metros, e nêle, a assinalar:

35 arcos, dos quais: 18, de volta inteira; do lado de Lisboa; 14 (os do centro) de perfil ogival, com robustos pegões, o maior dos quais — «Arco Grande» — mede 69^m,29 de altura e 28^m,86 de bôca; e 3, de volta inteira, na extremidade a encerrar a monu-

mental arcaria que se extingue, à superfície, no Alto da Serafina;

O Passeio dos Arcos, sôbre o Aqueduto, desde o Jardim de ingresso até ao Alto da Serafina (onde ficava vedado), transitável até 12 de Agôsto de 1852, esplanada em extensão que acompanha superiormente o monumento por ambos os lados, guarnecido de parapeitos, e cuja largura consentia a passagem de animais;

A Galeria interior, que é a condutora da água, com 2^m,88 de altura até ao remate da abóbada; correm, ao centro, um «passeio» ou piso de lajedo, e, lateralmente, as caleiras ou encanamentos;

O Jardim de ingresso no «Passeio dos Arcos», do lado de Lisboa (Calçada da Quintinha), no qual se colocou uma estátua, de Giusti (?), representando um guerreiro, bastante mutilado.

Do «Passeio dos Arcos», até à Casa da Água, nas Amoreiras, assinala-se:

A Galeria, em parte subterrânea, transitável nalguns meses do ano, a qual, pelo duplo Arco do Carvalhão, Campo de Ou-

rique (reservatório) e Rua Silva Carvalho, e depois de passar pelo «Arco Grande» da Rua das Amoreiras, entra na «Casa da Água»;

O *Arco das Amoreiras*, de perfil monumental, com elementos decorativos de ordem dórica, no qual, ao alto, se vêem duas inscrições laudatórias (uma por cada lado), em português, colocadas ali depois de 1783 para substituírem as primitivas inscrições latinas, as quais consagram a memória de D. João V, e assinalam o ano de 1748 como o do ingresso das águas na Cidade, «vencida a própria natureza», ao cabo de dezanne anos de trabalhos, «com o menor possível dispêndio de cabedais públicos», dando assim o ano de 1729 como o começo dos trabalhos, mas sendo certo que aquele ano corresponde, simplesmente, ao da aprovação dos impostos para custear o monumento;

Os *nove Arcos das Amoreiras*, passado o «Arco triunfal», após o ângulo recto perfeito que ali o Aqueduto desenha, situados sobre o fundo Poente do Jardim (Praça das Amoreiras). Estes Arcos foram desafogados de construções particulares e municipais em 1939;

A *Casa das Águas*, das Amoreiras, imponente mole de cantaria quadrangular, cujo depósito inicial data de 1744, só con-

cluída em 1834, e ainda beneficiando de obras em 1859. E nela:

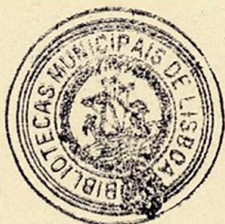
O *Reservatório*, com 5^m,14 de espessura de suas paredes, e 7 metros de alto, e cujo *tanque* ou grande bacia mede 28^m,6 de comprimento por 24^m,4 de largo, para uma capacidade de 5.500 metros cúbicos;

O *Passeio* em derredór, por três lados, do reservatório, com varanda ou parapeito, debruçado sobre o tanque. Na outra face, sem passeio, de contorno, situa-se o «Nep-tuno», de cuja bôca de golfinho se despe-nha a água.

O *Terraço superior* (explêndida esplanada panorâmica), coberto de abóbada de tejolo, circundado de gradeamento, e para o qual se ascende por uma escada cavada na espessura da parede do tópo Norte do reservatório.

(No trôço do Aqueduto, entre o «Passeio dos Arcos» e a «Casa da Água», um pouco adiante do Arco do Carvalhão, sai uma galeria, chamada do «Campo de Sant'Ana», com seus ramais, a qual servia o Destêro e o Intendente; em frente do reservatório de Campo de Ourique, sai a galeria «das Necessidades», com vários ramais; da Casa da Água sai apenas uma galeria, que bifurca adiante da actual Praça do Brasil, formando duas galerias a «do Loreto», e a «da Esperança», sendo esta a que passava sobre o «Arco de S. Bento», e está cortada desde a demolição daquele Arco.)

[Ver. na sua altura, «Fontes e Chafarizes»].



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS
DA C. M. L.



0316387



INVENTARIO DE LISBOA

P R E Ç O
1 2 \$ 5 0